086.9
O24h
19—
v. 3

ANTENOR SANTOS DE OLIVEIRA

histórias curiosas

3.º volume

EDITÔRA SANTOS DE OLIVEIRA
SÃO PAULO — BRASIL

UNIVERSITY OF
ILLINOIS LIBRARY
AT URBANA-CHAMPAIGN
BOOKSTACKS

REMOTE STORAGE

BOOKSTACKS OFFICE

HISTÓRIAS CURIOSAS

(2.ª EDIÇÃO)

Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of Illinois Urbana-Champaign

https://archive.org/details/historiascuriosa03oliv

ANTENOR SANTOS DE OLIVEIRA

HISTÓRIAS CURIOSAS

VOLUME III

(2.ª EDIÇÃO)

★

EDITôRA SANTOS DE OLIVEIRA
Av. Ipiranga, 1100 — 14.º andar — Tel. 34-1736
São Paulo — Brasil

Ilustradores diversos

086.9
Ol4h
19--
v. 3

REMOTE STORAGE

BOOKSTACKS OFFICE

Em memória de minha querida e santa mãe

ANA SANTOS MACEDO

exemplo dignificante para minha vida.

DO MESMO AUTOR:

DIAS FELIZES — 1.º livro
DIAS FELIZES — 2.º livro
DIAS FELIZES — 3.º livro
DIAS FELIZES — 4.º livro

A TEMPESTADE E A VIDA — autobiografia

DESTINOS — romance

À BUSCA DO IDEAL — Psicologia aplicada

SOB O CÉU DO BRASIL — contos

HISTÓRIAS CURIOSAS — 1.º volume
HISTÓRIAS CURIOSAS — 2.º volume
HISTÓRIAS CURIOSAS — 3.º volume

Em colaboração com outros autores:
CURSO DE LITERATURA INFANTIL

ÍNDICE

A voz da história 13

A voz da história (continuação) 21

D. Pedro II 30

Deodoro da Fonseca 52

Floriano Peixoto 59

Prudente de Moraes 66

Emílio Ribas 82

Mauá 92

Varnhagem 102

Aves 112

Ar — Ventos 132

Caxias 141

Tamandaré 150

Árvores 163

Semente — Semear 174

PREFÁCIO DA 2.ª EDIÇÃO

HISTÓRIAS CURIOSAS *destinam-se a tôdas as idades. A forma dialogada como a conduzimos mereceu da parte de inúmeros leitores as melhores demonstrações de aprêço.*

Eminente advogado e jornalista paulistano afirmou-nos:

"Nunca aprendi tanto, em tão pouco tempo, de maneira tão agradável".

Agradecendo a quantos nos confortaram de tantas e tão variadas formas entregamos ao público a 2.ª edição, em três volumes, acrescida de outras histórias contendo o mesmo espírito e valor das primeiras.

ANTENOR SANTOS DE OLIVEIRA

A VOZ DA HISTÓRIA

Vovô chegou de sua viagem. Os seus netos Carlinhos e Neusinha estão contentíssimos. Faz uma semana que se encontra no convívio dos seus. Depois de passear com seus netinhos em vários recantos da cidade Carlinhos solicitou-lhe novamente contar-lhes histórias, ao que o Dr. Antônio aquiesceu gostosamente.

Carlinhos e Neusinha chamaram os amigos Paulo, Birunga e Fredi e hoje o rodearam a postos para ouví-lo.

Paulo é o primeiro a abordá-lo: Dr. Antônio, diz Paulo: Antes de sua viagem o senhor falou que não adiantava ao mundo as glórias dos grandes conquistadores quando eu lhe pedi que sôbre êles nos falasse.

VOVÔ — Não é muito do meu agrado reviver fatos sôbre os personagens mencionados. Como você insiste, Paulo, dir-lhe-ei um pouco de cada um.

PAULO — Que bom, Dr. Antônio. Muito obrigado.

VOVÔ — Fá-lo-emos pela ordem cronológica.

NEUSINHA — Que é cronológico, vovô?

VOVÔ — Cronologia ou cronografia é a ciência das divisões do tempo, da sucessão dos acontecimentos; tratado da história, indicando a época dos fatos.

NEUSINHA — Que complicação!

VOVÔ — É o seguinte, Neusinha. Falaremos primeiro sôbre os personagens que viveram há mais tempo, depois sôbre os que viveram mais perto da nossa época.

NEUSINHA — Ah bem! Agora sim.

VOVÔ — Você já leu alguma coisa, Paulo, referente a Alexrandre o Grande?

PAULO — Aquêle da Macedônia?

VOVÔ — Precisamente.

PAULO — Que acha sôbre êle?

VOVÔ — Alexandre o Grande foi tão sòmente um bárbaro, filho de um não menos selvagem, o rei Filipe.

PAULO — Puxa!

VOVÔ — Com catorze anos, regente da Macedônia, na ausência de Filipe, ocupado em expedições militares, uma delegação de nobres persas, visitando-o, leva-lhe de presente um taco e uma bola, integrantes do jôgo predileto do rei persa. Recebendo-os, disse Alexandre aos embaixadores persas: "esta bola é o mundo. E eu sou êste taco que lhe há de bater à vontade. Tal era a concepção de Alexandre.

FREDI — Boa bola!

VOVÓ — Apesar da influência do mestre Aristóteles, muito herdou do caráter de sua mãe Olímpia, que mandou assassinar seu pai.

CARLINHOS — Que horror, vovô!

VOVÔ — Contava Alexandre 20 anos quando Felipe morreu. Subjugou ràpidamente as tribos revoltadas ao norte da Macedônia, invadiu a Grécia, arrasou Tebas e foi recebido por aduladores em tôda parte, com honrosas exceções, como no caso de Diógenes.

Não havia empecilho para as conquistas de Alexandre que continuaram até sua morte.

As suas barbaridades foram as mesmas dos grandes conquistadores: ora arrebentava a cabeça de um soldado contra a parede; ora mandava matar o marinheiro que tirara de dentro das águas do rio Eufrates o diadema real que lhe caira, por que êste

o pusera sôbre a cabeça ao nadar de volta em direção à galera; ora ordenava executar grande número de prisioneiros depois de lhes mandar cortar o nariz e as orelhas como simples divertimento diário.

Ao filósofo Calístenes, sobrinho de Aristóteles, ordenou crucificar porque êste não dera o devido aprêço à divindade que Alexandre julgava ser.

CARLINHOS — Mas era perverso demais, vovô!

VOVÔ — Realmente, Carlinhos. Lembram alguns que Alexandre fundou cidades esquecendo as muitas que destruiu. Que suas guerras foram benéficas, pois facilitaram abrir estradas, como se para abrir estradas fôsse necessário levar a destruição a milhares. Alexandre significou apenas desolação para a raça humana. E no entanto é glorificado pelas gerações. Grandes matadores dos homens têm sido pelos homens exaltados.

PAULO — Pela amostra estou vendo que o senhor tinha razão em não querer rememorar tais fatos.

VOVÔ — Revolta a pessoa de bom senso pensar no que tais homens fizeram. Mas como vocês ouviram a respeito de Alexandre o Grande convém que saibam algo em relação a outros a fim de que a história lhes seja boa mestra.

PAULO — Depois dêle quem se sobressaiu como conquistador?

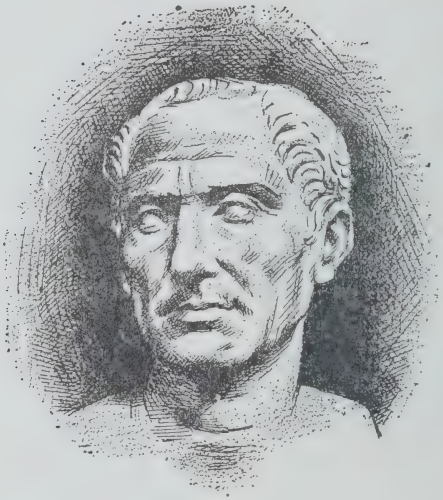
VOVÔ — Júlio Cesar. Isso duzentos e tantos anos mais tarde. As legiões romanas embebiam-se em sangue na conquista das regiões indefezas. Roma durante gerações seguidas dedicou-se à carnificina internacional com o fim de promover a grandeza nacional.

Júlio Cesar, filho de Roma, teve como maior ambição alcançar a imortalidade através do sangue

humano. A primeira coligação histórica de facínoras internacionais fêz-se com Cesar, Crasso e Pompeu.

CARLINHOS — Tanto assim, vovô!

VOVÔ — Basta dizer-lhes que quando moço, postou-se Cesar um dia diante da estátua de Alexandre, em Gales, capital da Espanha, permanecendo alí por longo tempo com lágrimas nos olhos. Um dos de sua comitiva que o observava, perguntou-lhe:



JÚLIO CÉSAR

— Por que choras?

Respondeu Cesar:

— Como poderia conter as lágrimas ao pensar que Alexandre com a minha idade tinha conquistado o mundo ao passo que até hoje ainda nada fiz digno de memoria!

BIRUNGA — Que grande salafrário! Só maldade!

VOVÔ — Era o que possuia Cesar no seu coração: a morte dos outros pela sua glória. E a sua ambição custou a vida de 160.000 dos seus compatriotas.

BIRUNGA — É verdade, Dr. Antônio, que Otávio Augusto era sobrinho de Júlio Cesar?

VOVÔ — Perfeitamente. E Otávio Augusto não fugiu ao espírito de seu tio, formando o 2.º triunvirato numa aliança criminosa com Marco Antônio e Lépido.

À semelhança de Cesar diante da estátua de Alexandre, Augusto, conquistador vivo, com grande pompa, visitou o jazigo do conquistador morto.

Os processos da matança foram os mesmos. Certa vez um senador dêle se aproximou no palácio. Não sabendo o que desejava o senador, Otávio Augusto ordenou que lhe arrancassem os olhos, mandando depois matá-lo.

PAULO — Grande bandido!

VOVÔ — Queimava Otávio todos os livros que versassem sôbre liberdade. Considerado um deus, chegou a ter poder de vida e morte sôbre três quartas partes da humanidade.

É êsse homem que à hora do encontro com a eternidade perguntou:

— Acham que desempenhei bem o meu papel?

FREDI — Que papelão!

BIRUNGA — Mas os conquistadores mais recentes desempenharam melhor papel, não, Dr. Antônio?

VOVÔ — A mesma coisa. Como exemplo, Frederico o Grande. Frederico o Grande em que pesasse o título de rei filósofo e a influência de Voltaire não fugiu à regra. Enorme era o seu desprêzo pela humanidade. Nos combates contra a França, Áustria, Baviera e Rússia, enquanto perde a metade do exército e a maior parte dos oficiais dos estado maior, o arrogante imperador prussiano sente-se aliviado com a

perda em virtude de ficar diminuido a perigo de uma conjuração militar contra êle.

Insaciável era a sua fome de guerra e de conquistas. O que lhe importava é que lhe chamassem de Frederico o Grande.

PAULO — Mas um conquistador a quem admiro é Napoleão.

VOVÔ — Você conhece bem a história de Napoleão?

PAULO — Mais ou menos.

VOVÔ — Depois que eu lhe narrar diga-me se ainda o admira.

PAULO — Então fale, Dr. Antônio.

VOVÔ — Napoleão, êsse italiano que dominou a França, oportunista cem por cento, aliava-se hoje aos homens sem calções (sans-culottes) dizendo estar disposto a sacrificar a própria vida pela liberdade para amanhã render o maior desprêzo pela liberdade e por todos os homens. Combatia ao lado de Robespierre para depois estar contra êsse e ao lado de Barras quando Barras sobe ao poder.

Em rápida ascenção a fortuna o conduz ao pôsto de comandante em chefe do exército francês. É recebido e aclamado pelo povo como salvador da república. E tendo salvo a república, passou a destruí-la.

Mudando o seu nome italiano Napuleone Buonaparte para Napoléon Bonaparte, passa, numa campanha brutal a saquear, a chacinar o seu próprio povo, o povo italiano.

Na sua campanha do Egito afirma ao povo que, com o resultado dela cada um teria o dinheiro suficiente para comprar seis acres de terra na França. E como conseqüência cada um obteve **sete palmos de terra,** não na França, mas na África. Era costume

de Napoleão oferecer aos soldados honra, glória e riquezas, enquanto êle sòzinho ficava com as riquezas, glória e honra.

Mas isso não o impediu de morrer desterrado na ilha Santa Helena vitimado por câncer.

FREDI — Ofereceu tanta terra para os outros e morrer **desterrado** hem Dr. Antônio!

VOVÔ — Gostei da sua tirada, Fredi. Foi bem atirada.

PAULO — E o Kaiser Guilherme, Dr. Antônio?

VOVÔ — Em nada foi melhor o Kaiser Guilherme, o deus aleijado que nasceu semi-morto. Criado na doutrina monstruosa de seu príncipe Bismarck, ultrapassou-a.

BIRUNGA — E Mussolini, Dr. Antônio?

VOVÔ — Benito Mussolini, filho de um ferreiro, tinha uma coração de ferro. Amante da guerra com todos os partidários dela os "feixes de amotinadores," (fascisti di combattimento) "valentes tropas de choque armadas de granada e faca".

Dizia Mussolini: "O mundo é a Itália; a Itália é o Fascismo; e o Fascismo é Mussolini".

BIRUNGA — E depois?

VOVÔ — Depois?! — A história é muito recente.

PAULO — E Hitler?

VOVÔ — Assim como Napoleão não era francês, Hitler não era alemão, mas austríaco. Quando morreu sua mãe, por mais incrível que pareça, encontrou abrigo num asilo mantido pela generosidade de um judeu o barão Koenigswarter.

A vida de Adolf Hitler é uma seqüência de ódio e brutalidades. Sente que o destino o predestinava como instrumento de vingança. Haveriam os alemães de esquecer a derrota de 1918.

E seguiu-se a tragédia.

CARLINHOS — E todos êsses conquistadores se esqueceram de quem com ferro fere com ferro será ferido", não é vovô!

VOVÔ — Certo. Queriam ser mundialmente conhecidos e o foram. Mas a maior parte dos seus atos deixa-nos claro o horror do trabalho de Satã por intermédio de certos homens.

NEUSINHA — Estou cansada de ouvir falar nessa gente. É só coisa ruim.

VOVÔ — Tem razão, Neusinha. Paremos por hoje. Agora vocês vão brincar e até amanhã.

TODOS — Até amanhã.

II

A VOZ DA HISTÓRIA

Encontram-se reunidos novamente em torno do Dr. Antônio os netos Carlinhos e Neusinha e mais os amiguinhos Fredi, Birunga e Paulo. Êste mais interessado na história dos conquistadores é o primeiro a se manifestar.

PAULO — Dr. Antônio, o senhor não falou nos imperadores cristãos.

VOVÔ — Lembrança inteligente, Paulo. Mas propositadamente deixei esta face do assunto para hoje.

NEUSINHA — Ah! Sôbre essa gente eu não quero ouvir mais.

PAULO — Mas Neusinha, sempre é bom conhecer o que êles fizeram.

NEUSINHA — Papai sempre diz que os jornais não deviam fala tanto em crimes e essa turma é só isso que faz.

VOVÔ — Você tem razão, Neusinha. E para você é um assunto um pouco pesado. Tenha paciência, apesar disso, pois mais tarde terá que estudar nas aulas de História da Civilização e já sabe pelo menos um pouco. Além disso a história é boa mestra e convém ouvir a voz da história.

NEUSINHA — Está bem, vovô.

VOVÔ — Em vez de dizermos imperadores cristãos deveriamos melhor dizer, Paulo, imperadores chamados cristãos.

PAULO — Como assim!

VOVÔ — Vejamos:

Constantino o Grande foi quem terminou com as perseguições aos cristãos. As histórias dos mártires cristãos contadas por sua mãe, fê-lo admirá-los, não pela fé, mas pelo heroismo de que eram possuidos. Aceitou o cristianismo. Reuniu o Concílio de Nicéia e tomou parte saliente nas reuniões em que discutiam a Unidade ou a Trindade de Deus. Foram vencidos os arianos. Vingou a doutrina dos trinitários sob a direção de Atanásio.

NEUSINHA — Por isso é que eu não gosto. Uma porção de palavras e coisas que eu não entendo.

Todos deram uma grande risada e Neusinha riu-se também.

VOVÔ — Ouça bem agora, Paulo. Foi Constantino um homem convertido? Conhecia êle o sentido da regeneração?

Como subiu ao trono? Pelo método tradicional entre os romanos.

PAULO — Como?

VOVÔ — Matando os outros pretendentes.

PAULO — Bandido!

VOVÔ — E não só os pretendentes. Igual sorte tiveram um seu filho, sua espôsa Fausta e seu sobrinho Licínio. Era êsse o cristão Constantino que não poupou os seus próprios familiares.

PAULO — E Carlos Magno?

VOVÔ — Coube a Carlos Magno a contribuição inicial maior para a expansão do cristianismo. Pela pregação? Pela persuasão? De modo nenhum. Antes

pela violência. Eram iguais os seus métodos nas conquistas e na propagação do cristianismo. Nenhum valor lhe tinha o semelhante.

Que diferença havia para êle matar um cão, um gato, um homem, ou pisar um inseto? Matando milhares recebe o título de Carlos o Grande.

FREDI — (Dirigindo-se a Carlinhos). Inda bem que você não é Carlos o Grande mais é Carlinhos, não?

CARLINHOS — Êsse Fredi!

FREDI — Dr. Antônio. E Hernando Cortez não era cortês?

VOVÔ — Nada de cortês. Enquanto destruia os deuses dos Asteças, exterminava o reino de Montezuma.

PAULO — E Ivan o Terrível?

VOVÔ — Ivan o Terrível que nasceu em meio de uma intensa tempestade tornou-se religioso depois dos cinqüenta anos e foi viver como eremita, morrendo com o nome de Frei Jonas. Mas a sua vida foi uma tempestade maior de que a em que nasceu.

PAULO — Pode nos dar alguns detalhes, Dr. Antônio?

VOVÔ — Como não. Quando pequeno divertia-se em atirar seus cães do alto de uma tôrre e vê-los estorcer-se de dor lá em baixo, ou em assar vivos os seus gatinhos. Quando mais velho, saía pelas ruas de Moscou a espancar os homens e a violentar as mulheres.

NEUSINHA — Canalha!

BIRUNGA — E grande covarde!

VOVÔ — Tornou-se Tzar aos dezessete anos. Uma delegação de vassalos da cidade de Pskov foi levar-lhe uma petição. Como resposta mandou despir os delegados despejando-lhes azeite e preparava-se para atear-lhes fogo com um archote, o que só não aconteceu porque um mensageiro entrou precipitada-

mente na sala do trono com a notícia de que o grande sino do alto do Kremlin havia caído. Extremamente supersticioso esqueceu a brincadeira.

CARLINHOS — É incrível uma fera dessas com corpo de homem.

VOVÔ — Gostei da sua expressão.

PAULO — E eu também.

VOVÔ — A vida dêle foi um dilúvio de sangue. Só de uma vez mandou matar cêrca de cinqüenta mil pessoas durante cinco semanas, por meio dos processos os mais ignominiosos e bem devagar para melhor saborear sua vista os métodos de sua tirania.

KAISER GUILHERME II

BIRUNGA — E dizer que o povo aguentava tudo isso!

VOVÔ — Para melhor aquilatarem a sua ferocidade bastaria êsse fato: Certa vez a fim de divertir o embaixador inglês como uma amostra do seu espírito, derramou uma caldeira de sopa a ferver sôbre a cabeça do bôbo da côrte.

PAULO — Eu li, Dr. Antônio, há alguns meses uma biografia de Catarina a Grande que um primo me emprestou. Que diz o senhor sôbre ela?

VOVÔ — Catarina a Grande teve melhor bom senso. Quase ao chegar ao fim dos seus dias disse ela a uma de suas amigas.

— Temo que Deus esteja enfadado comigo.

E responde Natachka.

— Oh! Majestade, por que dizeis isso? Fôstes boa para o povo. Abristes hospitais para crianças enjeitadas e mães indigentes. Mandastes educar meninas nas escolas da Rússia. Fizestes muitas reformas a fim de tornar a vida melhor e mais feliz o povo. Sois verdadeiramente a nossa mãezinha.

— Sim, mas sou uma pecadora, Natachka. Durante tôda a minha vida sempre joguei um jôgo desleal. E um jôgo infeliz. Comprei o amor de treze homens e não dei o meu amor a nenhum. E é êsse, Natachka, o segrêdo do meu pecado e do meu desassossêgo. Sempre passei de um homem a outro procurando conhecer o único amor verdadeiro. Nunca o encontrei, nunca.

No entanto me darão os pósteros o nome de Catarina a Grande!

PAULO — **Boa de bico.** Depois de velha é que descobriu isso.

VOVÔ — Não se esqueceu das suas gírias, Paulo. Mas felizmente fazia tempo que não as usava.

PAULO — Tenho me esforçado, Dr. Antônio, mas essa Catarina é que me obrigou. Não encontrei expressão melhor.

VOVÔ — Ela pelo menos fêz muita coisa boa. Pena é que um raio de luz como evidenciou nas suas palavras à amiga, só surgisse no exílio da época da beleza

e da mocidade na nostalgia de encanecimento dos dias.

Quanta vez só o látego do sofrimento ou o flagelo da dor conduz-nos a um juízo mais claro da vida.

PAULO — Dr. Antônio, li também alguma coisa a respeito de Gengis Khan e Kublai Khan mas não entendi bem o problema religioso referente a Kublai Khan.

VOVÔ — Dar-lhe-ei alguns esclarecimentos.

A sociedade chinesa foi fundada sôbre uma base filosófica e moral. Razão por que tornou-se fácil a invasão dos tártaros, tendo à frente Gengis Khan, que reduziram os habitantes da China à condição de escravos. Tão bárbaros eram os conquistadores que cozinhavam os corpos dos inimigos em combate e comiam com prazer a carne.

BIRUNGA — Uê, eu pensei que só índios fôssem antropófagos.

VOVÔ — A barbárie, todavia, se foi suavizando sob a influência da classe dominada cujas leis mais humanas se fizeram sentir.

Kublai Khan, neto de Gengis Khan, teve o reino mais deslumbrante de tôda a história: Quando sentava-se à mesa e levava aos lábios a taça de vinho um grupo de músicos tocava alegre melodia e os presentes em número aproximadamente de dez mil dobravam os joelhos em humilde reverência.

Pois bem. Êsse Kublai Khan era grande apreciador de religiões, conhecendo-as por intermédio dos seus súditos judeus, budistas e muçulmanos.

Quando apareceram em seu palácio Nicolau e Mateus Polo, gostou de ouvir a história de Jesus e outras narrações bíblicas. E como deferência para

com os Polos juntou às outras divindades suas conhecidas, Jeová, Buda e Alá, a de Jesus. E declarava: "Eu respeito e venero a todos os quatro e rogo-lhes que o maior dentre êles venha em minha ajuda".

PAULO — É por isso que às vêzes eu tenho a tentação de falar **bom de bico.** Não vê que malandro era êsse cara!

VOVÔ — Mas não podia Kublai Khan conformar-se que uma figura como a de Jesus se tivesse deixado crucificar. Por isso muito mais do que a história de Jesus interessou-se pela história do Papa. Aquilo sim, o Papa, um príncipe nobre, rico, orgulhoso e poderoso como êle próprio.

CARLINHOS — Como se tudo isso levasse os homens aos céus!

VOVÔ — Difìcilmente homens endeusados podem seguir a orientação do verdadeiro Deus. O orgulho, a ostentação e a pompa não se podem irmanar com o doce e suave Evangelho de Cristo.

Apresentam tais homens um cristianismo mistificado em que não sobressaia a pessoa de Cristo. Não lhes serve o Cristianismo com Cristo, com a sua pregação, com o desprendimento do amor de Cristo.

Aos que procuram conquistar o mundo pela espada não convém a palavra de Jesus: "Bem-aventurados os mansos porque herdarão a terra". Aos que têm os corações salpicados de lama, não alcança a voz do Senhor: "Bem-aventurados os limpos de coração porque verão a Deus". E muito menos podem ouvir um Salvador que manda amar até os próprios inimigos. São ensinamentos que não lhes servem.

NEUSINHA — O vovô fala tão bonito!

PAULO — Que diz de Luís XIV?

VOVÔ — A sua pergunta vem muito a propósito. Que ensinaram por exemplo a Luís XIV? Que havia duas espécies de seres humanos: os príncipes e os mortais. Que a dissimulação, a mentira e a fraude eram qualidades de um rei.

Como resultante comprava a pompa e a glória com o sofrimento dos camponeses. Fingia favorecer o povo, enquanto o oprimia e lhe dizia ser êle o seu único protetor.

Tudo fazendo para arruinar a plebe dizia no entanto que os "trabalhadores" eram mais úteis do que os soldados e que os amava a todos.

CARLINHOS — Uê, vovô, então naquele tempo já havia a tapeação de trabalhadores?

FREDI — Trabalhadores do Brasil!

VOVÔ — De um lado a guerra e o morticínio. De outro, mantinha oradores a exortar os camponeses a "morrer pelo rei como o rei estava pronto a morrer por êles". Oradores e escritores eram estipendiados na propaganda pessoal.

FREDI — Então a coisa já era bem velha.

VOVÔ — "Nada há de novo sôbre a terra".

PAULO — Não era Luís XIV também um imperador cristão?

VOVÔ — Considerava-se Luís XIV piedoso cristão. Todos os anos na sexta-feira da Paixão lavava os pés de doze pobres, deixando-os depois morrer de fome durante o ano. Para completar o panorama do seu cristianismo perseguia os huguenotes.

Cristianismo como êsse teria naturalmente conseqüências funestas.

PAULO — Eu li que Azoka era um bom rei, é verdade?

VOVÔ — Para vergonha nossa Azoka foi o único rei registrado na história que, apesar de vitorioso, re-

nunciou à guerra. E não impulsionado pelo cristianismo, (Cristo ainda não havia descido à terra, o Verbo ainda não se havia feito carne) mas pelo budismo como bom seguidor das doutrinas de buda.

CARLINHOS — Que grande responsabilidade a dos verdadeiros cristãos, não vovô?

VOVÔ — Sim. Maior responsabilidade para os pregadores do Evangelho, identificados com Cristo, os conquistadores não de terras e de nações e de glórias de outros homens, mas salvos pelo Sangue de Cristo. Não a morte de muitos pelas vidas de uns poucos, mas a vida de muitos pela morte de Um na Cruz do Calvário.

Porque os príncipes da guerra é que não podem se arvorar em implantadores das doutrinas do Príncipe da Paz.

NEUSINHA — Que bonito, vovô!

VOVÔ — Por hoje basta. Até amanhã a todos vocês.

TODOS — Até amanhã.

D. PEDRO II

CARLINHOS — Vovô, antes de viajar você nos disse que de pouco valeram ao mundo a glória, o esplendor e a fama dos grandes conquistadores. Depois, pela insistência do Paulo, você nos apresentou o panorama das suas personalidades.

VOVÔ — Realmente.

CARLINHOS — E antes também da sua viagem deu-nos traços da grandiosa figura de Pedro II.

VOVÔ — Certo.

CARLINHOS — Pois bem. Nós gostaremos que nos diga algo mais sôbre Pedro II uma vez que nos aconselhou a estudar a sua biografia.

VOVÔ — Far-lhe-ei o gôsto, Carlinhos. Primeiro quero que me respondam algumas perguntas para saber se guardaram o que lhes contei em relação ao nosso grande Imperador.

CARLINHOS — Eu estou pronto, vovô.

VOVÔ — Quem foi o 1.º Imperador do Brasil?

CARLINHOS — D. Pedro I.

VOVÔ — Quem foi o pai de D. Pedro II?

CARLINHOS — Ora, D. Pedro I.

VOVÔ — Quem foi a mãe de D. Pedro II?

CARLINHOS — A Imperatriz D.ª Leopoldina.

VOVÔ — Com quantos anos D. Pedro II perdeu sua mãe?

CARLINHOS — D. Pedro II tinha apenas um ano de idade quando faleceu sua bondosa mãe.

VOVÔ — Agora você, Fredi. Quanto anos tinha quando D. Pedro I embarcou para a Europa e nunca mais o viu?

FREDI — Cinco anos.

VOVÔ — E quantos anos tinha quando perdeu seu pai?

FREDI — Oito anos.

VOVÔ — Muito bem. Falemos um pouco mais sôbre Pedro II. Estudar-lhe a vida é um bem que fazemos ao nosso próprio espírito. O seu exemplo dignifica um povo e nos inspira a melhores ações. D. Pedro I casou-se duas vêzes e D. Pedro II é filho do primeiro matrimônio pois D.ª Leopoldina foi sua primeira espôsa. Eram ao todo cinco filhos, um homem e quatro mulheres.

D. Pedro nomeou tutor para os seus filhos a magistral figura de José Bonifácio de Andrada e Silva a quem escreveu a seguinte carta deixando ao embarcar para Portugal quatro filhos aos seus cuidados:

"Amicus certus in re incerta cernitur".

É chegada a ocasião de me dar mais uma prova de amizade tomando conta da educação do meu muito amado e prezado filho, seu Imperador.

Eu delego em tão patriótico cidadão a tutoria do meu querido filho e espero que, educando-o naqueles sentimentos de honra e de patriotimo com que devem ser educados todos os soberanos para serem dignos de reinar, êle venha um dia a fazer a fortuna do Brasil do qual me retiro saudoso.

Espero que me faça êste obséquio, acreditando que a não m'o fazer eu viverei sempre atormentado.

Seu amigo constante, **Pedro".**

PAULO — Não eram cinco filhos?

VOVÔ — Sim. Mas ao partir com sua segunda espôsa a Imperatriz D.ª Amélia levou junto a sua filha Maria da Glória.

PAULO — Por que levou uma e deixou os outros?

VOVÔ — É que anteriormente havia D. Pedro I abdicado do trono português em favor de sua filha D.ª Maria da Glória. Esta era a rainha de Portugal.

Como, todavia, o seu irmão D. Miguel usurpou o trono, teve D. Pedro I que voltar a Portugal, fazer guerra ao irmão e vencendo-o foi coroado rei de Portugal com o título de D. Pedro IV. Morrendo meses depois subiu ao trono Maria da Glória com o título de Maria II.

PAULO Uê, então Portugal já teve uma rainha brasileira?

VOVÔ — De fato, Paulo. E brasileira de nascimento. Os monarcas do Brasil e de Portugal eram ambos brasileiros e irmãos.

PAULO — Que coisa gostosa, Dr. Antônio. Viva o Brasil!

TODOS — Viva!

VOVÔ — Maria da Glória ou Maria II fêz um ótimo govêrno. Mas voltemos onde estávamos. Ficaram os quatro filhos aos cuidados do "Patriarca da Independência".

FREDI — Inda bem que D. Pedro II não ficou só mas tinha a companhia de três irmãs.

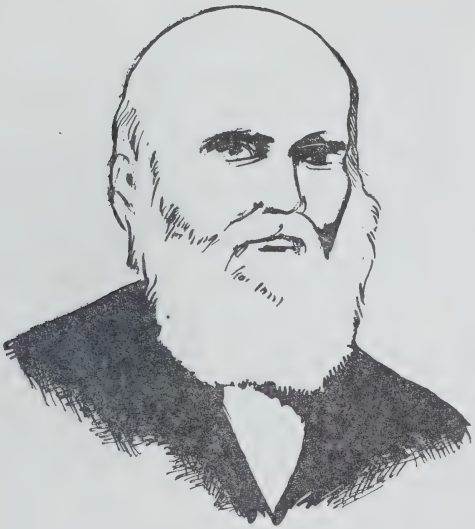
VOVÔ — Você diz muito bem, Fredi. Pois seria ainda mais doloroso se com a partida do pai, madrasta e uma irmã, não visse ao seu lado três das irmãs. Aqui ficaram os quatros irmãos no Paço Imperial de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro.

NEUSINHA — Quando o pai partiu, D. Pedro II chorou?

VOVÔ — Pedro de Alcântara não viu o pai quando êste o deixou.

NEUSINHA — Então não se despediu D. Pedro I do filho?

VOVÔ — Sim, Neusinha, mas Pedro II estava dormindo e D. Pedro I não teve coragem de acordá-lo. Sofria demais.



NEUSINHA — E D. Pedro I chorou?

VOVÔ — Se chorou! E chorou amargamente. Não se recorda que eu lhes disse ter D. Pedro I beijado ao filho, chorando?

NEUSINHA — Não me lembrava, vovô.

VOVÔ — Beijou-o na fronte, em lágrimas. Foi isso na madrugada do dia 7 de abril de 1831 no mesmo dia em que abdicou do trono do Brasil em favor do querido filho. Embarcou com a espôsa e Maria da Glória

a bordo de um navio da marinha de guerra inglêsa e ali permaneceu seis dias na linda Baía de Guanabara até que no dia 12 um dia antes da partida com o coração a pulsar forte e os olhos vermelhos de tanto chorar escreveu duas cartas a dois dos filhos: Primeiro a Pedro de quem havia recebido uma, d ecerto sob a inspiração de José Bonifácio, depois à Francisca.

A carta a Pedro II foi assim:

"Meu querido filho e meu imperador. Muito lhe agradeço a carta que me escreveu. Eu mal pude ler porque as lágrimas eram tantas que me impediam de a ver. Agora que me acho, apesar de tudo, um pouco mais descansado, faço esta para lhe agradecer a sua e para certificar-lhe que, enquanto vida tiver, as saudades jamais se extinguirão em meu dilacerado coração. Deixar filhos, pátria e amigos, não pode haver maior sacrifício; mas levar a honra ilibida, não pode haver maior glória. Lembre-se sempre de seu pai e ame a sua e minha pátria, siga os conselhos que lhe derem aquêles que cuidarem da sua educação e conte que o mundo o há de admirar, que hei de encher-me de ufania por ter um filho digno da Pátria. Eu me retiro para a Europa, assim é necessário, para que o Brasil sossegue e Deus o permita, possa para o futuro chegar àquele grau de prosperidade de que é capaz. Adeus meu amado filho, receba a benção de seu pai que se retira saudoso e sem mais esperanças de o ver".

Por esta certa evidencia D. Pedro I superiores sentimentos e como que adivinha o glorioso futuro do filho e a gloriosa prosperidade do Brasil. Pena é que tenha morrido tão moço e sem tempo de ver um pouco da nobreza do filho e do futuro da Pátria.

Enquanto o Dr. Antônio transmitia o conteúdo da carta e a comentava, um silêncio comovido ia na alma e no semblante dos netinhos e amigos. Neusinha tinha os lábios trementes querendo e sem poder falar. É Carlinhos quem se dirige ao Dr. Antônio.

CARLINHOS — E como foi a outra carta?

VOVÔ — Mais curta. Parece mesmo que lhe faleciam as fôrças para continuar a escrever. Ei-la:

"Minha querida Chiquinha. Tu não podes fazer uma idéia sequer (nem a tua idade to permite) do que são saudades: elas me rasgam o coração a ponto que o meu consôlo é chorar. Adeus minha amada filha, receba a benção de teu pai que muito te estima — D. Pedro de Alcântara".

Também D.ª Amélia, a segunda espôsa do Imperador, escreveu longa e boa carta a Pedro II.

NEUSINHA — E depois, vovô?

VOVÔ — Conforme lhes disse, D. Pedro II ficou sob os cuidados de José Bonifácio de Andrada e Silva. Êste, homem de cultura e de valor, desejou e influiu para que Pedro II tivesse a mais esmerada educação. Aprendeu D. Pedro II a ler com facilidade, dominou ràpidamente as matérias do curso primário, fêz o curso de humanidades. Estudou com cuidado o idioma pátrio, chegando a conhecê-lo bem, somou bom cabedal no domínio das ciências e aprendeu com segurança algumas línguas vivas e mortas.

Tornou-se homem de vasta cultura, nobreza de espírito e de extremoso coração.

Mesmo quando já no trono há muitos anos comprazia-se em verdadeiras tertúlias literarias com seus ex-mestres.

A um dêles, Prof. Cândido José de Araújo Lima, entregou a instrução das filhas, as princesas Isabel e Leopoldina.

BIRUNGA — Grande homem o nosso Imperador!

VOVÔ — Tanta estima tinha êle pelo ensino e pelos mestres que é conhecida a sua frase: "Se eu não fôsse Imperador seria professor".

Ao lado do seu profícuo govêrno estudava constantemente e lia muito, tendo sido considerado, para ufania de nossa querida pátria, o mais ilustre monarca da sua época.

Não querendo a instrução só para si, cuidou sèriamente do problema da educação pública no Brasil e pessoalmente fazia muitas vêzes visitas às escolas integrando-se nos assuntos das aulas.

BIRUNGA — E é verdade, Dr. Antônio, que exilaram a um tão grande Imperador?

VOVÔ — Sôbre o seu exílio falaremos mais tarde, mas, aproveitando a sua pergunta, transmito-lhes, no domínio do saber o seguinte fato:

Saira D. Pedro II de nossa pátria apressadamente deixando aqui o seu maior tesouro que era a sua escolhida biblioteca constituída de milhares de valiosos volumes. Algum tempo depois querendo um amigo mandar-lha não o permitiu D. Pedro II, doando-a à Biblioteca Nacional. Dedicado como era aos seus livros vocês podem imaginar o que de grandioso representava êsse gesto.

D. Pedro II empolgava-se em todo o terreno da cultura: letras, ciências e artes.

BIRUNGA — Lembro-me que o senhor nos disse ter auxiliado a muitos dos nossos conterrâneos.

VOVÔ — Perfeitamente. Recordam-se de que um dêles foi Almeida Jor?

BIRUNGA — Dos nomes não me lembro bem.

VOVÔ — Pois um dêles chamava-se Almeida Jor. Vou contar-lhes como D. Pedro II o encontrou: Visitando D. Pedro II a cidade paulista de Itu ao lado de autoridades e amigos, incomodavam-se os ituanos por ter Sua Majestade reparado em rabiscos de carvão em calçadas, muros e paredes. D. Pedro não se desapontou. Os rabiscos eram de carvão mas formavam belos desenhos que pareciam saidos das mãos de mestres. Eram do menino Almeida. D. Pedro II quis conhecê-lo. Gostou dêle, fazendo-o estudar no Rio e depois na Europa, tornando-se o grande pintor Almeida Júnior uma das glórias da arte pátria.

CARLINHOS — Como era bom D. Pedro II!

PAULO — Dr. Antônio, o senhor mencionou uma carta escrita pela madrasta de D. Pedro II na sua partida. Pode contar-nos os têrmos dessa carta?

VOVÔ — Como não? D.ª Amélia demonstrou os maiores e melhores sentimentos de mulher e falava como se fôsse sua mãe, tal a afeição demonstrada em sua carta. Dizia assim:

"Adeus menino querido, delícias de minha alma, alegria de meus olhos, filho que meu coração tinha adotado; adeus para sempre, adeus.

O quanto és formoso neste teu repouso. Meus olhos chorosos não se podem fartar de te contemplar a majestade de uma coroa, a debilidade da infância, a inocência dos anjos cingem tua engraçadíssima fronte de um resplendor misterioso que fascina a mente.

Eis o espetáculo mais tocante que a terra pode oferecer. Quanta grandeza, quanta fraqueza a humanidade encerra, representada por uma criança! Uma coroa e um brinco, um trono e um berço!

A púrpura ainda não serve senão para o estôfo e aquêle que comanda exércitos e rege um Império carece de todos os desvelos de uma mãe.

Ah! querido menino, se eu fôsse a tua verdadeira mãe, se minhas entranhas te tivessem concebido, nenhum poder valeria para me separar de ti, nenhuma fôrça te arancaria dos meus braços. Prostrada aos pés daqueles mesmos que abandonaram o meu espôso, eu lhes diria entre lágrimas: não vêde mais em mim a Imperatriz, mas uma mãe desesperada. Permiti que eu vigie o nosso tesouro. Vós o quereis seguro e bem tratado e quem haveria de o guardar e cuidar com maior devoção? Se não posso ficar a título de mãe, eu serei sua criada ou sua escrava.

Mas tu, anjo de inocência e de formosura, não me pertences senão pelo amor que dediquei ao teu augusto pai a quem um dever sagrado me obriga acompanhar no seu exílio, através os mares, às terras estranhas! Adeus, pois, para sempre adeus".

BIRUNGA — Que linda carta, Dr. Antônio!

VOVÔ — Verdadeiramente expressiva e digna do amor feminino.

CARLINHOS — Mas não termina aí. O vovô já me contou tôda a história desta carta.

BIRUNGA — Então continúe, Dr. Antônio.

VOVÔ — É muito comprida. Por isso dir-lhes-ei que após várias considerações e apêlos às mães brasileiras, termina D.ª Amélia sua carta da seguinte forma:

"Ei-lo adormecido. Brasileiros, eu vos conjuro que não o acordeis antes que me retire. A boquinha molhada de meu pranto, rí-se à semelhança do botão de rosa ensopado com o orvalho matutino. Êle se ri e o pai e a mãe o abandonam para sempre.

Adeus órfão imperador, vítima de tua grandeza, antes que o saiba conhecer.

Adeus anjo de inocência e formosura, adeus. Toma êste beijo e êste... e êste último, adeus para sempre, adeus".

BIRUNGA — É comovedor.

VOVÔ — Sim, abdicava D. Pedro I em favor do seu filho, D. Pedro II uma criança de 5 anos, 4 meses e 5 dias, deixando-o no Brasil e seguindo para Portugal.

CARLINHOS — Tinha cinco anos, 4 meses e 5 dias?

VOVÔ — Sim.

CARLINHOS — Em que dia D. Pedro II nasceu?

VOVÔ — No dia 2 de dezembro de 1825 no Rio de Janeiro.

CARLINHOS — Ah! É então por isso que deram àquela rua no Flamengo o nome de 2 de Dezembro?

VOVÔ — Certo. Com apenas cinco anos, não podendo reinar, foi o Brasil governado por intermédio de regências: regência trina provisória, regência trina permanente, regência de Diogo Antônio Feijó e regência de Araújo Lima.

Nos períodos regenciais houve várias revoltas e motins em diversos Estados da Federação, no Rio Grande do Sul, Estado de São Paulo, Minas e Norte dos país. Êsses acontecimentos, principalmente o do Rio Grande, punham em perigo a Unidade Nacional.

Por isso é que alguns patriotas não esperaram a época constitucional ou seja completar D. Pedro dezoito anos para ser colocado no trono. Foi D. Pedro II declarado maior quando tinha apenas 14 anos, isso em 23 de julho de 1840, com o consentimento do grande Imperador. Todo o Brasil vibrou com o acontecimento.

BIRUNGA — Mas era muito cedo não, Dr. Antônio?

VOVÔ — Os interêsses do país o exigiam. E foi um bem. Estudioso, equilibrado e bom como era, em pouco tempo adquiria experiência e se tornou o verdadeiro chefe da nação.

O menino fêz-se homem, treinou suas fôrças e logo se viu nêle grande capacidade de ação. Aos poucos enfronhou-se nas lutas partidárias, estudou os homens públicos que o cercavam, permeabilisou-se no labirinto administrativo, conheceu-lhe os pontos fracos e manejou bem o maquinismo nacional.

Curioso, culto, erudito, observador e dotado dos mais nobres sentimentos, não lhe faltaram as maiores e melhores qualidades de grande administrador e Imperador.

A agitação política dos primeiros anos do seu reinado ainda mais o escudaram e o enrijeceram para a grande jornada governamental.

PAULO — E quando se casou?

VOVÔ — Casou-se cedo também. Contava apenas dezoito anos de idade quando do seu consórcio com a princesa Teresa Cristina Maria de Bourbon, filha do rei Francisco II, das Duas Sicílias, a 30 de maio de 1843.

PAULO — Quantos filhos teve?

VOVÔ — Quatro. Os dois primeiros do sexo masculino morreram ambos com dois anos de idade. Depois, duas filhas.

PAULO — É verdade que na guerra do Paraguai, D. Pedro II foi em pessoa ao campo de batalha?

VOVÔ — É verdade. Deu o exemplo e se fêz acompanhar dos seus dois genros o Conde D'Eu e o Duque de Saxe. Invadido o Brasil, para defender a soberania

da terra, a figura magistral do Imperador inspirou os nossos combatentes.

PAULO — O senhor quer descrever-nos as guerras que o Brasil manteve?

VOVÔ — Seria melhor dizer as guerras que o Brasil foi obrigado a manter. Mas não vou descrevê-las. Basta dizer-lhes que na política externa tanto como na interna D. Pedro II seguiu uma linha quase impecável. Nos conflitos externos sempre esteve ao lado dos poderes constituídos quer se chamassem blanco ou colorado. Na questão do Prata, na guerra contra Oribe e Rosas, na guerra contra Aguirre ou na contra Solano López ainda mais se evidenciaram as grandes qualidades do nosso Imperador. Em todos os seus passos impôs-se à estima do nosso povo e à admiração de outras nações.

PAULO — E para ir à frente das tropas brasileiras contra o Paraguai viajou muito, não é Dr. Antônio?

VOVÔ — Bastante. Aliás D. Pedro II fêz várias excursões longas pelo Brasil não só para conhecer nossas terras como para ver de perto as necessidades interioranas. Cada vez que voltava ao Rio punha-se a atender o de que carecia nossa gente.

BIRUNGA — Só viajou pelo Brasil?

VOVÔ — Não. Andou pela Europa, Estados Unidos e até parte da Ásia. Três vêzes foi à Europa onde os homens mais eminentes nas letras, ciências e artes, o aclamaram. Também, quando em 1876 visitou os Estados Unidos recebeu as maiores provas de consideração. Nos Estados Unidos é que, em visita à exposição internacional que se realizava em Filadélfia pôde cooperar com o inventor do telefone, Bell, quando outros não lhe davam atenção.

NEUSINHA — Então todo o mundo gostava de D. Pedro II?

VOVÔ — Era muito difícil alguém não o apreciar. A sua prestigiosa figura inspirava as mais vivas simpatias e o mais profundo respeito de tôda gente. Homem corpulento, rosto expressivo, barba comprida, simples e carinhoso, serenidade imperturbável, linha reta constante, dignidade e elevação permanentes eis os traços do 2.º Imperador do Brasil.

CARLINHOS — Progrediu muito o Brasil no reinado de D. Pedro II?

VOVÔ — Foi em seu reinado que tivemos as primeiras estradas de ferro, o telégrafo elétrico ligando cidades brasileiras e o nosso país ao exterior, navegação a vapor, o uso dos sêlos postais, iluminação a gaz, água encanada, esgôtos, bondes a tração animal, calçamento das vias públicas, aumento das fazendas de café, engenhos de açúcar, bem como o uso de telefone. Fomentou a imigração estrangeira e difundiu a instrução pública.

CARLINHOS — Em que época construiu as primeiras estradas de ferro e linhas telefônicas?

VOVÔ — De 1854 a 1858.

PAULO — Foi grande mesmo!

VOVÔ — Em tudo. No ser, no saber e no sentir. Por isso é que lhe foi dado ganho de causa quando de nossa questão com a Inglaterra sob a arbitragem do rei dos belgas em 1862. Por isso é que foi nomeado D. Pedro II três vêzes árbitro em importantes litígios internacionais.

CARLINHOS — Quais foram êsses litígios, vovô?

VOVÔ — O do Alabama de vários govêrnos europeus em conseqüência da guerra de sucessão nos Estados Unidos e o da reclamação também de vários govêr-

nos europeus em virtude da guerra do Chile contra a Bolívia e o Peru.

CARLINHOS — E dizer-se que um homem dêsses foi banido do Brasil!

VOVÔ — Sofreu Pedro II ingratidões e decepções. Viu-se de repente despojado do trono e expulso da Pátria a que tanto amava. Dói-nos tudo isso. Mas o que se temia era o Brasil reino após a sua morte. Eu, contudo, julgo que deviam esperar pelo seu passamento.

CARLINHOS — Tanto que êle fêz pelo Brasil!

VOVÔ — E ainda que tivesse vivido pouco tempo depois, muito ainda podia fazer.

CARLINHOS — Viveu pouco, depois de proclamada a república, vovô?

VOVÔ — A República Brasileira foi proclamada a 15 de novembro de 1889 e êle faleceu em Paris a 5 de dezembro de 1891, repousando sua cabeça sôbre um travesseiro de terra do Brasil que êle havia mandado buscar.

CARLINHOS — Por que o vovô diz que êle ainda muito podia fazer?

VOVÔ — Poucos meses antes de falecer, em 23 de abril de 1891, escrevendo ao seu amigo Visconde de Taunay mencionou alguma coisa dos seus planos: leis sociais, questões econômicas, proteção às indústrias, instrução livre, igreja livre no Estado livre, pertencendo a parte religiosa às famílias e aos ministros das diversas religiões, duas universidades, uma no Norte e outra no Sul, imigração, aproveitamento das terras, explorações e conhecimentos das riquezas naturais, navegação de rios e diferentes vias de comunicação. Instalação de um moderno observatório

astronômico, segundo as suas previsões e estudos, superior ao que havia então em Nice. Melhoramentos para o exército e marinha. Higiene pública e particular. Na sua carta teve expressões como esta: "Acompanhava-me sempre a idéia de ver o Brasil que me é tão caro, o meu Brasil, sem ignorância, sem falsa religião, sem vícios e sem distâncias. Para mim o homem devia ser regenerado e não suprimido; e, por isso muito estudava a penalidade ....."

.....

"Nunca me descuidei da sorte física do povo sobretudo em relação a habitações salubres e a preço cômodo e à sua alimentação".

Longa foi a sua carta. Retrata tôda a magnitude do Imperador Pedro II do Brasil.

Deve êle possuir um lugar no coração de cada brasileiro.

TODOS — No meu êle está.

VOVÔ — Naturalmente o desgôsto do exílio apressou a sua morte.

CARLINHOS — O vovô é republicano ou monarquista?

VOVÔ — Republicano.

CARLINHOS — Mas Pedro II não era tão bom?

VOVÔ — Realmente bom e correto. Mas quem poderia dizer que o seu substituto seria semelhante a êle? Já lhes contei a história de antigos imperadores. Ainda que os tempos houvessem mudado e creio mesmo não conseguiriam nos nossos dias os reis procederem tão mal como outrora, seria um mando absoluto e inconveniente.

Num Império, ou reino, é sempre um seu descendente quem o substitui. Muitas vêzes indesejável.

O govêrno republicano é exercido pela escolha do povo. Exerce-o por um prazo curto e certo. Se não é bom o mal não perdura porque é logo substituido.

Na América só existia Império no Brasil e se durou tanto tempo foi precisamente porque tivemos um grande Imperador.

CARLINHOS — Mas eu não me conformo de haverem exilado o Imperador Pedro II.

VOVÔ — Estou inteiramente de acôrdo com você. Até no último momento D. Pedro II demonstrou a nobreza do seu caráter.

CARLINHOS — Pode citar-nos alguma coisa neste sentido, vovô?

VOVÔ — Como não! Um dos exemplos foi a sua carta em resposta a do Marechal Manuel Deodoro da Fonseca em que êste convidava a D. Pedro II retirar-se do Brasil com a família no que lhe foi concedido o prazo de 24 horas. Eis a carta:

"À vista da representação escrita que me foi entregue hoje, às três horas da tarde, resolvo, cedendo ao império das circunstâncias, partir, com tôda a minha família, para a Europa, amanhã, deixando esta pátria de nós estremecida, à qual me esforcei por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação durante quase meio século, em que desempenhei o cargo de chefe do Estado. Ausentando-me, pois, eu com tôdas as pessoas de minha família, conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889. — D. Pedro de Alcântara.

CARLINHOS — De fato é uma carta bastante significativa.

VOVÔ — Nela evidencia mais uma vez a sua notável personalidade.

CARLINHOS — Conte-nos um pouco mais sôbre Pedro II, vovô.

VOVÔ — Como voltamos a falar de sua saída do Brasil, quero deixar-vos mais um nobre gesto de Pedro II.

CARLINHOS — Qual?

VOVÔ — Pedro II ao ser destronado encontrava-se pobre. Dera muito de sua bôlsa particular em favor de pessoas necessitadas, instituições e em auxílio a bom número de estudantes. Pois bem. O govêrno provisório mandou comunicar a D. Pedro II que tinha resolvido fazer-lhe doação de cinco mil contos de réis para o seu estabelecimento na Europa.

D. Pedro II em carta dirigida ao seu procurador deu a seguinte resposta:

"Tendo tido conhecimento no momento da partida para a Europa, do decreto pelo qual é concedida à família imperial, de uma só vez, a quantia de cinco mil contos, mando que declare que não receberei, bem como minha família, senão as dotações e mais vantagens a que temos direito pelas leis, tratados e compromissos existentes, e portanto, se tiver recebido aquela quantia, deverá restituí-la sem perda de tempo. Recomendo,, outrossim, que, cingindo-se aos têrmos desta comunicação, dirija ofício, que fará imediatamente publicar e do qual me remeterá cópia. (a) D. Pedro de Alcântara. — Bordo do Alagoas, ao chegar a São Vicente das Ilhas de Cabo Verde, 29 de novembro de 1889.

PAULO — Grande!

VOVÔ — E D. Pedro II foi residir em Paris num hotel modesto. Um pouco antes, logo que chegaram à Euro-

pa faleceu sua espôsa D.ª Teresa Cristina, a 28 de dezembro de 1889.

Em meio da sua dor e dentro da sua veia poética escreveu êste sentido soneto:

A IMPERATRIZ

Corda que estala em harpa mal tangida,
Assim te vais, ó doce companheira
Da fortuna e do exílio, verdadeira
Metade de minh'alma entristecida!

De augusto e velho tronco hástea partida,
Transplantada à terra brasileira,
Lá te fizeste a sombra hospitaleira
Eu que todo infortúnio achou guarida.

Feriu-te a ingratidão no seu delírio;
Caíste e eu fico, a sós, neste abandono
Do teu sepulcro vacilante círio!

Como fôste feliz! Dorme o teu sono...
Mãe do povo, acabou-se o teu martírio;
Filha de Reis, ganhaste uma grande trono.

NEUSINHA — Gostei, vovô. Então êle amava muito sua mulherzinha, hem!

VOVÔ —Tinha que amá-la e muito. Foi ela digna, boa e virtuosa companheira.

CARLINHOS — Então D. Pedro II fazia versos?

VOVÔ — Era bom poeta. Eis outro em que relembra a queda do cativeiro no Brasil e depois o que lhe sobreveio.

GRANDE POVO!

Desfalecido, errante, forasteiro,
Já das sombras da morte circundado,
Súbito ouvi: Ressurge! que extirpado
Foi no Brasil p'ra sempre o cativeiro".

Presto a fugir o alento derradeiro
Volveu-me ao coração quase parado:
"Grande povo!" exclamei, "povo adorado!
Entre os demais da terra és o primeiro!"

Traguei depois meu cálice de amarguras;
Mas da verdade a lei não há quem mude:
Grande povo! eu dissera entre torturas.

Grande povo! no brio e na virtude!
Sê feliz, goza em paz as mil venturas
Que deparar-te quis e que não pude!

CARLINHOS — Quanta tristeza e quanto sentimento!

NEUSINHA — E êle não tinha raiva do que fizeram com êle?

VOVÔ — Naturalmente que a ingratidão dói. Êle se entristeceu com muitos. Era humano e não podia deixar de sofrer na carne e estranhar o procedimento de alguns. Grande positivamente foi a sua mágoa. E êle não a escondeu. Deixou-a clara através de outro soneto.

NEUSINHA — Qual, vovô?

VOVÔ — O soneto a que deu o nome de

INGRATOS

Não maldigo o rigor da iníqua sorte,
Por mais atroz que fôsse e sem piedade

Arrancando-me o trono e a majestade
Quando a dois passos só estou da morte.

Do jôgo das paixões minha alma forte
Conhece bem a estulta variedade
Que hoje nos dá contínua felicidade
E amanhã nem um bem que nos conforte.

Mas a dor que excrucia e que maltrata
a dor cruel que o ânimo deplora
Que fere o coração e pronto mata

É ver na mão cuspir à extrema hora
A mesma bôca aduladora e ingrata
Que tantos beijos nela pôs outrora.

NEUSINHA — Muito bem, PedroII! Foi um desafôro da turma!

PAULO — A Neusinha tem razão, não acha Dr. Antônio?

VOVÔ — Tem sim. Precisava Pedro II extravazar sua tristeza.

BIRUNGA — D. Pedro II escreveu mais poesias?

VOVÔ — Escreveu. Êle que sempre teve palavras de carinho para o Brasil, expressou-se mais uma vez essa condição do seu espírito através de outro soneto escrito em Paris a 13 de setembro de 1891, dois meses e pouco antes de falecer:

TERRA DO BRASIL

Espavorida agita-se a criança
De noturnos fantasmas com receio

Mas se abrigo lhe dá materno seio
Fecha os doridos olhos e descansa.

Perdida é para mim tôda a esperança
De volver ao Brasil; e de lá me veio
Um pugilo de terra e nesta creio
Brando será meu sono e sem tardança.

Qual o infante a dormir em peito amigo
Tristes sombras varrendo da memória,
Ó doce Pátria, sonharei contigo!

E entre visões de paz, de luz, de glória,
Sereno aguardarei no meu jazigo
A justiça de Deus na voz da História!

BIRUNGA — E quando foi que êle morreu?

VOVÔ — No dia 5 de dezembro de 1891, no modesto hotel Bedford situado à rua de l'Arcade, 17, em Paris. Ao expirar proferiu estas palavras: "Nunca me esqueci do Brasil. Morro pensando nêle. Deus o proteja".

Seu corpo foi transportado para Portugal e enterrado em São Vicente de Fora onde já se encontrava o de sua espôsa D.ª Teresa Cristina.

A república francesa, por ocasião da morte de D. Pedro II, prestou-lhe honras de chefe de Estado.

FREDI — Sempre ouvi falar bem de Pedro II mas agora depois de tudo o que o senhor nos contou, Dr. Antônio, passei vardadeiramente a admirá-lo.

VOVÔ — É sua palavra a de todo o brasileiro. Felizmente D. Pedro II não errou quando disse: "Sereno aguardarei no meu jazigo a justiça de Deus na voz da História".

PAULO — Ainda que hoje o senhor nos haja contado uma história maior ainda ficaria muito tempo a ouví-lo.

VOVÔ — Contar-lhe-ei outra boa história na próxima reunião. Até manhã.

TODOS — Até amanhã.

GOVÊRNO PROVISÓRIO E PRIMEIRO QUADRIÊNIO DA REPÚBLICA

DEODORO DA FONSECA

Encontram-se reunidos o vovô, os netos e seus amigos. Guardavam a lembrança do que lhes contou o Dr. Antônio no dia anterior sôbre a empolgante figura de D. Pedro II. Foi o Birunga quem primeiro falou.

BIRUNGA — Dr. Antônio, como se iniciou a República no Brasil?

VOVÔ — Proclamada a República no dia 15 de novembro de 1889 foi no mesmo dia organizado o govêrno provisório.

BIRUNGA — Quem foi o chefe?

VOVÔ — O Marechal Manuel Deodoro da Fonseca. Do ministério tomaram parte brilhantes figuras como Aristides Lobo, Campos Sales, Quintino Bocaiuva, Ruy Barbosa, Benjamin Constant, Floriano Peixoto e outros.

PAULO — E foi tudo azul como queriam?

VOVÔ — Não. Até entre dois velhos amigos como Deodoro e Benjamin Constant houve rixas que quase foram fatais para o regime. Finalmente serenaram-se os ânimos. Algo, contudo, pairava no ar. O próprio Deodoro da Fonseca parecia por vêzes, em seus gestos e movimentos ressentir-se ainda do que fizera ao seu amigo Pedro II. Deodoro, figura austera, em

muitas ocasiões bastante autoritário, possuia bons sentimentos suficientes para que a consciência lhe doesse de quando em quando pelo que havia praticado. E mesmo o povo sentia alguma saudade do magnânimo Imperador. As coisas não se haviam mudado de todo.

BIRUNGA — Conte um pouco neste sentido, Dr. Antônio,

VOVÔ — Como exemplo o seguinte: O nosso belo Hino Nacional composto pelo maestro Francisco Manuel da Silva fôra proibido de ser cantado na República. Queriam mudar primeiro a sua música. Por que? Que tinha a música do hino com formas de govêrno? Não era e não é o hino monarquista ou republicano. É o símbolo da Pátria. Não pensavam assim os proclamadores da República. Esperava-se que alguém compusesse outro. Passava-se o tempo e o hino não aparecia. Como compor um tão belo e vibrante como o que tínhamos? E quem teria coragem de escrever outro que o substituisse? O certo é que todos sentiam saudades do hino nacional. Homem do povo, da armada, do exército.

Encontravam-se todos com êsse espírito, quando em dia de festa nacional realizava-se uma parada militar. Surge, entre ministros e generais, o presidente da nação, o Marechal Deodoro da Fonseca.

As cornetas tocam sentido e depois a continência. Alguns oficiais não suportam o mal estar. Pedem a Deodoro consentimento para que as bandas de música toquem o antigo hino nacional. O marechal reluta. Mas não foi êste o hino que êle ouviu nos dias gloriosos da guerra do Paraguai? Quanta saudade! Deodoro da Fonseca não aguenta mais. Consente. Rompem os primeiros acordes. O povo des-

cobre-se em delírio. Vivas ecôam à nação. E muitos do povo e dentre os soldados choram de emoção.

BIRUNGA — Como devia ser impressionante aquêle momento, Dr. Antônio.

VOVÔ — E de fato o foi. E mandava-se conservar oficialmente o Hino Nacional.

BIRUNGA — E depois, Dr. Antônio?

VOVÔ — No dia 15 de novembro de 1890 realizou-se a eleição para deputados à Assembléia Constituinte. Dois meses mais tarde, 15 de novembro, reuniu-se sob a presidência do Dr. Prudente de Moraes. Em

24 de fevereiro de 1891 foi promulgada a Constituição da República do Brasil que teve como seu maior artífice a ínclita figura de Ruy Barbosa.

No dia seguinte, 25 de fevereiro de 1891, reuniram-se os representantes da Assembléia para eleição do primeiro presidente constitucional da República, tendo sido eleito o Marechal Deodoro com 129 votos contra 97 alcançados por Prudente de Morais.

Para a vice-presidência foi eleito o Marechal Floriano Peixoto.

Deixava Deodoro da Fonseca de ser presidente provisório para ser presidente eleito da nação.

CARLINHOS — Foi bom o seu govêrno, vovô?

VOVÔ — Antes de falar sôbre o seu govêrno, vejamos alguns dos seus traços biográficos.

CARLINHOS — Diga-nos, vovô.

VOVÔ — Nasceu Deodoro da Fonseca em Alagoas no ano de 1827. Seu pai que era tenente-coronel, chamava-se Manuel Mendes da Fonseca. Matriculou-se Deodoro na Escola Militar do Rio de Janeiro em 1843 completando o curso de artilharia em 1847. No ano seguinte, 1848, foi prestar serviços em Pernambuco contra os revolucionários e em 1849 era nomeado 2.º tenente em virtude de sua magnífica ação no combate do Recife. Pelo mesmo motivo distinguindo-se noutro combate em Barra de Natuba é nomeado capitão em 1852. Em 1858 já era comandante da Escola Militar. Em 1859 seguiu para Mato Grosso onde permaneceu prestando bons serviços durante 3 anos. Dois anos mais tarde, já major, toma parte nas operações do Uruguai. Em 1868 é elevado ao pôsto de coronel na guerra do Paraguai quando agiu como um bravo e onde foi gravemente ferido com três balas em Augustura e Itororó. Em 1870 foi encarregado de comandar o primeiro batalhão de artilharia a pé. Em 1874 foi elevado a brigadeiro e dez anos depois marechal de campo, em 1884. Foi governador do Rio Grande do Sul de onde foi exonerado por suas atitudes políticas. Do Rio Grande do Sul voltou a Mato Grosso e de lá retorna ao Rio de Janeiro já muito popular e aí dirige o movimento que proclamou a República dos Estados Unidos do Brasil.

CARLINHOS — Então teve uma vida bastante agitada, não, vovô?

VOVÔ — Realmente. E de relevantes serviços prestados à pátria. Daqui em diante vejamos outros acontecimentos relativos a Deodoro e ao seu govêrno.

Desde algum tempo ainda no Congresso Nacional Constituinte que não andavam bem Deodoro e o poder legislativo. E não foi sem apreensões que se verificaram as eleições do presidente constitucional. Razão porque logo no início de sua gestão como presidente constitucional agiu desabridamente em vários Estados onde não encontrava eco a sua política. Conseqüentemente o país todo irritou-se e recrudesciam os ânimos nas duas casas do Congresso até que incompatibilizaram-se inteiramente. Temia-se mesmo a restauração monárquica. Como os ânimos ainda mais se exacerbassem o marechal dissolve o Congresso e decreta estado de sítio no Distrito Federal e Niterói.

A reação não se fêz esperar. Com ela revolta-se o contra-almirante Custódio José de Melo. O Marechal ordena resistência. E homem de impusos, abre uma gaveta, tira um revólver e carrega-o dizendo: "Só entrarão aqui sôbre o meu cadáver". Mas ao lado do seu espírito impulsivo era grande patriota e possuia momentos de grande lucidez. Percebendo que o país seria arrastado a uma guerra civil, ouve conselhos de amigos, principalmente os do ministro barão de Lucena que tinha sôbre êle grande ascendência e resolve renunciar entregando as rédeas do govêrno ao vice-presidente, o marechal Floriano, isso no dia 23 de novembro de 1891.

CARLINHOS — Que parte tomava Bejamin Constant em tudo isso?

VOVÔ — Bejamin Constant não mais existia. Havia morrido na madrugada do dia 22 de janeiro dêsse mesmo ano.

NEUSINHA — Coitado!

VOVÔ — Deodoro também não demorou muito a passar para a eternidade. Faleceu no dia 23 de agôsto de 1892 às 12 horas e 20 minutos, em sua residência à rua Senador Vergueiro, precisamente 9 meses após deixar o govêrno.

Era Deodoro homem correto e com rasgos de generosidade. Um dêles que demonstra também o seu espírito disciplinado e cordato é o seguinte:

Como gostasse muito de fumar charuto e o estivesse fazendo em lugar proibido a sentinela o adverte ao que Deodoro responde, depois de jogar fora o charuto:

— "Muito bem, camarada! A ordem é para todos. E eu devo dar exemplo".

BIRUNGA — Belo gesto!

VOVÔ — Quanta coisa devia passar pelo espírito do Marechal nos últimos dias da sua vida!

CARLINHOS — Por que diz isso, vovô?

VOVÔ — Porque o venerando fundador da República não admitia que o visitassem fardado.

CARLINHOS — É, vovô?!

VOVÔ — Certo. Chegou até a afirmar ao seu irmão o Dr. João Severiano "que nunca mais usaria farda, que na sua casa a ninguém mais receberia militarmente uniformizado e que depois de morto o vestissem a paisana".

NEUSINHA — Eu tinha raiva de Deodoro por ter mandado embora Pedro II mas agora não tenho mais raiva dêle, vovô. Coitado dêle, não vovô?

VOVÔ — Foi um homem de grande valor de quem se deve honrar a memória! Apesar dos êrros por êle cometidos e do seu gênio dominador e por vêzes arrogante, tenho pela figura de Deodoro grande admiração. Maiores do que os seus equívocos foram os benefícios por sua pessoa prestados à Pátria. Só o fato de renunciar num momento difícil para a Nação em que êle vê o bem geral ainda que em detrimento momentâneo da sua autoridade, prova o valor do marechal Deodoro da Fonseca.

BIRUNGA — Que fêz Floriano ao receber das mãos de Deodoro a presidência, Dr. Antônio?

VOVÔ — Deixemos êste assunto para amanhã.

BIRUNGA — Que pena, Dr. Antônio!

VOVÔ — Assim vocês descansam mais hoje. Até amanhã.

TODOS — Até amanhã.

PRIMEIRO QUADRIÊNIO — FLORIANO PEIXOTO

Reunidos os nossos amigos, o Birunga que se encontrava aflito, diz:

BIRUNGA — Dr. Antônio. Hoje é o dia do senhor falar-nos sôbre Floriano.

VOVÔ — Vocês devem lembrar-se de que já fiz diversas referências em relação a êle quando tratamos da vida de Ruy Barbosa bem como algumas em nossa reunião anterior ao estudarmos Deodoro.

BIRUNGA — Recordo-me do que explicou a respeito de Floriano ao contar-nos a história de Ruy Barbosa. Mas de certo terá muita coisa interessante ainda a esclarecer-nos referente a Floriano Peixoto.

VOVÔ — Dir-lhe-emos os assuntos que mais de perto interessam, do mesmo modo que temos feito com os outros nossos biografados.

CARLINHOS — O senhor disse quadriênio e por que não quatriênio?

VOVÔ — Pode-se usar indiferentemente quadriênio ou quatriênio.

CARLINHOS — Por que?

VOVÔ — Quadriênio em virtude da origem latina quadriennium e quatriênio pela influência da palavra quatro.

CARLINHOS — Obrigado, vovô.

VOVÔ — Por sinal êsse quadriênio exercido por dois presidentes não foi bem de quatro anos, pois começou

em 25 de fevereiro de 1891 e terminou em 15 de novembro de 1894, durando portanto 3 ano 8 meses e 20 dias. O govêrno constitucional de Deodoro durou desta forma 8 meses e 28 dias enquanto o de Floriano a maior parte do período.

NEUSINHA — Êsse negócio de datas é muito complicado, vovô.

VOVÔ — Floriano Peixoto era coestaduano de Deodoro da Fonseca. Nasceu no Estado de Alagoas em 1842. Ingressando no exército brasileiro, tomou parte em diversos combates e projetou-se na guerra do Paraguai. Conceituado no exército e distinguido pelo povo foi eleito senador às côrtes constituintes pela província de Alagoas. A revolta que depôs o regime monárquico alcançou-o no pôsto de major general. Daqui é que se inicia a nossa história sôbre êle no primeiro quadriênio da república brasileira.

Ao assumir o lugar de presidente do Brasil em substituição a Deodoro os seus primeiros atos foram levantar o estado de sítio que pesava sôbre o Rio e Niterói e revogar a dissolução do parlamento ordenando a sua imediata reunião. Essas medidas serenaram passageiramente os ânimos. É todavia, o próprio Floriano quem se incumbe de inflamar tudo de novo.

CARLINHOS — De que modo, vovô?

VOVÔ — Não quis Floriano cumprir o artigo 42 da Constituição.

CARLINHOS — Como era o artigo?

VOVÔ — O artigo 42 estatuía o seguinte: "Se, no caso de vaga por qualquer causa, da Presidência ou Vice-Presidência, não houverem ainda decorrido dois anos do período presidencial, proceder-se-á a nova eleição".

Ora, conforme eu lhes disse, quando contamos a história de Ruy Barbosa, o incitador de Custódio de Melo contra Deodoro foi precisamente Floriano Peixoto que desejava o poder. Então queria conservá-lo, a qualquer custo.

O Congresso lhe dá apôio. Mas isso não impediu que êle governasse sob inúmeras perturbações.

CARLINHOS — Quais, vovô?

VOVÔ — Os governadores dos diversos Estados haviam aderido ao golpe de Estado com que o marechal Deo-

doro dissolvera o Congresso, com exceção do major Lauro Sodré, governador do Pará.

Pois bem. Apesar de haverem enviado telegramas de apôio ao novo presidente, foram depostos por Floriano.

BIRUNGA — Que fora, Floriano.

VOVÔ — Deodoro havia cometido grave êrro ao dar o seu golpe? Certo. O êrro de Floriano foi maior pois

não dera um só golpe, mas dezenove golpes, depondo os dezenove governadores.

CARLINHOS — De fato, vovô.

VOVÔ — Floriano que já se havia colocado fora da lei em não mandar proceder as eleições novamente põe-se fora da lei em depôr os governadores.

Com isso revolta-se a fortaleza de Santa Cruz. Consegue Floriano sufocar a revolta.

Dois meses depois treze generais de terra e mar publicam um manifesto intimando o marechal Floriano a proceder a eleição presidencial. Ao mesmo tempo levava-se a efeito manifestação popular ao marechal Deodoro que se achava doente.

CARLINHOS — Que fêz Floriano?

VOVÔ — Em vez de atendê-los reforma onze dêles e transfere dois para a segunda classe. Por causa da manifestação intencional a Deodoro, decretou estado de sítio e mandou prender grande número de cidadãos, civís e militares, encerrando uns em fortalezas e enviando outros para vários presídios do Amazonas.

O espírito público ainda mais se acendeu. A ordem pública é de novo perturbada no Rio Grande do Sul.

Adere ao movimento revolucionário o almirante Eduardo Wandelkolk que é aprisionado e remetido ao Rio, outra arbitrariedade de Floriano Peixoto pois Wandelkolk era senador. A marinha irrita-se com essa prisão e inicia reuniões secretas.

Floriano Peixoto começa a transferir para diversos Estados muitos oficiais. Razão porque a armada revolta-se tendo à frente de novo o contra-almirante Custódio José de Melo. Três meses depois

recebe o apôio do contra-almirante Luis Filipe Saldanha da Gama, ilustre diretor da Escola Naval.

Feriram-se alguns combates. Custódio de Melo poderia ter vencido a revolução, mas o seu próprio patriotismo o impediu. Houve mais de uma razão para que isso não acontecesse. Entre elas a divergência entre Custódio de Melo e Saldanha da Gama no terreno doutrinário. É que Saldanha da Gama desejava a volta da monarquia com o que discordava Custódio de Melo.

Revoltosos da armada refugiaram-se a bordo de dois navios portuguêses, sob o comando do almirante Augusto de Castilho, que lhes deu asilo. Êste fato levou Floriano a romper com Portugal entregando o passaporte ao conde de Paratí, ministro português aqui acreditado.

Custódio de Melo, apesar de hostilizado pelas fôrças fieis a Floriano, conseguiu sair barra fora e concentrar-se com outros revoltosos em Santa Catarina.

No Rio havia chegado da Europa nova esquadra adquirida por Floriano.

NEUSINHA — Quanta guerra, vovô!

VOVÔ — Muita mesmo. Tudo por causa da ilegalidade do govêrno de Floriano. Apesar disso o Congresso que Floriano convocou conferiu-lhe todos os poderes para conservar a ordem e a paz na República. Mas de onde veio a desordem? Pela insistência de Floriano manter-se ilegalmente no poder. Enaltecem-no os seus defensores por ter respondido que receberia à bala o auxílio estrangeiro que lhe foi oferecido. Seria o cúmulo se o aceitasse. Aceitar auxílio para manter um govêrno ilegal?

Não há dúvida que Floriano foi um bravo. Mas isso justificaria a sua obstinação do poder? Por muito menos não o deixara Deodoro da Fonseca?

Dizem ainda os que o defendem que foi Floriano o consolidador da República. Teria sido? Já não havia governado na República o marechal Deodoro em govêrno provisório e constitucional? A monarquia jamais voltaria ao Brasil. Por ventura quando deixou o govêrno estavam apaziguados os ânimos? Não. Se houve um consolidador êste foi o govêrno seguinte, além de pacificador.

Era tal o seu apêgo ao mando que era sua intensão não passá-lo ao legitimamente eleito para substituí-lo, o Dr. Prudente de Moraes. Não fôsse a doença que o minava teria dado novo golpe.

Lutas dessas são inglórias. Levam a destruição aos outros e a si próprio. A enfermidade tomou conta de Floriano encontrando o terreno propício no tumultuar do seu cérebro. Não muito tempo depois de iniciar novo período governamental, Prudente de Moraes, desaparece Floriano Peixoto no dia 29 de junho de 1895 com 53 anos de idade. Fato curioso é que no mesmo dia deixava de existir, no Rio Grande do Sul, o seu pertinaz adversário Saldanha da Gama.

BIRUNGA — Deve ter sofrido muito!

VOVÔ — A ambição mal dirigida conduz o homem a muitos sofrimentos. Devo lembrar-lhe no entanto que Floriano Peixoto foi um grande e um bravo. Possuia muita energia e coragem. Apesar de não concordar com a sua política e com seus atos na administração, há uma sua atitude histórica que me faz admirá-lo.

CARLINHOS— Qual, vovô?

VOVÔ — Várias pessoas discutiam a revolta da esquadra ao lado de Floriano Peixoto e de alguns ministros. Lamentava-se a luta civil que dividia irmãos brasileiros e ensanguentava o território nacional.

Destacando a coragem cívica do marechal Floriano um dos presentes declarou:

— "O almirante Saldanha da Gama é um covarde".

A um conceito tão injusto do belo ornamento da armada brasileira, Floriano pôs-se de pé e indignado, respondeu:

— "Cale-se, senhor! O almirante Saldanha é um bravo. Entre os almirantes brasileiros não há covardes!"

CARLINHOS — Francamente, vovô, é um confôrto para mim saber disso em relação a Floriano.

VOVÔ — Do mesmo modo a mim, Carlinhos, me faz bem. Terminemos por hoje. Até amanhã.

TODOS — Até amanhã.

PRUDENTE DE MORAES

NEUSINHA — Vovô, é verdade que os três primeiros presidentes republicanos no Brasil, eleitos pelo povo, eram paulistas?

VOVÔ — É verdade, Neusinha. Por sinal eu já lhes mencionei uma vez os nomes.

NEUSINHA — Quais, vovô?

VOVÔ — Vou repetí-los. O primeiro foi Prudente de Moraes. O segundo, Campos Sales. O terceiro, Rodrigues Alves.

NEUSINHA — Fale-nos sôbre êles, vovô.

VOVÔ — Falaremos sôbre o primeiro, Prudente de Moraes. Todos os três honraram a nossa pátria, dignificaram a nação.

O nome todo de Prudente de Moraes era Prudente José de Moraes Barros. Nasceu em Itu a 4 de outubro de 1841. Filho de agricultores eram os seus nomes José Marcelino de Barros e Catarina Maria de Moraes. Perdeu o pai quando contava apenas três anos de idade.

Aprendeu as primeiras letras com sua mãe havendo em seguida estudado no Colégio Delgado em sua cidade natal e posteriormente os preparatórios na capital paulista no Colégio João Carlos. Matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1859 terminando o curso jurídico em 1863. Todos

os seus estudos, primário, secundário e superior realizou-os brilhantemente.

Casou-se Prudente de Moraes em maio de 1866 na cidade de Santos com D.ª Adelaide Benvinda da Silva Gordo. Constituiram feliz lar e vários foram os filhos. Foi D.ª Adelaide esplêndida companheira sempre presente nos bons momentos e nos mais difíceis tendo sido de grande dedicação durante a longa enfermidade de Prudente de Moraes.

PAULO — Ficou êle doente?

VOVÔ — Isso mais tarde. Citamos agora para lembrar que teve boa espôsa.

FREDI — Exerceu a advocacia?

VOVÔ — Depois de formado, com 22 anos, dirigiu-se para Piracicaba que naquele tempo chamava-se Constituição, onde advogava com a mesma dedicação que teve no decorrer dos estudos, impondo-se pela inteligência, cultura, simpatia e caráter numa vida exemplar que o fazia respeitado e estimado por todos.

Republicano convicto e anti-escravocrata juntava à sua vida profissional atividades pela implantação da república e libertação dos escravos.

Dois anos depois foi eleito vereador e presidente da Câmara Municipal de Constituição, cujas funções exerceu por três anos sob a admiração e acatamento geral. Em pouco tempo já era conhecido e conceituado na Capital e todo o interior do Estado de São Paulo.

BIRUNGA — Êle trabalhou muito pela república?

VOVÔ — As idéias republicanas, já antigas, generalizavam-se no Rio e nos Estados do Brasil. Coube, todavia, a sua fundação à convenção realizada em Itu, terra do nascimento de Prudente de Moraes, no

dia 18 de abril de 1873, em que tomou parte saliente o nosso biografado.

CARLINHOS — Foi grande a reunião?

VOVÔ — Para lá seguiram representantes os mais diversos num movimento desusado. Houve muita coisa digna de nota. Uma das que mais me comove, no entanto, foi a libertação de uma escrava por intermédio dos convencionais.

CARLINHOS — Como foi, vovô?

VOVÔ — Quando se retiravam de uma das reuniões encontraram à porta uma escrava pedindo esmola para comprar sua carta de alforria. Os convencionais cotizaram-se e lhe deram o dinheiro suficiente para conseguir a liberdade.

FREDI — E se o dono dela a enganasse?

VOVÔ — Tiveram o cuidado de que fôsse ela acompanhada por Prudente de Morais que fiscalizou a transação.

FREDI — Então o perigo não era de que o seu proprietário a enganasse mas de raiva esganasse a Prudente.

VOVÔ — De fato um homem da têmpera e do valor de Prudente de Moraes estava sujeito à sanha de inimigos inescrupulosos. Respeitado, contudo, como, era, apesar de recentemente fundado o partido republicano, conseguiram êle, Campos Sales e Álvaro Botelho ser eleitos deputados provinciais em 1885.

Nesse e mais dois períodos legislativos para os quais foi reeleito soube honrar o pôsto que lhe foi pelo povo confiado.

Proclamada a República a 15 de novembro de 1889 as províncias passaram a ser administradas por juntas governativas ou oficiais do Exército. Em São Paulo o govêrno provisório foi constituído por Prudente de Moraes, Joaquim de Sousa Mursa e

Francisco Rangel Pestana. Extinguiu o Marechal Deodoro o triunvirato a 3 de dezembro nomeando governador do Estado a Prudente de Moraes. Foi curto o seu govêrno no Estado pois que no dia 15 de setembro de 1890 foram eleitos senadores e deputados que comporiam a Assembléia Constituinte que foi instalada no dia 15 de novembro do mesmo

ano, primeiro aniversário da República. Prudente de Moraes fôra eleito senador. Razão porque pediu demissão do cargo de governador a 18 de outubro após tão sòmente 10 meses e meio de govêrno. Tempo breve mas profícuo. Em período tão curto reorganizou o serviço de obras públicas, criou diferentes distritos policiais, cuidou da vacina animal, promo-

veu o alistamento eleitoral em todo o Estado, criou escolas-modêlo, mandou construir na Praça da República a Escola Normal, hoje Instituto de Educação, aumentou o número de servidores do Corpo de Bombeiros, reaparelhando o seu material e incumbiu dois ilustres amigos de elaborar o projeto da Constituição do Estado de São Paulo, entre outras realizações. Eleito senador coube-lhe pelos seus pares o pôsto de presidente da Assembléia Constituinte.

Confirma a Assembléia o Marechal Deodoro no cargo de chefe do govêrno provisório até 24 de fevereiro de 1891, quando foi promulgada a Constituição.

Elege o Congresso o primeiro presidente da República.

CARLINHOS — O Congresso? O povo não é que deveria elegê-lo?

VOVÔ — Há duas espécies de votação. Pelo povo que é a eleição direta e pelo Congresso que é a indireta. Nessa ocasião a votação foi indireta cabendo conforme já lhes expliquei a escolha no nome do Marechal Deodoro.

O que foi o seu govêrno e o do Marechal Floriano já tive ocasião de narrar-lhes. Trataremos agora da eleição e govêrno de Prudente de Moraes. Eleito a 1.º de março tomou posse a 15 de novembro de 1894. Foi o primeiro presidente da República do Brasil por votação popular.

Ao chegar ao Rio nenhum representante do govêrno comparece ao seu desembarque. No dia 15 nenhum carro oficial aparece para conduzí-lo ao Senado onde se daria a posse. Teve que alugar três carros para êle e amigos que o acampanharam.

A negligência de que foi alvo, a frialdade com que foi recebido não escondiam a deselegância e a má contextura moral do govêrno que findava.

Prudente de Moraes de outro lado demonstrava uma serenidade impecável que mais e mais o engrandecia.

Encontrando os cofres públicos em situação lastimável, Prudente de Moraes que dirigiu os destinos da nação de 15 de novembro de 1894 até 15 de novembro de 1898 teve que vencer barreiras difíceis do florianismo insistente. Não fôra êle um espírito pacífico por excelência e não se teria tornado o pacificador do Brasil. Em dias tão árduos conseguiu êsse cognome, o de pacificador.

Menos de 4 meses depois da sua posse já teve que enfrentar no dia 13 de março de 1895 uma revolta da Escola Militar. Essa mesma escola insubordina-se anos mais tarde no dia 26 de maio de 1897.

Mas apesar do ambiente turbado em que iniciava o seu quadriênio e das conjunturas graves em que se encontrava com crises econômicas, morais e financeiras consegue menos de três meses após iniciar a sua gestão governamental resolver a velha questão dos limites entre o Brasil e a Argentina em 5 de fevereiro de 1895 favorável ao Brasil pelo arbítrio do Dr. Grover Cleveland, presidente dos Estados Unidos da América do Norte.

No dia 16 de março de 1895 reata o Brasil as relações com Portugal, interrompidas por Floriano.

No dia 23 de agôsto de 1895 consegue a pacificação do Rio Grande do Sul até então convulsionado com a revolução do partido federalista.

No dia 5 de agôsto de 1896 abandonam os inglêses a ilha da Trindade em virtude da ação enérgica do Govêrno da República.

Em que pese a atuação segura impressa ao seu govêrno continuavam a conspirar contra êle inimigos implacáveis. Moléstia insidiosa que o atormentava era uma aliada de seus adversários. Em meio desta situação é obrigado a afastar-se do govêrno a fim de submeter-se a melindrosa operação passando o poder ao Vice-Presidente Manoel Vitorino. Êste revela-se por demais ambicioso sugerindo o afastamento permanente de Prudente de Moraes com o fito de firmar-se no poder.

Como não bastassem tantos infortúnios o sertão baiano fumega como um vulcão em Canudos com o surgimento do fanático Antônio Conselheiro que reunira em torno de si jagunços atrevidos e bem armados a alarmar tôda a região. A polícia baiana nada consegue contra os aguerridos sertanejos.

O Vice-Presidente em exercício, que era baiano, envia uma expedição de quinhentos homens do exército em novembro de 1896 que foi obrigada a bater em retirada. Envia segunda vez, agora 1.000 homens, que são também desbaratados.

A população de Canudos composta em grande parte de facínoras bem municiados e que punham em sobressalto a população da redondeza constitui um desafio ao exército. A repercursão é a mais desfavorável. Urgia vencer Canudos.

Prudente de Moraes reassume o govêrno. Envia terceira expedição contra a horda de Antônio Conselheiro em fevereiro de 1897 composta de 6.000 homens que infelizmente sofre desnorteantes reve-

ses. Uma quarta e última expedição sob a chefia do próprio Ministro da Guerra é que consegue arrasar o reduto em 5 de outubro do mesmo ano após uma luta de mais de seis meses.

A volta das tropas de Canudos constituiu um desafôgo. Diminuiam os boatos e os soldados eram aplaudidos. Ao seu regresso no dia 5 de novembro de 1897 quis Prudente de Moraes estar presente ao desembarque. Mas os adversários não se conformavam com a extinção do pretexto de Canudos. Conspirava-se contra o presidente. Erguem-se vivas à memória de Marechal Floriano Peixoto. O capitão honorário Deocleciano Martyr distribuia entre os populares retratos do Marechal morto que depois de morto ainda causava males ao regime. O cabo do exército Marcelino Bispo investe-se contra Prudente de Moraes empunhando uma garrucha, aperta o gatilho três vêzes mas a arma nega fogo. O Marechal Machado Bittencourt acorre em defesa do Presidente mas tomba apunhalado pelo criminoso.

Sabe-se então que várias tentativas houve anteriormente para liquidar o presidente: na Academia de Belas Artes, na Igreja de São Francisco de Paula, no jardim da Praça da República, no Teatro Lírico. Tôdas fracassadas.

NEUSINHA — Que gente malvada!

VOVÔ — Tenho procurado resumir os acontecimentos a fim de não tornar longa a minha história de hoje mas daqui por diante vou entrar em alguns pormenores tal a sua significação.

BIRUNGA — Gostaremos de saber, Dr. Antônio.

VOVÔ — Sôbre os lutuosos fatos que culminaram com a morte do Marechal Bittencourt, no mesmo dia bai-

xou Prudente de Moraes o seguinte manifesto à nação:

"Ferido profundamente em meus sentimentos de homem e de brasileiro pelo atentado contra mim premeditado e que vitimou um dos mais dedicados servidores da Nação, o bravo marechal Carlos Machado Bittencourt, devo afirmar de modo o mais solene que êsse horroroso crime não terá o efeito de demover-me uma só linha do cumprimento da minha missão constitucional.

O precioso sangue de um marechal do Exército Brasileiro derramado heròicamente na defesa da pessoa do chefe do Estado dá a certeza de que os incumbidos da sustentação da autoridade pública e das instituições não hesitam no cumprimento do seu dever mesmo quando levados ao extremo sacrifício.

A nobre indignação popular manifestada naquele trágico momento, as inequívocas provas de apôio e solidariedade dadas ao presidente da República, fortalecem-me a convicção de que posso contar com o povo brasileiro para manter com dignidade e desassombro a autoridade de que estou investido pelo seu voto espontâneo e soberano. A ordem e a lei serão respeitadas como exige a honra da República".

BIRUNGA — Então o povo ficou ao lado do presidente?

VOVÔ — Quiseram até linchar o assassino e só não o fizeram por interferência de Prudente de Moraes.

PAULO — O criminoso ficou prêso tôda a vida?

VOVÔ — Enforcou-se na prisão.

CARLINHOS — Que atitude tiveram os conspiradores?

VOVÔ — Pensaram que Prudente de Moraes em virtude dos acontecimentos recorresse à violência e com isso se incompatibilizasse. Preparava-se a sedição e a anarquia. Uma agitação cuidadosa deveria eclodir a

qualquer momento para que um general assumisse o poder e realizasse o govêrno forte do Marechal Floriano. Medidas rápidas e prudentes de Prudente de Moraes fizeram fracassar os planos dos masorqueiros.

A atitude do presidente perante o seu amigo morto desnorteia os inimigos. Os boatos de uma revolução, o perigo a que estava mais uma vez exposta a sua vida, os conselhos dos amigos para que não acompanhasse o enterro do marechal não o impediram de fazê-lo. Responde aos avisos de amigos: — É um dever que cumpro ainda que me custe a vida! Se me matarem, morrerei no meu pôsto de honra!

Recusa a companhia de guardas e segura as alças do esquife. Caminha em meio da multidão, tendo os olhos tristes e a alma dorida. Quando pensavam vê-lo diminuído êle se dignificava perante o povo e tôda a Nação.

FREDI — Era inegàvelmente um homem admirável!

VOVÔ — Há umas cenas emocionantes que se passaram no cemitério São João Batista descrita pelo Jornal do Brasil. Gostarão de ouví-las?

NEUSINHA — Como não, vovô!

VOVÔ — Eis o que o Jornal do Brasil estampou em suas páginas:

"O corpo do marechal vai baixar à terra. A figura esguia metida numa sobrecasaca, as barbas grisalhas flutuando ao vento, só, em meio à multidão, um velho pede, cortêsmente, que lhe abram caminho, que o deixem passar. É Prudente de Moraes que quer aproximar-se do túmulo. Chega, acerca-se bem, curva-se um pouco...

Duas lágrimas irreprimíveis saltam-lhe aos olhos, escorrem-lhe pelas faces e vão embeber-se na

terra que agasalhará para sempre Carlos Machado Bittencourt.

Agora, soerguendo o corpo magro, volve-se para a multidão. Ereto, passos firmes, um enorme sofrimento a mostrar-se bem visível no seu rosto abatido, procura sair como entrou: só!

Muda, vibrante, hipnotizada, tôda essa gente abre alas, "como se fôra cortada por uma formidável fôrça misteriosa". Dura pouco, dura segundos apenas êsse estatelamento. Explode um "impressionante cachoeirar de vozes humanas" e um clamor uníssono e maciço de milhares de bôcas, "um vozear ensurdecedor e tonitroante que parece provir do próprio ventre da terra nas convulsões de um cataclisma". Todos agitam-se, frenéticos, delirantes febrís, por entre as catacumbas numa verdadeira alucinação de entusiasmo.

O silêncio domina de novo. É que sôbre a lápide de um sepulcro, a contrastar com a brancura do mármore, cresce, de súbito, majestosa, imponente, a cabeça leonina, os olhos injetados, uma grande figura negra — a negra figura de um grande negro.

Duas mãos negras, espalmadas, dominadoras, estendem-se para a multidão, impõem que todos se calem. É José do Patrocínio — o trovejante orador a cuja voz inflamada todo o povo está acostumado a obedecer. Em borbotões de eloqüência esta Paulo Afonso da oratória fala, numa fala que é tôda emoção:

"Parai aí senhor presidente! Ainda estais ouvindo o eco dessas catadupas de aplausos que se encapelaram de entusiasmo diante de vossa coragem cívica. Viestes, sòzinho, sem pretorianos, porque confiastes na fôrça de vossa consciência tranqüila e na grandeza de vossa alma de patriota tão bem com-

preendida por êste povo generoso e bom que é o brasileiro. Viestes sem pretorianos e conquistastes a multidão, esta multidão que vos cerca e que vos guarda e que ainda há pouco explodia diante destas casinhas brancas que escondem tantos mortos queridos, como que lhes pedindo para que também êles se levantem em aplausos e bençãos, glorificando o vosso civismo, presidente! E aqui acabais de receber — ó mestre da coragem cívica e do patriotismo! — a mais edificante e singular de tôdas as manifestações que nossa história regista. Foi mais do que manifestação; foi a convulsão da alma nacional, alma que se atirou, reverente, balbuciante e conquistada, aos pés do santo varão que acaba de inscrever nas páginas da história pátria alti-eloqüente lição de civismo ensinando através da sua coragem a fôrça indômita, incontestável e soberana da lei, da justiça e do direito!..."

NEUSINHA — Como escreveu bonito o jornalista e como falou bonito José do Patrocínio! Ando cada vez mais interessada nas histórias do vovô e quando o vovô fala bonito e quando mostra o que os outros falam bonito também.

VOVÔ — Continua o Jornal do Brasil a sua descrição dizendo o seguinte:

Fortes, ininterruptas, vibrantes, as aclamações acompanham o presidente até o portão do cemitério. Há aí uma ligeira confusão. Porque julgam tratar-se de um conflito algumas das pessoas que estão mais próximas de Prudente, juntam-se prestes para defendê-lo. Acorrem vários militares, as espadas rebrilhantes nas mãos...

Mas é o povo, é a multidão que está à frente da necrópole que também quer vivar o seu grande chefe

— o seu "mestre de coragem cívica". E — parece incrível mas não, é a realidade — ganha ainda mais vigor esta manifestação realmente singular, porque ainda não igualada, porque será inigualável.

A rumorosa torrente que vem de dentro do campo santo desemboca no oceano marulhante que está fora. É uma indescritível tempestade de aclamações o que se ouve . É um espetáculo de uma grandiosidade que as palavras não sabem relatar o que se vê. O entusiasmo chega ao paroxismo. E nesse delírio que não conhece diques nem tem limites o povo atira de rodas para o ar um "laudau" e avança para Prudente e cerca-o e festeja-o e nem sabe mais o que fazer para vitoriá-lo.

Só a muito custo e depois de algum tempo é que pode o presidente entrar no carro que o levará de novo ao palácio governamental. O carro, porém, está sitiado; um sem número de braços quer desatrelar os cavalos para conduzí-lo a pulso. E só não o fazem porque, emocionado, — imensamente emocionado — Prudente, homem sem vaidade se opõe e roga que não cheguem a tanto.

Enfim pode o carro partir. Os cavalos arrancam... Mas o povo ainda não se saciou de aplaudir! São muitos os que vão correndo ao seu encalço na porfia de ainda vivar, de ainda aclamar — Prudente de Moraes!"

FREDI — Dr. Antônio, eu não tenho palavras para expressar o quanto apreciei ouvir tudo isso. De certo, daí em diante, os seus inimigos não tiveram mais coragem para se lhe oporem.

VOVÔ — Infelizmente não desanimaram de suas más intenções. O ambiente não do povo mas de coveiros da política era de tal forma que obriga Prudente de

Moraes declarar no dia 12 de novembro o estado de sítio para o Distrito Federal e Niterói, medida essa que havia solicitado e obtido do Congresso Nacional.

Armado de poderes excepcionais consegue afastar conspiração impertinente.

O Supremo Tribunal concede habeas corpus aos exilados políticos. A intriga obstinada e bem urdida anuncia que o presidente afirma não obedecer à ordem judiciária com palavras injuriosas ao Supremo Tribunal. Um dos membros do Tribunal propõe sejam repelidas as ofensas do presidente com energia. Mas quando o Supremo Tribunal descobre as baixas manobras calcadas em infâmia e mentiras os inimigos de Prudente é que se desmoralizaram. Desde então conseguiu o presidente dirigir os destinos da nação em paz havendo pacificado e consolidado a República. Depois de tanta tempestade houve quase um ano de bonança em que cimentou o seu prestígio e amado por todo o Brasil maiores coisas fêz em favor da pátria estremecida.

Quando passou o govêrno a Campos Sales no dia 15 de novembro de 1898, ao deixar o palácio do Catete em direção à pensão Beethoven onde ficaria até o regresso a São Paulo, teve dificuldade para chegar até o carro. A multidão comprimia-o, aclamando-o enquanto das janelas e portas parecia que cada um fazia questão de que o seu viva Prudente de Moraes suplantasse os vivas das ruas. Pombas sôltas voejam pelo espaço e petalas de flôres envolvem-lhe a fronte agradecida. Ainda que a pensão ficasse perto, quase esquina da rua Cândido Mendes, nas proximidades do Largo da Glória, durou o percurso cêrca de três horas. Nunca houve no Rio e no Brasil inteiro manifestação igual. À tarde des-

filam garbosamente as tropas saudando-o os oficiais com as espadas enquanto o povo junta-se em novo delírio.

Quatro dias depois, no dia 19, quando Prudente de Moraes deixa a pensão a fim de regressar a sua fazenda em Piracicaba repetem-se com maior entusiasmo as manifestações. A estação Pedro II encontrava-se intransitável. Em verdadeira marcha triunfal é o ex-presidente conduzido às 9 horas da noite à Estrada de Ferro Central do Brasil onde ao chegar é coberto de flôres sob estrepitante tempestade de aclamações lendo-se em um arco de flôres naturais as seguintes palavras: "Homenagem ao Dr. Prudente de Moraes".

Ouvem-se as palavras inflamadas de José do Patrocínio e de José Joaquim Seabra às quais responde Prudente de Moraes.

Passava já das 10 horas quando sob significativa apoteose parte Prudente de Moraes rumo a São Paulo. O combôio é obrigado a parar em tôdas as estações onde apinhavam-se novas massas populares em estrondosas manifestações.

Em São Paulo novo delírio. Em Piracicaba as manifestações duram três dias. Era o reconhecimento de um povo a um homem que tudo deu de si pela pátria estremecida!

Haviam desviado os rumos da República. Prudente consegue recolocá-la em suas legítimas diretrizes, pacificá-la e consolidá-la. Constituiu-se em verdadeiro esteio da democracia republicana. Foi êle jequitibá possante na moral e administração do país, estímulo para as gerações futuras e exemplo a ser seguido pelas fôrças vivas da nação.

Em Piracicaba monta novamente banca de advogado ainda que com a saúde cambalida pelo muito que se havia dado em serviço do Brasil.

No ano de 1901 agrava-se o seu estado, vai à Cambuquira, no Sul de Minas, melhora, mas o seu espírito acostumado à atividade não se conforma com prolongado repouso, retorna à Piracicaba onde ainda as suas luzes favorecem outros que o vão consultar. Dali ainda tudo fazia em benefício do povo e da querida pátria.

Mas o venerando ancião havia se esforçado demais. O físico não possui tamanha resistência. No ano seguinte, no dia 3 de dezembro de 1902 após quatro anos de ter deixado a presidência da República falece rodeado do carinho dos seus e de alguns amigos a figura empolgante que foi Prudente de Moraes.

CARLINHOS — Que estupenda a história de Prudente de Moraes.

BIRUNGA — Emocionante.

VOVÔ — Alegra-me saber de que sempre vocês apreciam as histórias de nossas reuniões.

Até amanhã a todos.

TODOS — Até amanhã.

EMÍLIO RIBAS

Passaram-se vários dias sem se reunirem os rapazes e o Dr. Antônio. É que havia estado enferma e falecera uma tia do Birunga. Os seus amiguinhos solidários com êle e com sua família só retornaram às histórias curiosas de vovô quando também êle pôde fazê-lo. Birunga estimava bastante sua boa tia e por isso inicia a reunião do seguinte modo:

BIRUNGA — Dr. Antônio, por que o ente humano há de morrer?

VOVÔ — E que dizer daqueles que contribuem para salvar muitas vidas?

BIRUNGA — Alguém que deve ser muito caro a nós todos.

VOVÔ — Pois um dêles de quem eu gostarei de falar-lhes hoje conseguiu salvar milhares.

BIRUNGA — Milhares!? Quem foi?

VOVÔ — Emílio Ribas.

BIRUNGA — Já ouvi falar dêsse nome.

VOVÔ — Muitos já têm ouvido o seu nome mas é preciso que o nosso povo saiba quem verdadeiramente foi, da sua vida de grande benfeitor de nossa querida pátria.

BIRUNGA — Conte-nos a sua história, Dr. Antônio.

VOVÔ — Quando Cristóvão Colombo aportou à América, na ilha de São Domingos, nas Antilhas, em 1493,

perdeu a metade de seus arrojados marinheiros atacados de uma estranha doença que se sabe agora ter sido a febre amarela.

Grassava a fatídica moléstia em algumas regiões da América e da África. As nevegações incumbiam-se de espalhá-la a outros lugares.

Em 1849 saíra um veleiro norte-americano em visita de cortesia a portos da América do Sul. Passou pela América Central onde se alastrava a febre e de lá veio à Bahia ancorando com um doente a bordo que foi o bastante para contagiar tôda a cidade.

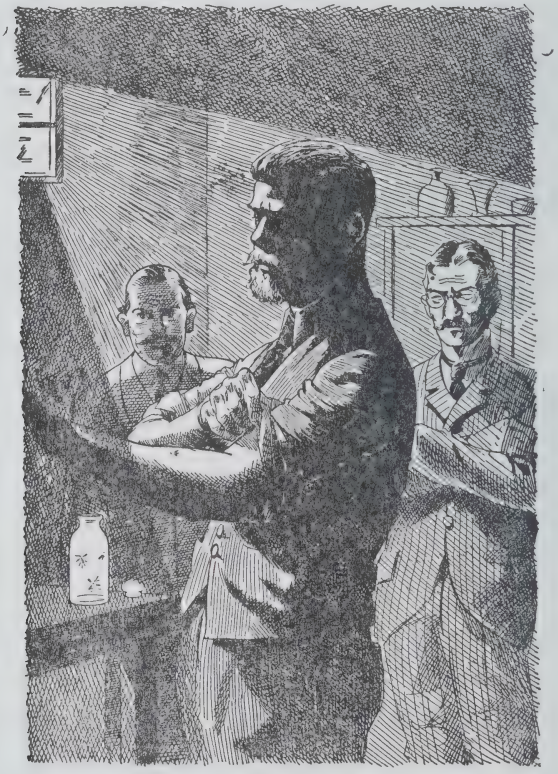
Um ano depois, em 1850, o navio "Navarra" procedente da Espanha fundeou em Salvador. Seus componentes visitaram diversos lugares da capital baiana e conduziram a moléstia para o Rio de Janeiro. Da Bahia e do Rio propaga-se a febre amarela a outros portos brasileiros como Recife e Santos. Do litoral é a terrível moléstia difundida pelo Interior dos Estados.

Em São Paulo são contaminadas progressivamente as cidades de Campinas, Sorocaba, Itu, São Carlos, Dois Córregos, São Simão, Ribeirão Prêto, São José do Rio Pardo, Franca, Taubaté, Jaú.

Ignorava-se como se difundia a enfermidade, meios de evitá-la e formas de combatê-la. Era a febre amarela um flagelo para as populações, uma calamidade pública. Milhares de pessoas morriam e grande parte do povo retirava-se das cidades assoladas. Pais perdiam seus filhos, centenas de crianças ficavam na orfandade, famílias inteiras pereciam vitimadas pela febre. Enfermeiros e familiares que cuidavam dos doentes caíam por sua vez vitimados pela moléstia.

Na capital de São Paulo felizmente não aparecera. Com isso passou São Paulo a ser a meca dos refugiados de Santos e do Interior do Estado.

Fazendeiros apavorados escapuliam das suas terras e vinham para São Paulo onde construiram as belas vivendas dos Campos Elíseos e posteriormente da Avenida Paulista.



O mundo fugia do Brasil. Um vaso de guerra da marinha italiana composto de trezentos e quarenta homens que no mês de outubro de 1895 ancorou à distância de quase um quilômetro do pôrto do Rio de Janeiro, vê morrer cento e trinta e quatro dêles

inclusive o comandante e o médico, enquanto só sete não apanham a febre amarela.

Que nau pois se arriscaria a passar por nossas plagas mesmo de longe?

Morriam os nossos habitantes e sofriam o bom nome de nossa terra, o nosso comércio e as nossas relações públicas internacionais.

Urgia um paradeiro. Mas como? Em outras regiões a ignorância sôbre a moléstia era a mesma. Na França chegaram a determinar a destruição de navios a fim de acabar com os miasmas transmissores.

A Providência sempre levanta alguém para uma grande tarefa:

No dia 11 de abril de 1862 nascia na cidade de Pindamonhangaba um menino a quem deram o nome de Emílio Marcondes Ribas. Cresce, estuda, faz os cursos primário e secundário e depois o curso médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro onde se forma em 1887. No ano seguinte, em fevereiro de 1888 defende tese sôbre "morte aparente dos recém-nascidos".

Sempre estudioso, cauteloso e dedicado, já no período acadêmico colabora em várias revistas científicas e mais tarde muitos trabalhos científicos saem da sua lavra até a sua morte.

Intensa, respeitável, magnífica, poderosa e duradoura foi a sua fôlha de serviços.

Depois de formado passa a clinicar em Santa Rita do Passa Quatro de onde se transfere para Tatuí acumulando nesse lugar o cargo de Intendente Municipal.

Em 11 de setembro de 1895 ingressa no serviço sanitário do Estado de São Paulo como auxiliar do

diretor do Desinfetório Central. Exerce em seguida o cargo de inspetor sanitário efetivo.

Dirigiu a comissão sanitária na cidade de Campinas, de 1896 a 1898, época em que promove o saneamento completo da próspera cidade.

Combatia Emílio Ribas tenazmente a febre amarela que lavrava com ferocidade em Campinas. Julgava êle que tinha razão a palavra do Dr. Finlay em Havana de que a mortífera enfermidade provinha da picada do mosquito stigomia fasciata. Corria, no entanto, diferentemente das suas opiniões a crença geral de que fôsse a febre resultante de excreções, roupas contaminadas, contacto com o doente e água. Seria?

Dispõe-se Emílio Ribas a executar completa limpeza da cidade contando com o auxílio da Prefeitura Municipal. Para tanto promove a remoção sistemática de receptáculos de águas estagnadas, retifica o córrego Anhumas, fazendo desaparecer grande número de alagadiços, entope alguns poços, reforma domicílios insalubres, promove o escoamento de águas mandando construir ralos de esgotos e proíbe o uso de tinas, intimando a construção de tanques com ralos.

Com tais medidas encontrava-se completamente em 1898 saneada Campinas e desaparecera a febre amarela. Por que? É que sem o ambiente de proliferação não podiam viver os mosquitos. Mas seriam mesmo os mosquitos stigomia fasciata os portadores da moléstia? Emílio Ribas estava convicto dessa verdade ainda que combatido por colegas de classe.

Dois anos depois sábios membros da comissão médico-militar norte-americana confirmam ser a doença veìculada por certa espécie de mosquitos que

põe ovos e se cria em cacos de garrafa, latas velhas e lixos.

Terminado o saneamento de Campinas o então presidente Peixoto Gomide convida-o para diretor geral do serviço sanitário do Estado, cargo que aceita e toma posse no dia 2 de maio de 1898, exercendo-o brilhantemente durante 19 anos.

Inicialmente as suas maiores atenções continuaram no combate à febre amarela.

Tinha ao seu lado o grande sanitarista Adolfo Lutz que esposava as suas convicções referentes à transmissão através do mosquito. Ambos encontravam-se empenhados em provar ser o stigomia fasciata o vector da moléstia.

Grande nome da ciência médica do seu tempo, o Dr. Luis Pereira Barreto, acabou admitindo a tese mas com restrições. Que poderia ser o mosquito o portador da febre amarela mas não de material infetante de origem humana.

Emílio Ribas resolve provar as suas afirmações em benefício da ciência e da humanidade fazendo-se inocular com a moléstia através da picada por mosquitos. É assim que em 1900 procura Bernardino de Campos, presidente do Estado, a fim de participar a sua decisão. Bernardino de Campos, seu amigo, procura demovê-lo, receioso de más conseqüências. Emílio Ribas insiste nos seus propósitos. Seria a experiência realizada no Hospital do Isolamento. O Diretor do Hospital do Isolamento, o Dr. Cândido Espinheira, apresenta os seus receios. Mas nada consegue demover o sábio higienista.

Adolfo Lutz junta alguns mosquitos no Interior e aqui e ali procura casos graves para contaminá-los e enquanto isso fazia-os alimentar do seu próprio

sangue. Encontra em São Simão o doente procurado, fá-los infetados e corre a São Paulo onde Emílio Ribas, Adolfo Lutz e mais dois voluntários submetem-se à experiência sob rigoroso controle científico e sob as vistas da comissão formada pelo Dr. Luís Pereira Barreto, Dr. Silva Rodrigues e Dr. Adriano de Barros.

Feita a arriscada prova todos os quatro apresentaram sinais evidentes da moléstia.

O Dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital e o Dr. Vítor Godinho, médico interno, ao lado da comissão a tudo acompanhavam.

Um dos voluntários passou muito mal.

FREDI — Gente de coragem, Dr. Antônio!

PAULO — E se morressem?

VOVÔ — Coriam êsse perigo apesar do tratamento que ministravam: magnésia fluída com tintura de nozvômica e se as dores aumentavam, fricção de salicilato de metila.

BIRUNGA — Eu é que não me submeteria a tamanho perigo.

VOVÔ — Pois Emílio Ribas submeteu-se à segunda prova ao lado de outros dois voluntários. Um dêles passou tão mal que Emílio Ribas chegou a arrepender-se da demonstração. Felizmente o doente não morreu.

Estava provada a tese de que a febre amarela provinha dos mosquitos infetados. E provado que a infecção era originada de outro ser humano cantaminado pois antes de picarem os mosquitos um doente nada acontecera com Lutz que fizera os bichinhos alimentarem-se do seu próprio sangue.

Chegara a vez de terceira prova.

CARLINHOS — Outra?

VOVÔ — Mas agora para tornar evidente que a moléstia provinha das picadas dos mosquitos e só delas e não de outros contágios. Sabia Emílio Ribas de que os voluntários não corriam mais risco. Tratava-se de três italianos chegados recentemente que dormiriam onde outros doentes estiveram e receberiam um prêmio do Estado de três contos, muito dinheiro para a época.

Por muitos dias vestindo camisas retiradas de doentes em fase aguda, dormindo sob lençóis cheios de mancha de sangue e do vômito negro e com urina e detritos sanguinolentos colhidos de doentes e espalhados pelos lençóis exalando cheiro pútrido e sufocante lá ficaram dormindo os voluntários, satisfeitos.

NEUSINHA — Que horror vovô! Era preciso ter estômago!

VOVÔ — Se era. Apesar disso os italianos achavam graça de tudo aquilo.

BIRUNGA — Eu até sinto náuseas.

VOVÔ — Depois de uma prova que durou do dia 20 de abril até o dia 30, recebendo os prêmios, os heróis ainda se alegraram por ficarem mais dez dias, comendo, bebendo e descançando sem despesas.

Era a vitória final de Emílio Ribas e da ciência em favor de São Paulo, do Brasil e da humanidade!

E êsse pioneiro da renovação sanitária no Brasil não aceitou um prêmio de 200 contos que lhe quis dar o govêrno!

CARLINHOS — Extraordinário, vovô! Que caráter excepcional!

VOVÔ — Em 1903 foi o Dr. Oswaldo Cruz nomeado diretor do Serviço Sanitário do Rio e muito pôde valer-se das experiências e provas de Emílio Ribas bem como da legislação de São Paulo e código de

posturas. Da troca de cartas que manteve com Emílio Ribas valeu-se sobremaneira para a sua heróica luta no Rio de Janeiro apoiado pelo grande presidente Rodrigues Alves que havia perdido um filho vitimado pela febre amarela. O que fêz Oswaldo Cruz pelo Rio e pelo Brasil a nossa terra render-lhe-á sempre a maior preito de gratidão.

Assim como Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves foram três colunas mestras para a democracia republicana brasileira, Emílio Ribas, Oswaldo Cruz, Vital Brazil e Carlos Chagas foram quatro grandes esteios para o saneamento da nossa querida pátria.

PAULO — Eu ainda me lembro do que o senhor nos ensinou sôbre Vital Brazil.

VOVÔ — Convém que vocês saibam com referência a Emílio Ribas que êle não cuidou só do combate à febre amarela. Foi célebre a sua luta contra a peste bubônica que nos veio da Argentina, contra a varíola e a febre tifóide.

Fundou Emílio Ribas o Instituto do Buntantã, em 1903 dividiu o Estado em três distritos sanitários, em 1905 criou a secção de proteção à primeira infância, 1906 o serviço da profilaxia e tratamento do tracoma; reorganizou o Instituto Bacteriológico, remodelou o Serviço Sanitário e fundou o hospital de isolamento da Santa Casa.

Em 1908 confiou-lhe o govêrno a missão de estudar a profilaxia da tuberculose nos Estados Unidos e Europa.

Na França o govêrno francês ofereceu-lhe o lugar de diretor do Serviço de Profilaxia da febre amarela em Martinica.

De regresso a São Paulo instalou em Campos do Jordão um sanatório para tuberculosos sendo o fundador da Estrada de Ferro Campos do Jordão.

Como vêem, êle que teve a glória de realizar pela primeira vez no Brasil em 1902, na luta contra a febre amarela, os novos processos que no ano seguinte seriam ampliados em campo mais vasto na grande campanha do Rio de Janeiro, não ficou parado a colhêr os louros da glória. Continuou a sua enérgica atividade. Depois que se aposentou quanto ainda dava de sí mesmo!

Encontrava-se Emílio Ribas empenhado nos trabalhos de pesquisas referentes à morféa quando a morte o surpreendeu a 19 de dezembro de 1925 aos 63 anos de idade.

PAULO — Dr. Antônio, diante de um exemplo dêsses muita gente devia até ter vergonha de viver!

VOVÔ — É na vida que se aprende! Com Emílio Ribas quanto aprendemos e quanto nos incentivamos. Não se esqueçam. Salvou a vida de milhares e milhares devem lembrar o seu nome e seguir-lhe o exemplo.

Até amanhã a todos vocês.

TODOS — Até amanhã.

MAUÁ

CARLINHOS — Vovô, o nosso professor de História afirmou-nos que já se experimentara a indústria do ferro e do aço no Brasil muito antes das usinas de Volta Redonda.

VOVÔ — Não só foi experimentada a indústria metalúrgica no Brasil mas fêz-se siderurgia em nosso país há anos atrás.

CARLINHOS — Quando, vovô?

VOVÔ — Em 1597 Afonso Sardinha pôs a funcionar a primeira forja em Sorocaba, seguindo-se alguns anos depois de uma segunda, tendo ambas durado até 1629.

Em 1785 o govêrno português proibiu a fabricação de ferro no Brasil. É, mais tarde, êsse govêrno que, fugido de Portugal para o Brasil, na pessoa de D. João VI lança a indústria do ferro em Ipanema, pertencente à comarca de Sorocaba, em São Paulo. Tem-se ainda notícia de outra em Jacupiranguinha. Cabe, todavia a Mauá, em tempos idos, a implantação em maior vulto da siderotecnia em nossa terra.

NEUSINHA — Já vem o vovô com palavra difícil. Que é siderotecnia?

VOVÔ — O mesmo que siderurgia.

NEUSINHA — Mas eu não sei bem o que é siderurgia.

VOVÔ — Metalurgia do ferro e do aço.

NEUSINHA — O vovô está brincando comigo. O que é metalurgia?

VOVÔ — A indústria que fabrica o ferro e o aço.

NEUSINHA — Ah, bem!

VOVÔ — Mais recentemente, ainda antes de Volta Redonda, em 1920 a Sociedade Belgo-Mineira instalou em Sabará, Estado de Minas Gerais um alto forno aquecido com carvão vegetal e um laminador. Outras duas fundições foram montadas uma em Monlevade, Minas, e outra em Santo André, São Paulo. Só em 1947 começou a funcionar a primeira usina de Volta Redonda.

CARLINHOS — O vovô falou em Mauá. Quem foi Mauá, vovô?

VOVÔ — Já o disse alguém: "O Caxias da nossa unidade econômica".

CARLINHOS — Conte-nos a sua história.

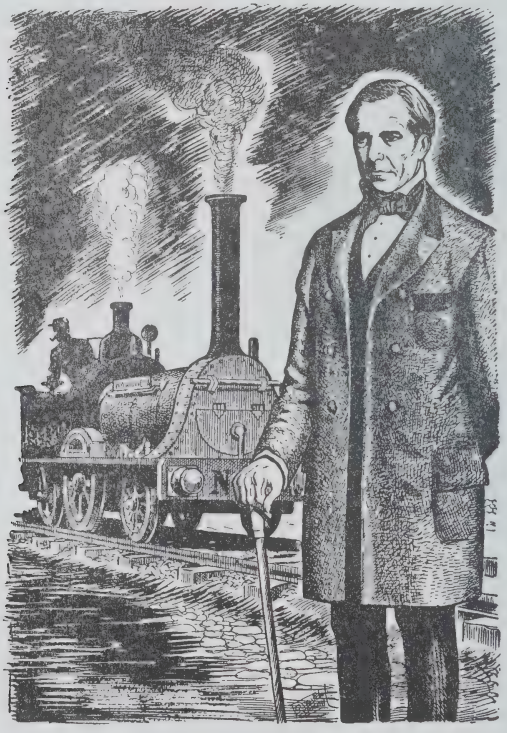
VOVÔ — Mauá, o Visconde de Mauá, cujo nome era Irineu Evangelista de Sousa, nasceu em Arroio Grande, no Rio Grande do Sul, perto do Uruguai, a 28 de dezembro de 1813. Órfão de pai aos cinco anos de idade, um capitão do navio, seu tio, em uma viagem para a Índia, deixou-o empregado no Rio de Janeiro, na loja de fazendas do Sr. Antônio José Pereira de Almeida, onde permaneceu até 1830. Quando começara as suas atividades nessa casa comercial não tinha ainda onze anos, deixando-a com quase 17 de idade. Êle e patrão deram-se muito bem. O patrão, um português honrado, viu-se endividado e na liquidação dos negócios só não entregou a residência particular e jóias da espôsa por interferência de um dos credores, outro negociante, um senhor inglês chamado Ricardo Carruthers.

Em compensação pelo seu gesto de bondade o

Sr. Almeida passou-lhe aos seus serviços o então jovem Irineu com estas palavras:

— "Quero pagar-lhe o serviço que me prestou, dando-lhe um bom caixeiro".

FREDI — Pagando tão grande benefício com a transmissão de um auxiliar é porque prezava de fato o valor do trabalho e da pessoa de Irineu, o senhor não acha?



Mauá, môço — A locomotiva "Baronesa"

VOVÔ — Perfeitamente. E foi o que verificou o Sr. Ricardo Carruthers. Estimado nas casas anteriores agora com o espírito arguto e grandiosidade de alma de negociante inglês mais se acentuaram os progressos do jovem.

Antes de vir para o Rio de Janeiro, aos 9 anos, ainda não sabia ler. Pois bem. Em meio de suas atividades como empregado, estudava tudo o que podia além do que mais precisava na ocasião, português, matemática, contabilidade, francês e inglês.

O seu progresso foi tão acentuado que aos 23 anos já era sócio gerente da Casa Carruthers e aos 26 com a retirada do Sr. Carruthers para a Inglaterra, assumiu inteira responsabilidade de direção da casa com empregados inglêses a êle subordinados.

PAULO — E os inglêses não ficaram **chateados?**

VOVÔ — Paulo, você outra vez com gíria?

PAULO — Desculpe-me Dr. Antônio. É a fôrça do hábito que tenho custado a abandonar.

VOVÔ — Os empregados inglêses não se aborreceram pois êles e Irineu já eram todos bons amigos. E essa amizade ainda mais se cimentou por iniciativa do novo chefe geral.

PAULO — Alugou uma casa em Santa Tereza, depois comprou-a e para lá conduziu seus auxiliares residindo com êles durante quatro anos como se fôssem uma só família.

CARLINHOS — Que bom se todos os patrões procedessem assim!

VOVÔ — Em 1839 dirigiu-se ao Rio Grande do Sul a fim de rever os seus, de onde trouxe para o Rio sua mãe, viúva de segundas núpcias e uma irmã com sua filha Maria Joaquina com quem se casou dois anos depois.

Um ano antes do casamento foi à Inglaterra visitar em Bristol o seu amigo Carruthers que o auxiliara no início da vida financeira. De lá trouxe a idéia de fundar a siderurgia no Brasil, pelo que lhe foi dado observar com o seu espírito atilado e perscrutador.

Cinco anos depois, em 1845, estabelecia-se na Ponta da Areia, no Rio de aJneiro, a fundição que brindou o Brasil com caldeiras para máquinas de vapor, engenhos diversos, guindastes, molinetes, tubos de ferro e num constante crescendo eleva-se a dez oficinas: fundição de ferro, de bronze, mecânica, ferraria, serralharia, caldeireiros de ferro, construção naval, modeladores, aparelhos, velames, galvanismo e 600 tubos mensais para o encanamento das águas da cidade do Rio de Janeiro.

BIRUNGA — Que colôsso, Dr. Antônio.

PAULO — Não, o **bichão** era **batuta** mesmo.

VOVÔ — Desta vez eu desculpo o seu modo de falar.

PAULO — É o entusiasmo, Dr. Antônio, que me faz esquecer.

VOVÔ — Da fábrica da Ponta da Areia saiu a primeira estátua de bronze que se fundiu no Brasil. Nas águas oceânicas singraram mais de oitenta navios construidos na Ponta da Areia, frutos do gigantesco esfôrço, dinamismo e incomparável visão do Visconde de Mauá.

FREDI — Então êle era riquíssimo!

VOVÔ — Mãos criminosas em 1857 incendiaram os estaleiros que tantas messes trouxe à nova terra.

CARLINHOS — E o govêrno?

VOVÔ — Infelizmente cruzou os braços. Enquanto isso o Visconde de Mauá tudo perdia.

NEUSINHA — Coitado!

VOVÔ — Naquela época tão falha de recursos o que êle produziu foi trabalho de gigante. Ver tudo devorado pelo fogo assim de uma hora para outra, o esfôrço de tantos anos, era de estarrecer. Outra pessoa ter-se-ia de certo entregue ao desânimo, ao desfalecimen-

to. Mormente em ver que ninguém vinha ao seu encontro num momento difícil como aquêle.

E o Brasil vê retardada a sua maior industrialização.

BIRUNGA — Que fêz então Mauá, Dr. Antônio?

VOVÔ — Mauá não era homem de esmorecer, de parar, ainda que os percalços de uma grande adversidade o ferissem. E mesmo não se comprazia a um só empreendimento de cada vez.

Enquanto de 1846 a 1857 Ponta da Areia multiplicava-se, êle desdobrava-se em outras atividades. O mundo não acreditava na estrada de ferro. Muitos a combatiam apresentando razões as mais diversas.

Mauá, aquêle pulso de ferro, põe a andar a primeira estrada de ferro no Brasil no dia 30 de abril de 1845. Era a locomotiva Baronesa que percorria 15 quilômetros rumo a Petrópolis.

Civilizações milenares ainda não a possuiam como Portugal e Espanha.

FREDI — E a Argentina?

VOVÔ — Também não. Como vêem, se tivessemos nós, daquela época até hoje, um bom número de homens da têmpera e da fibra do Visconde de Mauá, como o progresso de nosso país teria alcançado os píncaros da glória!

CARLINHOS — De lá até hoje outros países nos tem ultrapassado, não é, vovô?

VOVÔ — Certo. E alguns que estavam aquém de nós.

CARLINHOS — Quais os países que já tinham estradas de ferro, vovô?

VOVÔ — Só quatro. Inglaterra, Estados Unidos, França e Alemanhã.

BIRUNGA — E eu que nem sabia ter existido no Brasil um homem como o Visconde de Mauá!

CARLINHOS — Nem eu.

FREDI — Eu também não.

PAULO — Estou pasmado.

VOVÔ — E você, Neusinha?

NEUSINHA — Ara, vovô, se os outros não sabiam, eu é que iria saber?

VOVÔ — Alegro-me em sentir que muito estão lucrando em conhecerem a história dêsse grande brasileiro que foi o Visconde de Mauá.

BIRUNGA — Conseguiu êle mais alguma coisa?

VOVÔ — Com referência a estradas de ferro não param aqui os feitos de Mauá. A Estrada de Ferro Santos a Jundiaí que tantos julgavam dever à iniciativa de capitais inglêses não é mais do que a soma de três grandes brasileiros entre êles com maior arrôjo a brilhante figura de Mauá.

BIRUNGA — Uê, e ninguém fala nisso!

VOVÔ — Deve-se a Mauá a construção da Estrada de Ferro Central do Brasil.

CARLINHOS — Que coisa extraordinária, vovô!

VOVÔ — Anteriormente a essas Mauá socorreu financeiramente aos inglêses na construção das Estradas de Ferro Recife ao São Francisco e a Bahia a São Francisco. Vocês não podem imaginar quanto tudo isso custou ao gênio de Mauá.

CARLINHOS — Eu gostaria que todo mundo soubesse do que êle fêz.

VOVÔ — Você tem razão. Conhecer os seus empreendimentos é adquirir incentivos, os mais sadios, para outras emprêsas e execuções.

FREDI — Se nós continuarmos por muito tempo a ouvílo é bem possível que o senhor nos transmita bastante energia moral de forma a servimos ao Brasil e ao mundo.

VOVÔ — Não se esqueçam de que à vontade devem juntar o preparo e o discernimento. As vias de transportes constituem um dos maiores meios de progresso para a humanidade. Mauá, pelo seu espírito atilado não ficou só nas estradas de ferro. Além de ter cooperado com essas estradas de ferro mencionadas e com outras como a estrada de ferro de Antonina à Curitiba foi multiforme nas suas atividades.

PAULO — Em que mais êle se meteu, Dr. Antônio?

VOVÔ — Com referência ao transporte foi êle quem organizou a nagevação fluvial pelo rio Amazonas em 1853 quando ninguém acreditava numa emprêsa dêsse vulto.

Em 1856 a Companhia de Rebocadores para a Barra do Rio Grande. Em outras ocasiões cuidou de novas navegações.

PAULO — Temos muito a admirar num homem dêsses!

VOVÔ — Foi êle quem nos ligou ao velho continente e aos Estados Unidos através do cabo submarino.

PAULO — Deveras?

VOVÔ — Isso se deu em 22 de junho de 1874.

PAULO — Extraordinário!

VOVÔ — Você já esteve numa cidade sem luz?

PAULO — Já. É uma coisa triste.

VOVÔ — Triste era também a cidade do Rio de Janeiro. Havia pelo centro uns lampiões de azeite iluminados através de fios grossos torcidos e guardados por pobres escravos dormindo ao relento para renová-los à medida que se iam apagando. De luz elétrica ninguém sabia na época. Depois dos lampiões de azeite veio a luz do gás. Sabem quem iluminou o Rio de Janeiro com os lampiões de gás?

FREDI — Já sei. Só podia ser Mauá pois era homem iluminado!

VOVÔ — Perfeitamente. Saibam mais que além de comerciante e industrial e de todos os meitos mencionados foi fazendeiro, criador de gado e banqueiro.

BIRUNGA — Banqueiro também?

VOVÔ — Foi Mauá quem fundou o Banco do Brasil.

BIRUNGA — O Banco do Brasil?

VOVÔ — O Banco do Brasil. E mais: Teve Banco aqui no Brasil, com filiais em São Paulo, Campinas, Pôrto Alegre, Pelotas e Belém e ainda no Uruguai e na Inglaterra, Estados Unidos e Buenos Aires.

BIRUNGA — Puxa!

VOVÔ — No Uruguai foi o verdadeiro salvador daquele povo. Além de salvá-los financeiramente, proporcionou aos habitantes de Montevidéu linhas de bonde, iluminação a gás e muitas outras benfeitorias.

BIRUNGA — E o govêrno uruguaio?

VOVÔ — Na hora em que mais Mauá precisava, negou-se a entregar-lhe o capital que tinha lá.

BIRUNGA — Mas isso é incrível!

VOVÔ — Não se incomode que os inglêses também negaram-se a devolver-lhe o dinheiro empatado na São Paulo a Jundiaí.

BIRUNGA — Que horror!

VOVÔ — Não fica nisso a ingratidão a Mauá. O Banco do Brasil criado por êle e por êle levantado quando dêle precisou para pagamentos imediatos de um emprestimo de três mil contos dando grandes garantias, o Banco do Brasil negou-lhe.

CARLINHOS — Mas isso era maldade inaudita!

VOVÔ — E com isso Mauá foi à falência.

CARLINHOS — Bandidos!

VOVÔ — Mauá, contudo, reagiu desassombradamente até o fim, conseguindo reabilitar-se.

CARLINHOS — Ontem depois que os meus colegas saíram você me disse que êle foi deputado e êles não ouviram.

VOVÔ — Como deputado prestou do mesmo modo grandes serviços à nação.

CARLINHOS — Você me disse também que libertou muitos escravos.

VOVÔ — É verdade. Até um dêles de joelhos quis beijar-lhe as mãos ao que não consentiu Mauá, levantando-o e abraçando-o como a um seu igual.

CARLINHOS — Maravilhoso!

VOVÔ — Nisso estava a maior beleza da sua alma!

Faleceu aos 22 de outubro de 1889 depois de uma vida bem vivida, honra para o seu nome, exemplo aos pósteros e glória para o Brasil.

VARNHAGEM

CARLINHOS — Vovô, quando você dissertava sôbre Mauá falou na fundição de Ipanema lugar pertencente a Sorocaba. Não sei porque fiquei com êsse nome no pensamento. Existe algo a nos dizer dêsse lugar?

VOVÔ — É algo de uma conversa que você ouviu que mantive com sua avó sôbre a personalidade de Varnhagem.

CARLINHOS — Varnhagem, quem foi êssa pessoa? Passando por uma livraria vi na vitrina o título de uma História do Brasil de Varnhagem, é êsse?

VOVÔ — Precisamente.

CARLINHOS — Foi homem importante? O nome é estrangeiro. Era êle brasileiro, ou estrangeiro?

VOVÔ — Brasileiro, filho de alemão.

CARLINHOS — Filho de alemão?

VOVÔ — Sim. Chamava-se o seu pai Frederico Luís Guilherme de Varnhagem. Era coronel engenheiro especializado em mineralogia. Nasceu em Arolsen, principado de Walde na Alemanha em 1782 e morreu em Lisboa em 1842. A convite do govêrno português é que êle foi da Alemanha para Portugal onde lhe foi confiada a direção das fundições da Foz de Alge. Constituindo família veio para o Brasil dirigir a fundição de ferro do Ipanema, imprimindo-lhe considerável impulso.

Homem culto, inteligente e estudioso, voltando a Portugal em 1820 tendo sido nomeado administrador das matas e pinhais do reino onde revelara-se como escritor, publicando vários trabalhos relativos às matas e pinhais sujeitos à sua administração e um manual de instituições práticas sôbre a sementeira dos pinhais.

Pertence êsse notável homem à Academia Real das Ciências.

CARLINHOS — Então foi homem de valor mesmo. E seu filho?

VOVÔ — Quando residiu em Ipanema nasceu-lhe o seu filho Francisco Adolfo de Varnhagem, a 17 de fevereiro de 1816, de quem trataremos particularmente hoje. Viveu na sua cidade natal até aos 6 anos de idade, de onde guardou as mais carinhosas recordações da infância a ponto de mais tarde ao se aproximarem os seus últimos dias pedir à sua espôsa que ali, torrão do seu nascimento, fôsse sepultado e que ali lhe fôsse levantado um monumento.

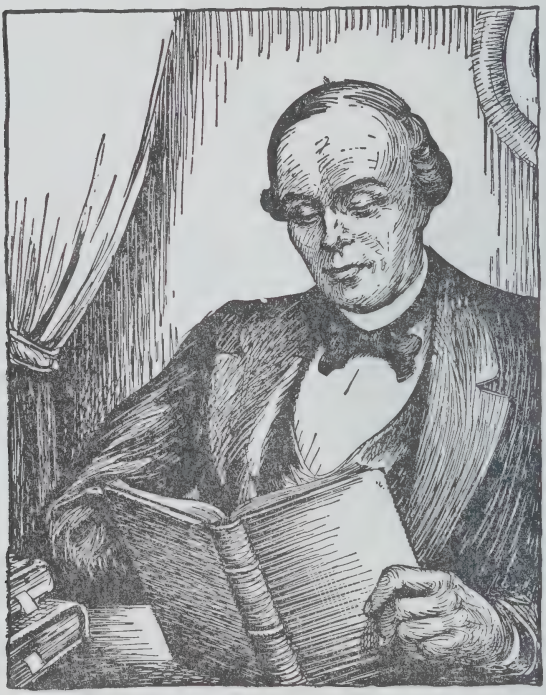
Seguiu com sua família para o Rio de Janeiro e de lá com oito anos de idade para Portugal. Em Portugal terminou os estudos primários e ingressou no Colégio Militar de Lisboa para fazer a vontade do pai. Sobressaiu-se em tôdas as matérias com pendores especiais para o português, geografia e história. Enveredara-se pela carreira militar para fazer a vontade do pai.

CARLINHOS — Então não tinha êle vocação militar?

VOVÔ — Não tinha. Eram outros os seus anseios. Isso não impediu, no entanto, que êle evidenciasse o seu valoroso espírito combatente herdado do pai.

CARLINHOS — Como, vovô?

VOVÔ — Assim como seu pai anteriormente cambatera ao lado de Portugal, com 20 anos de idade, quando da invasão de Portugal por Napoleão Bonaparte, êle, estudante militar ainda com 15 anos de idade, incorporou-se nas fileiras em defesa do ex-imperador do Brasil, D. Pedro I, na época em que êsse havia sido



Varnhagen, diplomata

espoliado em seus direitos pelo seu irmão D. Miguel conforme referências que já lhes fiz ao tratar de D. Pedro II.

BIRUNGA — Estou gostando de Varnhagem.

VOVÔ — É assim que terminada a refrega em 1834, D. Pedro nomeou-o tenente de artilharia, contando êle dezoito anos de idade.

BIRUNGA — Tão moço! Foi uma glória!

VOVÔ — A primeira grande glória para êle e para o Brasil conseguiu-a um ano antes ao ser recebido como membro da Academia das Ciências de Lisboa.

CARLINHOS — Como foi isso, vovô?

VOVÔ — Foi o resultado de uns estudos históricos referentes a escritores do século XVI pelo historiador Gabriel Soares de Sousa. As "Reflexões Criticas", nome que deu ao seu trabalho, foram apresentadas à Academia em 1833. Estudante, com 17 anos, isso constitui uma das provas do real valor de Varnhagem.

CARLINHOS — Após uma tão grande vitória continuou a estudar ou dedicou-se às pesquisas históricas?

VOVÔ — Naturalmente que continuou os seus estudos como jovem que tinha meta segura na vida. Nesse mesmo ano de 1833 cursou a Academia de Marinha, mas concluira os seus estudos na Real Academia de Fortificações em 1839 com 23 anos de idade. Em que pese o fato de haver conquistado vários prêmios durante o curso com as mais elevadas notas, achava tempo para os seus trabalhos históricos, tanto assim que no ano de sua formatura publicou substanciosos estudos o "Diário da Navegação da Armada que foi à terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mor de Martim Afonso de Sousa, escrito por seu irmão Pêro Lopes de Sousa". O conceito dessa peça literária foi tal e tanto que lhe valeu a escolha para membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

CARLINHOS — Então com 23 anos já fazia parte de duas entidades culturais?

VOVÔ — Certo. E entidades de valor, de prestígio que reunia em seu seio só pessoas da mais subida estirpe intelectual.

BIRUNGA — Interessante. A gente ouve falar de tantas pessoas, pensa que as conhece e de fato não sabe é de nada. Imagine que nenhuma notícia eu tinha de Mauá a não ser ligeiras noções do seu nome ligado a estradas de ferro. Depois verifiquei do seu notável valor. Agora é Varnhagem. Lia o seu nome, pensava tratar-se de algum estrangeiro e no entanto é bem brasileiro e de tanto valor.

VOVÔ — Você disse acertadamente, bem brasileiro. Êle muito se alegrava de ser brasileiro fazendo questão disso. No término dos seus estudos o rei Fernando convidou-o a aperfeiçoá-los na Alemanha com o fim de ensinar mais tarde os príncipes portuguêses ao que Vernhagem ofereceu formal recusa. Tinha os olhos e o coração voltados para o Brasil.

PAULO — O que êle fêz em relação ao Brasil, Dr. Antônio?

VOVÔ — Primeiro a questão dicidida de ser brasileiro.

PAULO — Pois não o era?

VOVÔ — Surgiram dúvidas neste sentido. Diziam: Era filho de estrangeiro, havia estudado em Portugal, vivera longe do Brasil desde criança, batera-se como voluntário em Portugal em favor de um imperador que mais nada tinha com o Brasil, era oficial do exército português.

FREDI — Como foi que êle fêz questão de ser brasileiro?

VOVÔ — Êle nasceu no Brasil. Por diversas vêzes mencionou com ufania êste fato. Brasileiro, paulista de Sorocaba.

Quando ouviu dessas dúvidas, em 1840, embarcou para o Brasil e pediu ao govêrno imperial que as dirimisse através de um decreto que o declarasse cidadão brasileiro. Encontrava-se neste empenho quando a enfermidade do seu ilustre e querido pai

fá-lo voltar à Europa. A sua solicitação, apesar da sua ausência do país por tão justificado motivo, foi atendida e o decreto lavrado e publicado no ano seguinte em setembro de 1841.

BIRUNGA — O pai dêle sarou?

VOVÔ — Morreu como lhes disse no início em 1842 menos de um ano depois de lhe serem outorgados todos os direitos de legítimo brasileiro.

BIRUNGA — Continuou Varnhagem em Portugal ou veio para o Brasil?

VOVÔ — Era o seu sonho dourado empreender pesquisas históricas com o fito de escrever novas obras que desejava, principalmente a história completa de sua pátria com a maior exatidão que lhe fôsse possível. Para tanto teria que rebuscar documentos nos arquivos de Portugal, Espanha, Holanda e outros lugares. Como conseguir facilidade para realizar seu intento? A melhor forma seria a carreira diplomática em que fôsse sucessivamente mandado a êsses lugares.

PAULO — A política não o atrapalhou?

VOVÔ — Felizmente não. Um seu grande amigo Antônio de Vasconcelos Menezes de Drumont que fazia justiça aos seus méritos conseguiu-o e a 19 de maio de 1842 era nomeado Varnhagem como adido de primeira classe para a legação do Brasil em Portugal. Nesse mesmo ano passou a pertencer ao exército brasileiro como oficial do corpo de engenheiros, cargo que deixou em 1851.

Serviu em nossa embaixada em Portugal durante cinco anos até 1847 de onde foi transferido para a Espanha e no mesmo ano promovido a secretário de legação.

BIRUNGA — Permaneceu na Europa?

VOVÔ — Não. Em 1851 voltou ao Brasil sendo eleito secretário do Instituto Histórico e Geográfico sediado no Rio de Janeiro onde prestou valiosos serviços.

BIRUNGA — Ficou depois sempre no Brasil?

VOVÔ — O govêrno imperial mandou-o de novo para Madri como encarregado dos negócios do Brasil.

BIRUNGA — Também só fora do país!

VOVÔ — Em 1859 retornou à nossa terra. Por pouco tempo, no entanto. Enviado ao Paraguai como ministro-residente deixou o seu pôsto em 1860 por não concordar com os processos políticos do govêrno de Assunção.

BIRUNGA — Voltou então para o Brasil?

VOVÔ — Sim. Mas logo no ano seguinte, em 1861, foi nomeado ao mesmo tempo ministro em três países da América do Sul: Equador, Venezuela e Colômbia. Êste país naquele tempo tinha o nome de Nova Granada. Depois no Equador, Peru, Chile. Nesse último país casou-se com uma chilena.

NEUSINHA — Ah! Não gostei.

VOVÔ — Não gostou de que, Neusinha.

NEUSINHA — Dêle ter casado com estrangeira.

VOVÔ — O amor não escolhe pátria.

FREDI — Serviu o Brasil em outros lugares?

VOVÔ — O nosso grande diplomata Varnhagem seguiu em 1868 para Viena, na Áustria, como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário, onde permaneceu até a sua morte que se deu dez anos depois, em 29 de junho de 1878.

A serviço do Brasil além dos lugares citados visitou o norte do nosso país, todo o norte da Europa e outros lugares, sempre estudando o máximo para a execução do seu plano de historiador.

FREDI — Escreveu muito mais ainda do que o senhor citou?

VOVÔ — É enorme sua bagagem literária. O nosso ilustre engenheiro militar, diplomata que tanto honrou a nossa nação, literato por índole, arqueólogo, geógrafo e historiador produziu cêrca de cem trabalhos. Ocuparíamos tempo só em enumerá-los.

Adianto-lhes, todavia, que, em todos os lugares onde andou estudava, rebuscava ,escrevia.

Pelo "O Caramuru perante a história" escrito entre outras quando de sua permanencia em Lisboa em serviço diplomático, concedeu-lhe o Instituto Histórico medalha de ouro.

Entre as suas múltiplas produções é difícil salientar alguma pois tôdas foram o resultante de esforços e pesquisas as mais cuidadosas a ponto de o ter feito o primeiro e o maior historiador do Brasil. Em síntese é o pai da história brasileira.

FREDI — Cite algumas que o senhor considera entre as principais.

VOVÔ — "O descobrimento do Brasil", o romance histórico "Caramuru", "Florilégio da Poesia Brasileira", "História da Independência", "Os holandeses no Brasil", " O Caramuru perante a História", "Amador Bueno".

A sua obra verdadeiramente imortal é "História Geral do Brasil" em que tantos outros historiadores têm bebido.

FREDI — Estou sinceramente feliz em ter conhecido a história de Varnhagem.

VOVÔ — Muitos outros escritos seus serviram ao nosso povo. Como exemplo os seus custosos estudos sôbre limites do Brasil que muito auxiliaram a diplomatas brasileiros como Rio Branco e Joaquim Nabuco.

BIRUNGA — Outros países conheceram o que êle escreveu?

VOVÔ — Diversos foram editados na Suécia, Rússia e outros países da Europa.

BIRUNGA — Como é que nós nada sabíamos dêle?

VOVÔ — A nossa geração tem se esquecido. Na sua época, porém, a evidência do seu nome se fazia sentir como no caso de Mauá. Basta dizer-lhes o seguinte: Além de ter pertencido à Academia Real das Ciências, de Lisboa e ao Instituto Histórico-Geográfico do Brasil, conforme já adiantei, fêz parte também do Instituto Histórico, de Buenos Aires, da Academia Real de História de Madri e da Academia Real, de Munich.

PAULO — Que colosso!

VOVÔ — Aqui no Brasil foram inúmeras as condecorações e títulos que recebeu. O de que mais lhe trouxe regozijo foi o de Pôrto Seguro, Barão, depois Visconde de Pôrto Seguro que até escolheu para constar no nome dos seus descendentes por ter sido o primeiro lugar do Brasil a ser tocado pelos portuguêses.

PAULO — Teve títulos só do Brasil?

VOVÔ — Outras nações o consagraram. A Espanha concedeu-lhe dois títulos. A Áutria e a Rússia o condecoraram.

BIRUNGA — Como isto nos alegra, Dr. Antônio.

VOVÔ — O resultado dos seus esforços, do seu trabalho contínuo, da sua abnegação constante representa a maior glória para Varnhagem e para o Brasil. Certa vez procurou com insistência o jazigo de Pedro Alvares Cabral. Ninguém sabia onde se encontrava. Suas pacientes investigações determinaram o local em Santarém.

Passaram-se os anos. Varnhagem foi aureolado. Depois por poucos lembrado. Reavivar os seus feitos é um dever nosso. Com isto quantos hão de querer seguir-lhe o exemplo, na retitude do caráter, na dignidade do trabalho, no soerguimento da moral.

E estou certo que vocês hoje quererão conhecer Ipanema, perto de Sorocaba e ver o monumento ali levantado à sua memória.

CARLINHOS — O vovô nos leva?

VOVÔ — Com o maior prazer.

NEUSINHA — Eu quero ir também.

VOVÔ — Naturalmente que eu os levarei a todos. Agora quem quiser conte outra história.

FREDI — Essa é boa, Dr. Antônio. Quem de nós poderia contar-lhe tão belas histórias!

VOVÔ — Então por hoje basta. Até amanhã.

TODOS — Até amanhã.

AVES

Palestravam o Dr. Antônio com Carlinhos, Neusinha, Birunga e Paulo esperando a chegada do Fredi que se encontrava atrasado. Êste chega alegremente e levantando o braço direito fala alto: Ave!

NEUSINHA — Que negócio é êste? Ave! E com todo êsse espalhafato.

FREDI — Pergunte ao Dr. Antônio.

NEUSINHA — Por que êle mandou perguntar-lhe, vovô?

VOVÔ — Ave! assim como êle exprimiu é uma interjeição. Êle está evocando antigo costume romano de saudação. É o mesmo que, Salve!

NEUSINHA — Que quer dizer evocando?

VOVÔ — Evocar tem mais de uma significação. No caso presente é trazer à lembrança a saudação dos romanos.

NEUSINHA — Que coisa engraçada! Falando em ave e um passarinho chegou à janela.

BIRUNGA — Boa coincidência. Fale-nos sôbre aves, Dr. Antônio.

VOVÔ — É um belo assunto! Oportuna lembrança.

CARLINHOS — Dizem que o Brasil é o lugar do mundo onde mais habitam aves; é verdade, vovô?

VOVÔ — Realmente o Brasil é rico em espécies e número de aves. Possui a nossa avifauna 1680 espécies, mais do dobro dos Estados Unidos onde também há grande variedade.

NEUSINHA — Já vem o vovô com palavra atrapalhada. O vovô se esquece que não entendo?

VOVÔ — Qual é a palavra?

NEUSINHA — Avifauna.

VOVÔ — É bom, porque você pergunta e aprende. Avifauna é o conjunto das aves existentes numa região.

CARLINHOS — Se só o Brasil tem 1680 espécies, quantas haverá ao todo no mundo?

VOVÔ — São tantas, tantas! Os Estados Unidos por exemplo, para lembrar país citado, possui 760 espécies. Imaginem no mundo inteiro! Os ornitólogos têm diversas divisões para as aves.

NEUSINHA — Pronto, ornitólogo, que é isso?

VOVÔ — Ornitologia é o tratado acêrca das aves. Ornitólogo aquêle que é versado em ornitologia. Um dos ornitólogos divide as aves em seis ordens: Aves de rapina, pássaros, trepadores, galináceos, pernaltas e palmípedes. Essas ordens subdividem-se em numerosíssimas famílias, gêneros e espécies.

NEUSINHA — Uma coisa eu sei!

VOVÔ — Qual é?

NEUSINHA — As aves galináceas são as galinhas.

VOVÔ — (Rindo-se) Sim. As galinhas, galos, perus, perdizes, faizões. São as aves que têm patas não palmadas em que os dedos anteriores são reunidos por uma curta membrana, bico curto, forte e não adunco.

NEUSINHA — Que é adunco?

VOVÔ — Gosto quando você pergunta como está fazendo hoje. É sinal que está prestando bastante atenção. Adunco é curvo em forma de garra ou gancho; recurvado.

NEUSINHA — Que é ave de rapina?

VOVÔ — Ave que se distingue pelo bico adunco, garras fortes, fôrça e corpulência. As aves de rapína são

diurnas como a águia e o abutre ou noturnas como a coruja e o môcho.

NEUSINHA — E pássaro?

VOVÔ — Pássaro é o nome das aves pertencentes à ordem dos pássares, ordem de aves que compreende a maior parte das que cantam e cujo caráter principal é a pequenez do corpo e o fato de terem três

dedos para diante e um para trás. Chama-se também pássaro à ave pequena.

NEUSINHA — Se pássaro é ave pequena e passarinho?

VOVÔ — Passarinho é pássaro pequeno.

PAULO — Há muita coisa interessante sôbre as aves?

VOVÔ — As aves são sedentárias ou migradoras.

PAULO — Quais são as sedentárias?

VOVÔ — Sedentárias são as que vivem sempre no seu país de origem, só se afastando, por vêzes, para sí-

tios vizinhos à procura de melhor sustento ou segurança.

PAULO — E as migradoras?

VOVÔ — Migradoras são as aves que sempre na mesma época do ano partem para longe e regressam também numa mesma época.

FREDI — Quais são as aves migradoras?

VOVÔ — Mais de metade das aves da Europa, norte da Ásia e norte da América são migradoras, passando o inverno em regiões do sul onde o clima é mais favorável.

As aves canoras são quase tôdas migradoras privando as regiões frias do seu melodioso canto durante os meses do inverno. As poucas que ficam permanecem mudas durante êsse tempo.

BIRUNGA — Quantos anos vivem as aves?

VOVÔ — A duração da vida das aves depende do tamanho da espécie. Vivem em regra geral muitos anos. Algumas vivem em cativeiro mais de oitenta anos.

PAULO — Que colosso!

VOVÔ — Convém lembrar que a ave em liberdade vive muito mais pois a cativa é mais sujeita às doenças.

FREDI — Onde se encontram?

VOVÔ — Habitam tôda a região do glôbo, do leste a oeste, do polo norte ao polo sul. Onde formos, encontraremos aves. Nas florestas, nos campos, nas planícies, nas montanhas, nos desertos, nos rochedos, à beira mar, nos rios, nos lagos, nos brejos, na superfície das águas, sôbre as nossas casas, em nossos gramados, nas janelas e nas ruas. Quando apanhadas pelos homens, nas gaiolas ou nos viveiros.

FREDI — Ou nas panelas!

NEUSINHA — Coitadinhas!

VOVÔ — Nem tôdas absorvem o mesmo alimento. Há as carnívoras, as insetívoras, as gramívoras, as frugíveras e umas poucas oníveras.

Na sua alimentação beneficiam muito o homem destruindo os insetos daninhos à agricultura, as lagartas que danificam as árvores e os roedores que devoram colheitas.

CARLINHOS — Que é mais belo nas aves?

VOVÔ — Tudo. O seu mavioso canto com notas que o homem não pode alcançar, a graça do seu vôo e a beleza da sua plumagem com penas das mais variegadas côres.

CARLINHOS — Variam muito de lugar para lugar?

VOVÔ — Cada região tem as suas espécies particulares variando no tamanho, na forma e no colorido.

CARLINHOS — Que significa a expressão que ouvi outro dia: André deu um vôo de águia.

VOVÔ — É uma das célebres expressões em que usamos as qualidades de animais e aves. A águia vôa muito alto. Vôo de águia é um vôo muito alto. Pode ser referido no sentido pejorativo como no de apreciação ou louvor.

CARLINHOS — Dê-nos outras expressões oriundas de aves, vovô.

VOVÔ — Fulano é um sujeito águia. Paulo é um pai coruja.

PAULO — Eu ainda não sou pai, Dr. Antônio. (Riram-se todos).

VOVÔ — Mário viu passarinho verde; Sebastião tem estômago de avestruz; Birunga é pacífico como um pombo.

FREDI — Mas é, hem!

VOVÔ — João vive passarinhando ou andorinhando.

BIRUNGA — Que significa isso?

VOVÔ — Que não tem parada. Que vive mudando de lugar.

CARLINHOS — As mais belas aves são as que melhor cantam?

VOVÔ — A pergunta foi oportuníssima pois é bom esclarecer êste ponto. Em tudo, com homens, animais e aves, Deus distribuiu vários dons e possibilidades.

Em regra geral quanto mais bela a ave, menos primoroso é o seu canto. As aves dotadas de rica e vistosa plumagem ou as que são fortes atraem as fêmeas ou ostentando a magnificência das suas penas ou derrotando os rivais. Aquelas que não têm bonita plumagem recorrem à beleza do canto e assim é que os machos cantam melhor do que as fêmeas.

CARLINHOS — Como as aves constróem os seus ninhos?

VOVÔ — Outra boa pergunta. É um verdadeiro espetáculo observar a variedade de formas com que as aves constróem os seus ninhos. São ninhos de fôlhas, de teias de aranha, de líquens, em forma de taças, de garrafas, de rêdes, os mais simples aos mais delicados. Grosseiros como os da águia, uma singela cova como os das perdizes, ou confortáveis como os dos pintassilgos. Tanto menor a ave, tanto mais arte em nidificar.

NEUSINHA — Pare aí, vovô. Que negócio é êsse de nidificar? Que é isso?

VOVÔ — Nidificar, Neusinha, é o mesmo que construir ninhos. Tanto faz dizer construir ninhos, como nidificar.

NEUSINHA — Cada uma que aparece! Mas pensando bem é palavra engraçada: nidificar. Amanhã na escola vou falar em construção de ninhos só para usar esta palavra.

VOVÔ — Como estava dizendo, quanto menor a ave, tanto mais arte na construção do ninho. Como exemplo, os colibris, cujos ninhos enchem de admiração aos mais delicados artistas: empregam fios tirados das teias de aranha entrelaçando musgos dos tons mais delicados.

BIRUNGA — Colibri é ave pequenina?

VOVÔ — Você conhece beija-flor?

BIRUNGA — Conheço.

VOVÔ — Colibri é sinônimo de beija-flor. Os colibris são os beija-flôres.

NEUSINHA — Eu não digo que complicam as coisas? Por que não dizer logo beija-flor.

VOVÔ — As aves escolhem sítios adequados e materiais próprios a fim de abrigar e proteger os filhotes, cada um de acôrdo com o seu instinto.

As aves que freqüentam as praias e rios e as aves de rapina são as mais descuidadas. As primeiras contentam-se com um buraco na terra ou uma fenda na rocha. As segundas, um tosco abrigo de ramos.

A diversidade na fabricação dos ninhos depende muita vez do seu espírito de adaptação ao ambiente.

CARLINHOS — Pode citar-nos, vovô, algumas aves em relação aos seus ninhos?

VOVÔ — Como não! Vejamos algumas: A garça apesar de ser uma ave pernalta aquática faz os seus ninhos em sítios sêcos e elevados na copa das árvores mais altas.

As gaivotas fazem os seus ninhos de juncos de fôlhas sêcas ocultando-os de maneira admirável nas margens de rios e lagos, entre canoas ou raízes de árvores inclinadas sôbre as águas.

O tentilhão europeu contrói o seu ninho de musgo e pedaços de lã forrado de crinas de cavalo e penas.

Os ninhos dos melros são primorosamente talhados com plantas e outras matérias vulgares tendo o interior moldado com lôdo endurecido e forrado de ervas tenras. Fazem-nos tão hàbilmente dissimulados que passam despercebidos.

CARLINHOS — O rouxinol deve construir ninhos muito bonitos, não vovô?

VOVÔ — Por que?

CARLINHOS — Cantam os rouxinois tão bem?

VOVÔ — Acontece com os passáros o que se dá com muitos homens. Figuras que se projetam nos vários sectores da vida de forma empolgante tiveram origem humilde. O rouxinol com tôda a majestade de suas melodias tem por berço ninho modesto e pobre feito de fôlhas sêcas amontoadas uma sôbre as outras, forradas de ervas.

BIRUNGA — Meu pai tem em nosso viveiro um par de calhandra. Como é o seu ninho?

VOVÔ — A calhandra oferece-nos outra surprêsa: ave de tão alto vôo e tão bela voz, procura o mais baixo nível para construir o seu ninho de ervas com um pouco de terra a protegê-lo.

PAULO — Quais são as aves que menos mêdo tem do homem?

VOVÔ — O pintarroxo, o pisco e a carriça.

PAULO — Como constróem os seus ninhos?

VOVÔ — Os pintarroxos carregam pedacinhos de palha, capim, trapos, fios de linha para os locais onde constróem os ninhos. Êstes são feitos, em nodos de velhas árvores, de casas ou de celeiros, ou em reentrâncias de portais. Entrelaçam pequenos pedaços de galhos

e fôlhas, unindo-os com terra úmida. Equanto a terra está macia a fêmea aninha-se sôbre ela, amassando-a e dando-lhe a forma de uma xícara de café. Depois reveste o ninho de capim sêco, penas e pedacinhos de algodão. Os piscos constróem ninhos confortáveis, asseados, feitos de fôlhas, ervas sêcas e musgos, caprichosamente entrelaçados. A carriça como o pisco faz o seu ninho em qualquer lugar.

PAULO — E outros pássaros?

VOVÔ — Um dêles, a flosa costureira, faz ninhos suspensos de forma notável! Com o bico cose perfeitamente três fôlhas unindo-as pelos bordos numa espécie de taça em cujo interior põe o ninho feito de lã e ervas finas. O fio que emprega é às vêzes de sêda tirada de casulos de certas lagartas, de teias de aranha, de fragmentos de lã ou de algodão ou de outras fortes fibras vegetais.

CARLINHOS — É admirável o instinto de certos pássaros!

VOVÔ — Há um pássaro original na confecção de ninhos. O calau. Constrói o calau o ninho no tronco das árvores, fecha a porta por onde a fêmea entrou, deixando-a encerrada com um pequeno orifício, o bastante para receber pelo bico a comida que êle lhe traz. Depois grande é o seu esfôrço no conseguir sòzinho e levar alimentação para a companheira e filhos.

PAULO — Vai ver que o danado é ciumento!

VOVÔ — Tudo é possível.

Devo dizer-lhes que há vários pássaros brasileiros que se sobressaem na construção dos ninhos. Entre êles as andorinhas.

NEUSINHA — Como nidificam as andorinhas

VOVÔ — Gostei, Neusinha.

NEUSINHA — Estou trenando para quando chegar amanha na escola.

VOVÔ — As andorinhas abrem túneis para construir suas casas.

Outras aves do Brasil nidifícam de maneira singular. Os japus protegendo os ninhos com uma tampa solta edificados bem no alto das árvores mais altas, como as paineiras. Há os que os constróem em forma de bolsa com saliências laterais, como os andorinhões, em forma de tijela, como os ben-te-vis e por vêzes dando a aparência de uma botina em pé. Outro dos nossos pássaros edifica-o em forma de barril com uma torneira virada para baixo.

Dos pássaros brasileiros é mais conhecido o ninho do João de barro, chamado oleiro, pela forma interessante de nidificar. Constrói o ninho com lama em forma de forno num galho horizontal. É admirável a sua habilidade na construção do ninho, dividido em dois compartimentos, num dos quais são criados os filhos.

Muita vez os joões de barro dão bastante o que fazer aos trabalhadores de linha, principalmente durante os meses de agôsto e setembro, época de incubação.

CARLINHOS — Por que?

VOVÔ — É que o joão de barro nidifica nos postes telegráficos, e, envolvendo quase sempre os ninhos o topo dos postes, fios e isoladores, produzem desvio de corrente elétrica, obrigando os homens à limpeza das linhas. Mas, apesar do trabalho difícil que essas aves desenvolvem no manejo do material mole com que têm de lidar, constróem os ninhos com uma rápidez incrível. Três a quatro dias depois de se ter limpado uma secção de linha lá se encontram novos ninhos a obrigar novo azáfama dos que têm aos seus

cuidados o despejo das novas casas dos insistentes forneiros.

FREDI — O senhor disse que êles são chamados oleiros, agora mencionou a palavra forneiros.

VOVÔ — São vários os títulos que recebe o joão de barro: oleiro, forneiro, barreiro, pedreiro, amassa-barro e joão barreiro.

BIRUNGA — João barreiro! Por que êsse nome de joão?

VOVÔ — O povo escolhe em geral um nome comum. Assim como na história da humanidade há muitos homens com o nome de João, acontece o mesmo com animais, aves e natureza.

BIRUNGA — Pode nos dizer alguns?

VOVÔ — Perfeitamente. Entre as aves vejamos: joão barbudo, joão bôbo, joão congo, joão conguinho, conhecido em Goiás por xexéu, joão corta pau, joão de pau, joão do mato, joão grande, joão paraná, joão pobre, joão velho e outros. Entre os peixes, joão guruçu. Entre as árvores, joão mole e joão correia. Esta última é uma árvore tortuosa, de bom tamanho e de fôlhas miúdas e arredondadas, cuja madeira é empregada para fabricação de cangas de boi, esteios e postes.

CARLINHOS — Eu gostaria de conhecer mais particularidades sôbre algumas aves.

VOVÔ — Então comecemos pela soberana das aves.

CARLINHOS — Qual é a soberana?

VOVÔ — A águia. Têm as águias grande estatura, vista penetrante, vôo rápido, formas robustas, asas compridas e arredondadas na extremidade. Habitam as regiões montanhosas do glôbo.

Existe 9 espécies de águias. Uma delas, a águia dourada ou real, é bem grande, sendo a fêmea um pouco maior do que o macho. É de um castanho

escuro quase negro e a cabeça e nuca de um vermelho dourado. A águia dourada, a maior das águias européias, encontra-se na Europa, Ásia, norte do Himaláia e na maior parte da América do Norte. Põe a fêmea dois ou três ovos de um branco pálido salpicado de manchas escuras.

Necessita o casal grande quantidade de alimento para sustentar-se e aos dois ou três filhotes, para o que as águias atacam caça miúda, cordeiros, lebres, pequenos porcos, galinhas, coelhos, esquilos e ratos do campo.

As águias geralmente se casam um só vez na vida. Além de ser o seu vôo rápido é a águia a que atinge maiores alturas entre as aves.

CARLINHOS — Desde pequenas?

VOVÔ — Precisam ser ensinadas pelos pais.

CARLINHOS — Como ensinam?

VOVÔ — A águia voa tendo às costas os filhotes que por sua vez afastam-se em pequenos vôos circulares; depois de alguns instantes sentem-se fatigados e repousam no dorso da mestra. Os ensaios vão-se tornando, a pouco e pouco, mais longos e ao fim da lição os vôos são bem mais arrojados mas sempre sob as vistas da preceptora. Decorrida mais ou menos uma hora as pequenas aves retomam seu lugar no dorso materno. Esta volta ao rochedo onde se encontra o ninho para na hora oportuna ministrar nova aula até que os pequenos estejam aptos aos altos vôos das águias adultas.

NEUSINHA — Gostei de ouvir esta história, vovô.

VOVÔ — A águia imperial que se julga ser a que os gregos e romanos adotaram no seu simbolismo, vive numa extensa região que vai do mediterrâneo orien-

tal até a China. É um pouco menor e mais escura que a águia real.

As águias mosqueadas que habitam a Europa central e do sul, a águia morena da África, a morena da Índia e a águia abutre da África do sul são menores.

Pela ordem de importância seguem as águias marinhas que habitam as proximidades dos grandes rios e se alimentam principalmente de peixes. Pertence a êsse gênero a águia de cabeça branca que constitui o emblema nacional dos Estados Unidos e que habita as regiões dos Grandes Lagos e dos maiores rios. É mais ou menos do tamanho da águia dourada ou real, medindo cêrca de 1 metro e 20 cm, tendo a cabeça, a garganta e a cauda completamente brancas depois dos três anos de idade.

Ocupa um casal o mesmo ninho durante muitos anos fazendo-lhe reparo cada vez que o usa novamente.

CARLINHOS — Então os Estados Unidos usam a águia branca como emblema?

VOVÔ — Sendo a águia símbolo da fôrça, da elevação, da superioridade do poder, nesse sentido foi usada como emblema de diversas nações como na Grécia, Roma, França e Rússia e por diversas ordens e hoje pela América do Norte.

CARLINHOS — Existe águia na América do Su?

VOVÔ — Sim. A denominada hárpia, de grande tamanho e de maior ferocidade do que as outras tendo por isso o nome de águia destruidora.

NEUSINHA — Quando o vovô começou a falar sôbre aves disse que águia é uma ave de rapina. E citou outras. Quais são mesmo?

VOVÔ — Há dezenas de entre elas. Os condores, os falcões, gaviões, corvos, corujas, mochos e tantas outras. Tôdas têm notável golpe de vista podendo ver de grande altura pequenos animais na terra. O mesmo acontece com as aves de rapina noturnas como a coruja e o mocho. Só que estas enxergam melhor durante a noite. Têm as aves noturnas ainda a particularidade de possuir excelente audição. A coruja tem o apelido de guarda noturna das fazendas pela caça que dá aos ratos e camundongos.

Creio que é melhor deixar para outro dia o resto dêste assunto de aves.

BIRUNGA — Termine-o hoje, Dr. Antônio, porque em nosso colégio temos amanhã que fazer uma composição sôbre pássaros.

VOVÔ — Vocês não estão cansados?

FREDI — Eu não estou, Dr. Antônio.

TODOS — Eu também não.

VOVÔ — Então vejamos algumas aves que se sobressaem pelo canto. Em primeiro lugar o pintarroxo. Quando se ouve o seu canto é que a primavera está chegando. São mesmo denominados, nos Estados Unidos, arautos da primavera. É o pintarroxo o mais conhecido e estimado passarinho da América do Norte. Tem a cabeça prêta, pescoço e asas cinzentas e o peito vermelho, sendo as côres dos machos mais vivas do que as das fêmeas.

Como ave migradora que é o pintarroxo voa antes da fêmea com o fito de observar a região e encontrar o local próprio para a companheira construir o ninho. Semanas depois as fêmeas voam a se juntar aos companheiros. E começa a estação nupcial com o gorgeio de milhares de pares de pintarroxos. Enquanto se

processa a construção do ninho o macho canta alto, alegre e docemente para a companheira.

FREDI — Então amam-se muito?

VOVÔ — Como não!

FREDI — Dr. Antônio. Dizem que o amor é um fato. Posso contar o amor a respeito de um casal que morava perto de casa?

VOVÔ — Pode.

FREDI — Um rapaz e uma mocinha amavam-se doidamente. Êle andou perdendo muito dinheiro e ficou doente. Ela também adoeceu. Mesmo assim casaram-se. No dia seguinte foi êle para o cemitério e ela para o hospital.

NEUSINHA — Coitados!

PAULO — É verdade, Fredi?

FREDI — É sim. Êle trabalha no cemitério e ela trabalha no hospital.

BIRUNGA — Bandido, êsse Fredi.

VOVÔ — (Rindo-se) Continuemos a história dos pintarroxos. Construido o ninho a fêmea põe durante quatro ou cinco dias quatro ou cinco ovinhos cor azul celeste que passa a chocar enquanto o macho guarda o ninho e busca alimento para a amada. Passadas cêrca de duas semanas nascem os filhotes. Têm êsses enorme apetite chegando a comer cada um dêles 5 metros e meio de minhoca por dia. Lá se vão os pais emagrecendo com o trabalho que têm de conseguir vermes, larvas, grilos, gafanhotos e aranhas para os pequerruchos.

Quando se aproxima um gato soltam os pais gritos os mais altos possíveis com o que apelam pelo socorro de outros pássaros. Atacam o gato e conseguem muita vez livrar-se dêle. Quando acontece um

fihote de pintarroxo ser apanhado por um gato são impressonantes os gritos de lamentação dos pais.

NEUSINHA — Por que o malvado do gato faz isso?

FREDI — É mesmo linda a voz do pintarroxo?

VOVÔ — Maravilhosa voz. Têm ainda a faculdade de aprender a voz de outros pássaros quando são incubados em seus ninhos. Já se fêz essa experiência e então cantam ou como a calhandra, ou como a cotovia, conforme o ninho onde são chocados.

FREDI — Com outros pássaros não acontece o mesmo?

VOVÔ — Acontece com alguns como o canário, mas não com todos. A fêmea do cuco por exemplo deposita os ovos em ninhos de diversos pássaros e o canto do cuco é sempre o mesmo.

FREDI — Que diz o senhor do rouxinol, Dr. Antônio?

VOVÔ — Por que pergunta sôbre o rouxinol?

FREDI — Porque um vizinho nosso tem três e eu os acho muito bonitos. Possuia quatro mas o gato conseguiu matar um. Agora o nosso vizinho quer adquirir outro para formar de novo dois casais.

VOVÔ — Realmente o rouxinol tem a cabeça e os olhos belos. Mas se começarmos a falar particularmente a respeito de muitos pássaros demoraremos demais na história de hoje.

CARLINHOS — Fale, vovô, sôbre o rouxinol e mais alguns.

VOVÔ — Muita coisa agora que fôr semelhante entre êles, deixarei de mencionar, mesmo para não cansá-los.

Quando chegam do vôo migratório, enquanto fazem o ninho e a fêmea os incuba, o macho canta dia e noite para a animar; mas logo que os filhos saem da casca pára de cantar.

NEUSINHA — Por que?

VOVÔ — Porque tem de ajudar a procurar lagartos, escaravelhos, vermes e ovos de formiga para alimentar a prole.

Se lhes roubam o ninho logo após a postura dos ovos o macho canta durante a construção de outro até o início da incubação mas geralmente pára até o fim da segunda ninhada.

FREDI — Que diz do seu canto?

VOVÔ — O rouxinol, a toutinegra real, o canário, o melro, o pisco, o pintassilgo, o pintarroxo e a cotovia são os mais melodiosos cantores dos bosques europeus. A cotovia tem uma particularidade: das aves canoras é a que mais alto voa mas nidifica no solo.

CARLINHOS — As aves do Brasil são boas cantoras?

VOVÔ — Com referência às aves o mundo das côres não é o mundo dos sons. O Brasil apresenta aves ricamente ornadas mas inferiores às da Europa em relação ao canto. Destaquemos entre as nossas aves canoras o sabiá-laranjeira, o sabia-una, o sabia-piri, o uiapuru, a patativa e o canário da terra.

Os sabiás constróem muito bem os seus ninhos em forma de tijela mas têm a infelicidade de causar estragos nas chácaras e quintais. Razão porque são perseguidos.

O canário da terra põe ovos nos ocos de árvores, ninhos de joão de barro e outros. Vivem em casais ou em bandos. O macho é cioso de suacompanheira, travando lutas acirradas com outros machos. Há cêrca de 7 espécies de canários da terra.

CARLINHOS — Mas belas aves temos muitas?

VOVÔ — As aves de mais bela plumagem encontram-se no Brasil. Não existe ave tão esplêndidamente ornada como o colibri ou beija-flor que já mencionei a vocês. São tão belos quanto graciosos êsses delicados

passarinhos que se alimentam do néctar das flôres e se banham nas gotas de orvalho. Apesar de pássaros pequeninos têm um bico comprido e pontudo como uma agulha, de maneira que os outros pássaros evitam complicações com êsses. Dessa forma defendem bem os filhotes.

Acontece freqüentemente que um colibri e uma abelha desejam sugar o néctar da mesma flor, ao mesmo tempo. Brigam os dois e o colibri é o vencedor tendo a abelha que retirar-se.

Há 500 espécies de beija-flôres. Dezenove vivem na América do Norte. A maior parte na América do Sul. O Brasil conta com 80 espécies.

Essas pequeninas aves não se cansam de voar. Passam o dia todo voando. Alimentam-se voando. É a única ave que voa para a frente e para trás. Pode ficar parada no ar e voa com rápidez incrível.

Como a abelha, o beija-flor ao passar de flor em flor contribui para a fecundação das plantas.

CARLINHOS — Além do colibri cite outras aves de bela plumagem no Brasil.

VOVÔ — São tantas! Algumas das mais conhecidas são os tucanos, os papagaios ,as araras, os periquitos e as cotingas.

Acrescente-se a isso as nossas aves que falam e as que dançam.

CARLINHOS — Que falam e que dançam?

VOVÔ — Sim. As que falam, além do papagaio bem-te-vi, o quero-quero, o ta-ã, o tico-tico e outros. Aves que dançam como o galo-da-serra e o tangará.

BIRUNGA — Mas dançam mesmo?

VOVÔ — Os galos-da-serra realizam verdadeiros torneios de dança observados pela fêmea a quem disputam.

Os tangarás reúnem-se em duas filas de machos tendo uma fêmea ao centro. Os dois mais próximos em evolução volteiam-se no ar e vão pousar em ponto mais afastado, enquanto dois outros repetem os mesmos gestos e isso entre todos, consecutivamente, ininterruptamente, por vêzes mais de meia hora. Depois ao sinal de um dêles param a orquestra para voltarem mais tarde.

CARLINHOS — Isso é simplesmente extraordinário, vovô!

VOVÔ — A variedade da avifauna brasileira enche-nos efetivamente de encanto. Como exemplo as 60 espécies de pica-pau a tamborilar com o bico nas árvores enquanto estão sempre palrando e grasnando uns com os outros e os filhotes a voejar e chilrar em volta.

NEUSINHA — Existe muita coisa ainda que o vovô pode explicar sôbre as aves?

VOVÔ — Há um mundo de coisas ainda a dizer quer sôbre as trepadoras como o pica-pau, nadadores como o pelicano, o marabu, a garça, o alcarvão, a cegonha e tantas outras. Aves marinhas como o albatroz, gaivota, petrelo, pinguim, andorinha do mar, papagaio do mar. etc. Outras como os faisões, codornizes, perdizes e mais dêste gênero. Mas já lhes dissertei o bastante a fim de criar em vocês o gôsto pelo estudo das aves.

PAULO — O senhor não mencionou as andorinhas de Campinas.

VOVÔ — De fato há coisas muito interessantes a mencionar sôbre essas aves. De asas compridas e bico curto caracterisam-se pelo vôo elegante e migrações regulares e periódicas. A andorinha ocorre em tôdas as partes do mundo exceto na Nova Zelândia e regiões polares. É tida como uma das aves mais úteis

ao homem. Alimenta-se de insetos, consumindo de sessenta a oitenta por dia. Fazem as andorinhas os seus ninhos em reentrâncias diversas, ôcos de árvores e beirais de telhados.

Pássaro gregário por excelência vivem as andorinhas agrupadas em colônias numerosas, tanto nas cidades, como nos campos.

Entregam-se a grandes revoadas o que as tornou conhecidas em Campinas onde lhes foi separado o velho mercado como casa das andorinhas. Apresentavam as suas revoadas quadro de tal maneira empolgante que muita vez passei momentos esquecidos a apreciá-las na bela e progressista cidade paulista.

Quanta coisa ainda vocês poderão conhecer sôbre as aves, como as referentes aos pombos correios. Tudo o que puderem aprender sôbre as aves, animais, árvores e outros elementos diversos da natureza, façam-no. E verificarão cada vez mais que só a mão do Todo Poderoso nos poderia cercar com tanto encanto e tanta magnificência, glória das suas mãos.

AR — VENTOS

NEUSINHA — Vovô, eu não entendo bem esta expressão: ar de riso.

VOVÔ — Quando uma pessoa sorri diz-se que tem um ar de riso. Ar é um dos sinônimos de aspecto, semblante, fisionomia. Assim ar de riso é ter aspecto alegre, fisionomia agradável, semblante risonho.

FREDI — Dr. Antônio: Eu tenho um primo que possui um ar tão claro que quando chega em casa à noite o galo canta.

VOVÔ — Essa é muito boa Fredi. Você de quando em quando tem algumas que vale a pena.

FREDI — Obrigado, Dr. Antônio.

NEUSINHA — Eu compreendi a sua explicação, vovô, mas o senhor não acha que certas palavras têm um sentido esquisito?

VOVÔ — Muitas significações de determinados vocábulos formam-se e mudam-se com o tempo. Têrmos jntam-se a outros e jogos de palavras exprimem diferentes sentidos.

NEUSINHA — Explique-nos, vovô.

VOVÔ — Como exemplo esta pequenina palavra **ar** composta só de duas letras. Veja bem essas diversas expressões: André tem a cabeça no ar; João está aéreo; José gosta de arejar o espírito; a fábrica foi pelos ares; Maria foi tomar um pouco de ar; Lúcia

sofreu um grande golpe de ar; a corrente de ar estava forte; anda coisa no ar; Alberto faz castelos no ar.

NEUSINHA — É verdade, vovô, quantas?

VOVÔ — O mesmo sucede com inúmeras outras palavras.

FREDI — Como exemplo, Dr. Antônio, eu sou um artista.

VOVÔ — Você é cheio de artimanhas.

PAULO — Êle e artificial.

VOVÔ — Vamos parar com isto que já está ardendo.

NEUSINHA — Que é ar, vovô?

VOVÔ — Ar é a mistura gasosa que envolve a terra e que constitui a atmosfera.

NEUSINHA — Que coisa complicada, vovô!

VOVÔ — Você sabe, Neusinha, o que é ar. O que você não sabe até agora é difiní-lo. Você mesma diz: o ar está quente, está frio, está úmido, está gelado, etc.

NEUSINHA — Mesmo complicado eu quero ouvir a explicação, vovô.

VOVÔ — O ar na antiguidade grega era considerado com um elemento. Para Aristóteles havia quatro elementos: o ar, a água, a terra e o fogo.

Depois ficou demonstrado que o ar é mistura gasosa. Lavoisier demonstrou que o ar é constituido de cêrca de 20% de oxigênio e de cêrca de 80% de azôto. Mais tarde descobriram que no azôto do ar encontra-se novo elemento que recebeu o nome de azônio. Em seguida foram descobertos no ar mais os seguintes gases nobres: hélio, criptônio, neônio e xenônio.

BIRUNGA — Eu ouvi falar em nitrogênio no gaz e o senhor não o mencionou.

VOVÔ — Nitrogênio é o mesmo que azôto. Diz-se indistintamente azôto ou nitrogênio.

BIRUNGA — Obrigado, Dr. Antônio.

VOVÔ — Os componentes do ar são divididos em duas classes: os constantes e os acidentais.

BIRUNGA — Quais são os constantes?

VOVÔ — Os componentes constantes são os que mencionamos: nitrogênio, oxigênio e gases nobres cujas proporções não variam. Tem-se ainda como componentes constantes, porém em quantidades variáveis com o lugar e a hora: são o dióxido de carbônio, o vapor de água e as poeiras.

BIRUNGA — Quais são os componentes acidentais?

VOVÔ — Os componentes acidentais são os gazes e vapores característicos do ar de uma certa região. Como exemplo: o dióxido de enxofre existente nas regiões em que se queima carvão sulfurado; os óxidos de nitrogênio formados pela ação de descargas elétricas durante as tempestades; o metano originado pela decomposição da matéria orgânica nas zonas pantanosas. São ares impuros.

BIRUNGA — Quais são os ares puros?

VOVÔ — Denomina-se ar puro e sêco o que contém sòmente os componentes constantes cujas proporções não variam.

BIRUNGA — Qual foi a definição que o senhor deu de ar?

VOVÔ — Eu disse que ar é a mistura gasosa que envolve a terra e que constitui a atmosfera.

BIRUNGA — Parece-me que já ouvi outra definição de ar.

VOVÔ — Pode ter ouvido. As coisas nem sempre têm uma definição rígida com as mesmas palavras. O que é necessário é dar o verdadeiro sentido. Dar-lhes-ei outra definição.

BIRUNGA — Qual?

VOVÔ — O ar compõe-se de diferentes espécies de gases transparentes.

BIRUNGA — É justamente esta definição que ouvi.

VOVÔ — Como ouviu no primeiro caso eu lhes disse o que é o ar e no segundo caso de que se compõe o ar. No fundo é a mesma coisa.

BIRUNGA — Tem razão.

VOVÔ — O importante é que existe o ar. Ai de nós se o ar não estivesse sempre presente.

NEUSINHA — Que aconteceria, vovô?

VOVÔ — Não viveriamos.

NEUSINHA — Não, vovô?

VOVÔ — O ar é um alimento.

NEUSINHA — Alimento?

VOVÔ — E alimento fortíssimo. Podemos passar algum tempo sem comer e sem beber, mas não podemos passar sem ar.

NEUSINHA — Não é que é mesmo?

VOVÔ — O ar é alimento para nós, para os animais e para as plantas.

NEUSINHA — Para as plantas também?

VOVÔ — Para as plantas também.

NEUSINHA — O ar não pode desaparecer de repente?

VOVÔ — A fôrça de gravidade o retem em torno da terra.

NEUSINHA — E fora da terra êle não existe?

VOVÔ — O ar vai ficando mais rarefeito à medida que atinge maior altura acima da terra. É abundante na troposfera, isso é, na esfera do homem ou seja na parte mais baixa, próxima do homem, vai rareando na estratosfera, torna-se ainda menor na hidrogenada e desaparece finalmente no misterioso espaço onde não existe ar de forma alguma.

PAULO — Até onde vai o espaço?

VOVÔ — Sei lá! O espaço alcança tal distância que não se pode imaginar onde estará o seu fim. Terá fim? Vai por êste infinito em fora. Quanta coisa o homem não pode alcançar! Quanta coisa que só a produz, a sabe e a alcança, a onipotência, onisciência e onipresença de Deus!

PAULO — Qual é a côr do ar?

VOVÔ — O ar é um fluído transparente, invisível, logo não tem côr. Não o podemos ver.

PAULO — Por que então o céu é azul?

VOVÔ — O céu nos parece azul porque está repleto de pequeninas poeiras, gotículas de água e outras diminutas partículas que a luz do sol ilumina quando caminha em direção à terra.

CARLINHOS — Interessante, vovô. Como se processa isso?

VOVÔ — Como a luz do sol contém em sí tôdas as côres do arco-íris, as partículas do ar recolhem o azul da luz solar e o reflete sôbre nós.

NEUSINHA — O vôvo disse que se não fôsse o ar não poderíamos viver?

VOVÔ — Não só nós mas nada poderia viver na terra.

NEUSINHA — Nada?

VOVÔ — Nada. Todos os sêres necessitam de oxigênio para respirar. E de nitrogênio para obter calor e vigor.

CARLINHOS — E os vegetais?

VOVÔ — Os vegetais carecem do gás carbônico para que possam desenvolver-se.

PAULO — Há mais coisas sôbre o ar?

VOVÔ — O fogo não se produziria sem componentes do ar. Sem a existência do fogo não funcionariam as máquinas a vapor que por sua vez são acionadas pelo fogo. Está vendo quanta coisa depende do ar?

PAULO — Quanto mais se vive mais se aprende.

VOVÔ — Vejamos ainda o seguinte: o sol que aquece também queima. Pois bem: o sol nos torraria se não fôsse o ar que nos protege contra os seus raios quentes.

NEUSINHA — Então à noite não precisariamos do ar.

VOVÔ — (Rindo-se). O mesmo ar que nos protege contra os raios quentes do sol durante o dia conserva o calor solar nas proximidades da terra para que não gelemos de frio quando chega a escuridão da noite.

PAULO — Que **batuta** que é o ar.

VOVÔ — Se não fôsse o ar, Neusinha, você não poderia ouvir as histórias que lhes conto.

NEUSINHA — Que tem o ar com isso?

VOVÔ — As ondas do som viajam até o ouvido humano por intermédio do ar.

NEUSINHA — Não entendi.

VOVÔ — Você só pode ouvir a minha voz porque lhe é conduzida através do ar.

NEUSINHA — É, vovô!?

VOVÔ — Você gosta de ouvir orquestra? O canto das aves?

NEUSINHA — Como não?

VOVÔ — Não os ouviríamos se não fôsse o ar. O som do rádio bem como as imagens refletidas na televisão só são possíveis por causa da existência do ar.
CARLINHOS — Tudo isso é extraordinário!
VOVÔ — Vocês já imaginaram a resistência do ar?
PAULO — Uma coisa invisível e transparente tem resistência?
VOVÔ — Os aviões não poderiam voar se não fôsse a resistência do ar.
PAULO — Isso não me convence da sua resistência.
VOVÔ — Então outro exemplo. Vocês não tem visto quando se enche uma câmara de ar? Como o ar no interior de um possante pneumático de caminhão sustenta o seu pêso?
FREDI — Dr. Antônio. O Sr. sabe qual é a diferença entre um rojão e uma câmara de ar?
VOVÔ — É que o foguete estoura em cima e a câmara de ar estoura em baixo?
FREDI — Podia ser, mas não é.
VOVÔ — Então o que é?
FREDI — O rojão faz chi-i-i-i-i-i-i-pum! E o pneumático faz pum-chi-i-i-i-i-i-i!
VOVÔ — Você é triste, Fredi!
FREDI — Triste não. Eu sou alegre.
NEUSINHA — O ar não é o vento?
VOVÔ — Vento é o ar em movimento.
CARLINHOS — A palavra vento entra em muitas expressões com diversos sentidos como o ar?
VOVÔ — Como não?
CARLINHOS — Dê alguns exemplos, vovô.
VOVÔ — É bastante você ver de qual lado sopra o vento.
FREDI — Ótima, Dr. Antônio.
VOVÔ — Você é um moco que vai de vento em pôpa.
FREDI — Gostei.

VOVÔ — Mas não vá encher-se de vento.

FREDI — Não gostei.

VOVÔ — Então as últimas palavras foram ventos contrários.

FREDI — Interessante; quantos sentidos diferentes!

VOVÔ — Ao remoinho dá-se o nome de pé de vento. Ao indivíduo colhido pela má sorte diz-se que sofreu um pé de vento.

BIRUNGA — Expresões significativas servindo-se da palavra vento!

VOVÔ — Ao indivíduo inconstante diz-se que anda com todos os ventos.

BIRUNGA — Há outras?

VOVÔ — Diversas. Eis algumas: Que vento o impele? Bons ventos o levem. Veloz como o vento. Ôco como o vento. O vento da fortuna.

FREDI — Se a palavra ar compõe-se em várias expressões, vento que é o ar em movimento não podia ficar para trás.

VOVÔ — O argumento parece ter fôrça como tem bastante fôrça o ar em movimento, isto é, o vento.

BIRUNGA — O vento tem fôrça?

VOVÔ — Você não sente a sua fôrça frente a um ventilador elétrico em movimento?

BIRUNGA — É verdade.

VOVÔ — O vento é um grande auxílio ao homem.

BIRUNGA — De que modo?

VOVÔ — O vento refresca, ajuda a trazer a chuva, colabora nas variações do tempo, dá origem às ondas que se movimentam nos mares, muda o aspecto das montanhas, vales e planícies.

BIRUNGA — Quanta coisa que passa às nossas observações.

VOVÔ — O vento auxilia o homem mais visìvelmente, impelindo as embarcações e acionando os moinhos.

BIRUNGA — Nem me havia lembrado disso.

VOVÔ — Ventos mais fortes como o ciclone têm importante efeito sôbre o estado do tempo.

PAULO — Os ventos só trazem bem, nunca fazem mal?

VOVÔ — Tudo na vida tem o seu lado positivo e o negativo. Há ventos que destróem. São os ventos girantes. O mais violento de entre êles é o tornado. Um tornado pode levantar casas e fazer voar pelos ares embarcações. Outros ventos destrutivos são o tufão e os furacões.

CARLINHOS — Vovô, o que é que no mar nós chamamos brisa?

VOVÔ — Brisa é o vento que caminha menos de 20 km por hora em oposição ao vento veloz que sopra de 60 a 90 km por hora e que se chama rajada. A brisa é do mar quando vem do mar para a terra e brisa da terra quando vai da terra para o mar.

CARLINHOS — Há outras coisas em relação ao vento?

VOVÔ — O vento relaciona-se com os raios, relâmpagos e trovões no trabalho da purificação do ar. O ar, por sua vez, em volta da terra contribui para trazer a chuva de que os homens, animais e plantas tanto necessitam. A água por sua vez evapora-se no ar.

Tem ainda o ar relação com o orvalho, geada, neve, saraiva e o gêlo. Maravilhas do sol, das mudanças de estações, da lua, da noite e do dia conjugam-se com o ar.

CARLINHOS — De fato são maravilhas.

VOVÔ — As maravilhas do ar são mais uma manifestação das muitas maravilhas de Deus.

Terminemos por hoje. Até amanhã.

TODOS — Até amanhã.

CAXIAS

BIRUNGA — Ontem, Dr. Antônio, o meu professor de História disse-nos que Caxias e Tamandaré muito fizeram pela unidade da Pátria. Eu gostaria que o senhor hoje nos falasse sôbre essas pessoas fazendo-nos conhecê-las e abrindo-nos luz sôbre os fatos ligeiramente mencionados pelo meu professor.

VOVÔ — Agrada-me o seu interêsse, Birunga. Dar-lhes-ei algumas informações gerais em relação aos ilustres personagens por você citados que serão de suma importância. A ordem deverá ser necessàriamente a mencionada: Caxias, depois Tamandaré.

NEUSINHA — Fale logo, vovô.

VOVÔ — Luís Alvez de Lima e Silva nasceu a 25 de agôsto de 1803 na Vila da Estrêla na Província do Rio de Janeiro. Seu pai foi o general Francisco de Lima e Silva.

NEUSINHA — Birunga pediu para falar foi sôbre Caxias e não sôbre êsse daí.

VOVÔ — Caxias é que tinha o nome de Luís Alves de Lima e Silva.

NEUSINHA — Não entendi.

VOVÔ — Trata-se dêsses nomes de nobreza que davam depois aos homens assim como chamaram Visconde de Mauá a Irineu Evangelista de Sousa.

NEUSINHA — Ah bem!

VOVÔ — Fizeram Luís Alves de Lima e Silva cadete com cinco anos de idade.

NEUSINHA — Coitadinho! Mas que belezinha que havia de ser!

VOVÔ — Fêz o curso na antiga Academia Militar, terminando-o no ano de 1819 com 16 anos de idade, ocasião em que foi promovido a alferes. No ano de 1821 foi elevado ao pôsto de tenente. Em 1825 a capitão. No dia 2 de dezembro de 1828 foi feito major. Em 1839, coronel, época em que foi presidente do Rio Grande do Sul.

CARLINHOS — Então chegou a ser presidente de um Estado?

VOVÔ — De mais de um. Êle, que também estudou engenharia e que no exército ascendeu até o último pôsto, o de Marechal, dirigiu os destinos do Rio Grande do Sul e do Maranhão.

CARLINHOS — Como é que êle chegou a ser presidente dêsses dois Estados?

VOVÔ — Aqui é que começaremos a esclarecer a afirmativa do seu professor. Vários Estados, naquele tempo denominados Províncias, insurgiram-se contra o Poder Central. Com isso correu o Brasil o risco da separação de diversas províncias. Houve revoltas na Bahia, no Rio Grande do Sul, no Piauí, no Maranhão, São Paulo, em Minas Gerais e até no Rio de Janeiro. Em tôdas elas Caxias foi o verdadeiro vencedor e pacificador.

CARLINHOS — Vencedor e pacificador ao mesmo tempo?

VOVÔ — Apreciei a sua pergunta. Como militar combatia os revoltosos enèrgicamente para vencer. De-

pois de vitorioso tratava a todos com carinho, atenção, aconselhando-os e orientando-os.

CARLINHOS — Isso é que era militar!

VOVÔ — Por esta razão e por outras que ainda mencionarei é que a nossa querida Pátria rende-lhe preito como o maior General Brasileiro.

CARLINHOS — O maior, vovô?

VOVÔ — Considerado Patrono do Exército Brasileiro, o dia do seu nascimento, 25 de agôsto, é o Dia do Soldado.

CARLINHOS — Pela amizade nos Estados é que conseguiu ser presidente?

"Sigam-me os que forem brasileiros"...

VOVÔ — Disse-o bem, Carlinhos, pois passou a ser nos dois casos o mais indicado. Mas não ocupou só esses cargos. Exerceu os de deputado pelo Maranhão, senador pelo Rio Grande, três vêzes Ministro da Guerra e Conselheiro do Estado Extraordinário.

PAULO — Galgou todos êsses postos porque tinha real valor?

VOVÔ — Com os maiores merecimentos. A sua vida foi de constante luta. Não pensem que êle desejava muito, pro exemplo, ser ministro.

PAULO — Será que não?

VOVÔ — Êle mesmo afirmou que preferia anos de dura guerra a meses de ministério.

PAULO — Será possível?

VOVÔ — Êle o disse e era homem correto que falava o que sentia.

PAULO — Hoje deve ser bem diferente!

VOVÔ — Em linhas gerais concordo com você ainda que possuamos também nos dias de hoje muitos homens de valor.

BIRUNGA — O senhor falou em guerras mas só mencionou revoltas por êle vencidas no Brasil.

VOVÔ — Muitas foram as suas vitórias em lutas contra outras nações. A primeira campanha realizada fora de nossas fronteiras foi em defesa da Província Cisplatina, hoje Uruguai.

NEUSINHA — Não vá me dizer, vovô, que êle casou com estrangeira!

VOVÔ — Essa Neusinha! Êle casou aqui mesmo no Brasil, Neusinha, com D.ª Ana Luisa Carneiro Viana, em 1833, quando ainda major, de cujo consórcio nasceram três filhos: Luís, Luisa e Maria.

NEUSINHA — Bem, bem, já estava com mêdo. É a única coisa que eu não gostei do Varnhagem.

VOVÔ — Na Guerra do Paraguai defendeu nossa querida pátria contra o ditador Solano Lopez, primeiro como Comandante do Exército Brasileiro e depois

como Comandante Supremo dos Aliados, Brasil Argentina e Uruguai. A guerra não teria durado tanto se tivessem ouvido desde o princípio os planos de Caxias. Só mais tarde é que tem liberdade de ação e desde então foi de vitória em vitória.

BIRUNGA — Foram muitas as vitórias?

VOVÔ — Foi vitorioso em 25 batalhas. Falando-se assim não se tem a idéia do que foram as árduas lutas. Certa vez manteve-se 36 horas seguidas a cavalo.

BIRUNGA — 36 horas?

VOVÔ — 36 horas. O Duque de Caxias foi um homem de valor indiscutível. Há muita coisa em que nêle se há de admirar.

CARLINHOS — Cite algumas, vovô.

VOVÔ — Como exemplo um epsódio da batalha de Itororó.

CARLINHOS — Como foi?

VOVÔ — Pela ponte do Itororó deveriam passar nossas fôrças. Três vêzes conquistada, três vêzes voltara ao poder inimigo. Enquanto os nossos tinham necessidade de atravessá-la, inúmeros canhões inimigos postavam-se à frente despejando fogo. As cenas eram pavorosas. Centenas de soldados e oficiais já haviam tombado na luta, inclusive capitães, coronéis e generais. O sangue misturava-se com as águas do rio.

Um dos generais, o general Gurjão, morreu pelo seu heroísmo. Os soldados encontravam-se exaustos e com pouco ânimo. Soam as cornetas determinando o quarto assalto. Falecia coragem aos combatentes. As ordem não estava sendo cumprida. Sabendo que poderia ser morto à bala inimiga, Caxias gritou:

— Sigam-me os que forem brasileiros!

E meteu-se a cavalo pela ponte. Aquilo deu-nos a vitória. Os comandados seguiram-no e os inimigos foram derrotados.

NEUSINHA — Que coragem! Inda bem que não sou homem para ir para a guerra!

VOVÔ — Diga-me uma coisa, Neusinha: se você estivesse sem dormir, com sono e com fome, com frio e debaixo de chuva e lhe dessem uma xícara de café, você tomaria?

NEUSINHA — Que pergunta vovô! Por que esta pergunta?

VOVÔ — Responda-me: tomaria o café?

NEUSINHA — Eu não gosto de café mas numa hora dessas eu o beberia todo.

VOVÔ — E você, Paulo, numa circunstância igual se houvesse só uma xícara de café e duas ou três pessoas necessitando do café que você faria?

PAULO — Para dizer a verdade acho que eu avançaria no café.

VOVÔ — Pois bem. Vou contar-lhes outro fato notável que se deu com o Marechal Duque de Caxias.

NEUSINHA — Estou curiosa.

VOVÔ — Em Lomas Valentinas a luta entre brasileiros e paraguaios era capaz de endoidecer. Foi lá que o Marechal permaneceu 36 horas seguidas a cavalo ordenando as tropas. Além dos combates prolongados o frio era intensíssimo, a chuva caía sem cessar e o terreno barrento dificultava os movimentos. Acresce que os paraguaios encontravam-se melhor instalados nos altos das montanhas enquanto os nossos se encharcavam nos vales.

Caxias, sob uma árvore, comandava as tropas, ensopado, sem alimento e sem dormir.

Um oficial médico, cuidando dos feridos na retaguarda, temia pela saúde do marechal e enviou-lhe por intermédio de uma ordenança uma xícara de café, bem quente, para reanimá-lo.

Que vontade teve Caxias de tomar aquêle café! A bebida cheirosa o tentava sorvê-la com sofreguidão. Mas olha para o soldado humilde que arrostara o perigo das balas para trazer-lhe o café. Caxias considerava que sofria mas teve pena do maior sofrimento do soldado. E em tom de ordem disse ao soldado:

— Beba você, camarada. Precisa mais do que eu.

Depois, para o seu estado-maior assim se expressou:

— Não posso ter regalias quando os meus soldados combatem também com frio e com fome.

CARLINHOS — Isso é extraordinário! Agora compreendo porque é êle o Patrono do Exército Brasileiro e porque o dia do seu nascimento é o dia do soldado.

VOVÔ — Diz muito bem, Carlinhos, pois o grande valor do Duque de Caxias não é só pela sua capacidade e postos ocupados mas pelas qualidades da alma e do coração.

O Brasil que nunca empreendeu guerras de conquistas, antes, tão sòmente defendeu-se de investidas de fora, tem em Caxias o símbolo dêsse espírito.

FREDI — É admirável.

VOVÔ — Cada homem procede de acôrdo com o que tem no coração. Ainda que alguns atos de determinadas pessoas nem sempre condigam com o seu espírito, por serem oriundos das circunstâncias, em regra geral os frutos dependem da árvore que os produziu.

FREDI — Meu pai diz a mesma coisa.

VOVÔ — Notaram em relação ao Duque de Caxias algumas grandes qualidades: coragem, espírito conciliativo, bom coração, energia. Haveria alguma causa? Poderão alguns dizer que de certo foi por causa da criação, exemplo dos pais e educação. Tudo isso tem ponderável influência, além da índole própria do indivíduo. Em relação a Caxias podemos descobrir uma causa maior que em qualquer homem é a alavanca para maiores feitos.

FREDI — Que causa é esta, Dr. Antônio?

VOVÔ — A sua fé, a sua confiança em Deus.

FREDI — Como assim, Dr. Antônio?

VOVÔ — Deus, em consonância com o Cristianismo revelou-se gradativamente aos homens. Uma das suas manifestações ao gênero humano é como o Senhor dos exércitos ou o Deus dos exércitos. É natural que a um grande general agrade essa expressão da manifestação divina. Dada esta explicação eis o final da ordem do dia antes do triunfo em Lomas Valentinas:

— O Deus dos exércitos está conosco! Eia! Marchemos ao combate, que a vitória é certa, porque o general e amigo que vos guia, ainda, até hoje, não foi vencido".

FREDI — Não há dúvida que essas palavras exprimem muita coisa.

VOVÔ — Vejo nelas uma fé inabalável de um homem correto que vivia em função dessa fé. Daí de certo o segrêdo do grande general Duque de Caxias nunca ter sofrido uma derrota. Acredito sinceramente ter sido um instrumento nas mãos de Deus a fim de demonstrar aos pósteros que se pode ver também nas batalhas e no peito de um general o caminho do bem.

PAULO — Dr. Antônio, o senhor hoje me comoveu.

BIRUNGA — E a mim então!

VOVÔ — Felicito-os e felicito-me por isso. Creio que podemos terminar por hoje.

CARLINHOS — E Tamandaré?

VOVÔ — Deixê-mo-lo para amanhã.

CARLINHOS — Que pena!

VOVÔ — Até amanhã a todos.

TODOS — Até amanhã.

TAMANDARÉ

VOVÔ — De quem trataremos hoje?

NEUSINHA — O vovô já se esqueceu que depois de Caxias nos ia falar sôbre Tamandaré?

VOVÔ — Muito bem, Neusinha. Isso importa em dizer que você está bem interessada no assunto.

NEUSINHA — No princípio eu não gostava tanto, mas agora cada vez quero saber mais.

VOVÔ — Então vamos ao Tamandaré, cujo nome era Joaquim Marques Lisboa.

FREDI — Era Lisboa mas não era a de Portugal?

VOVÔ — Essa é uma boa forma de não esquecer-lhe o nome. Joaquim Marques Lisboa nasceu a 13 de dezembro de 1807 na cidade do Rio Grande, no Rio Grando do Sul. Era filho de Francisco Marques Lisboa que exercia o cargo de patrão-mor, do Rio Grande.

FREDI — Dr. Antônio, uma vez que o senhor apreciou a lembrança do nome Lisboa posso mencionar outra coisa?

VOVÔ — Pode. Já sei o que você vai dizer.

FREDI — Sabe mesmo, Dr. Antônio?

VOVÔ — Sei.

FREDI — Então diga.

VOVÔ — Voce quer saber se êle era Marques ou Marquês.

FREDI — Isso mesmo, Dr. Antônio. Ia perguntar-lhe se o Marques nunca chegou a Marquês.

VOVÔ — Êsse trocadilho o próprio Almirante Tamandaré já o usava.

FREDI — Como, Dr. Antônio?

VOVÔ — Sendo Tamandaré muito amigo do Imperador Pedro II encontrava-se costumeiramente com alguns amigos no palácio imperial. Entre êles, o conselheiro Soares Brandão um dos seus bons amigos. Soares Brandão cumprimentava-o assim:

— Bom dia Sr. Marquês!

Em uma das ocasiões respondeu-lhe Tamandaré:

— Marquês para os que têm fortuna, Sr. Conselheiro! Por isso continúo a ser apenas Marques!

FREDI — Então o Almirante Tamandaré era dos meus.

VOVÔ — Por que? Você também vai ser almirante?

FREDI — Tudo é possível, Dr. Antônio.

VOVÔ — E almirante do valor dêle vale a pena.

FREDI — Tinha tanto valor como Caxias?

VOVÔ — Assim como Caxias é o patrono do Exército Nacional e o dia do seu nascimento é o dia do soldado, Tamandaré é o patrono da Marinha Nacional e o dia do seu nascimento é o dia do marinheiro.

PAULO — Eu desconfio, Fredi, que você em vez de se tornar um grande marinheiro de guerra vai tornar-se um grande marinheiro de arroz para atrapalhar a refeição.

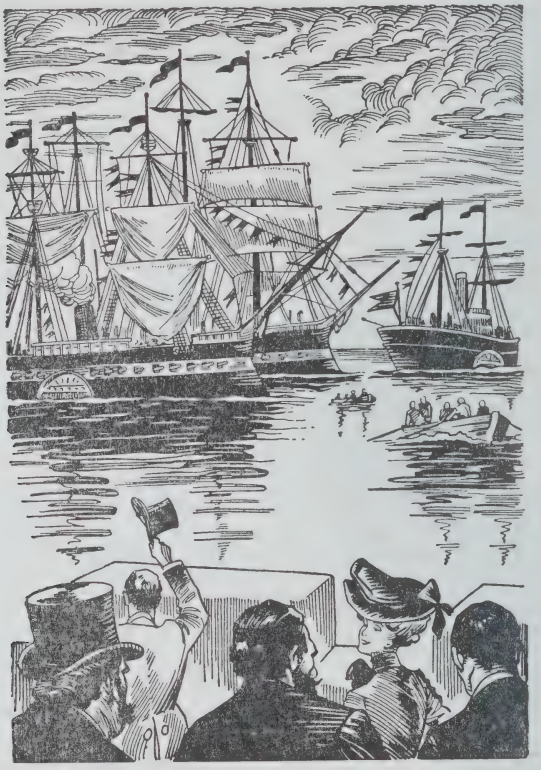
FREDI — Bandido! Não é que você me pegou desta vez?

VOVÔ — O Paulo está aprendendo com você, Fredi.

FREDI — Mas eu gostei.

VOVÔ — Tinha Joaquim Marques Lisboa ainda quinze anos quando conseguiu-lhe o pai por intermédio de um requerimento a Pedro I que êle fôsse enganjado

como voluntário na função de praticante de pilôto na Marinha de Guerra conforme suas aspirações. Iniciou a sua carreira na Fragata Niterói que em 1823 precisou dar combate à Esquadra portuguêsa



na Bahia, inconformada com a independência do Brasil. Houve-se muito bem e recebeu a sua primeira medalha dada pelo Imperador D. Pedro I a êle e aos que corajosamente se bateram em defesa da Independência.

PAULO — Começou bem o **bichão.**

VOVÔ — Trocadilho está certo, Paulo, mas das gírias você deve esquecer-se.

PAULO — O senhor tem razão. Tamandaré começou bem e eu recomecei mal.

VOVÔ — Igualmente Tamandaré e Barroso foram as maiores figuras da Marinha Nacional.

BIRUNGA — Entrou logo para o serviço ativo; então não estudou?

VOVÔ — Depois que voltou da Bahia ao Rio de Janeiro matriculou-se na Academia da Marinha em 1824. Em virtude, porém, das revoltas no norte do país de províncias que se queriam organizar em govêrno republicano, foi Marques Lisboa convocado, tendo que embarcar a bordo da nau Pedro I, precisando desta forma interromper seus estudos.

CARLINHOS — Por que foram tirá-lo dos estudos? Não havia outros?

VOVÔ — Lorde Cochrane já o conhecia suficientemente e por isso apesar da oposição de outros em virtude de não ter ainda terminado o curso, insistiu na inclusão do seu nome. Era Tamandaré necessário para aquela empresa e Lorde Cochrane chegou a dizer a D. Pedro que Joaquim Marques Lisboa seria o Nelson brasileiro.

CARLINHOS — Quem foi Nelson?

VOVÔ — Foi o maior vulto da esquadra inglêsa. Como veremos através do nosso relato, Cochrane não se enganou.

O Comandante Cochrane e o capitão Taylor, dois arrojados homens do mar, ambos inglêses, contratados para servir à marinha brasileira tinham já grande atração e entusiasmo pelo jovem Lisboa. Por um ofício do capitão Taylor aliado à interferência do almirante Lorde Cochrane foi Marques Lisboa promovido ao pôsto de segundo tenente graduado.

BIRUNGA — Então era Lisboa protegido dos dois inglêses?

VOVÔ — Estimavam-no muito e respeitavam o seu valor. Não o protegiam, antes faziam-lhe justiça.

Joaquim Marques Lisboa teve mêdo justamente de que o julgassem tão sòmente protegido. Conhecia o seu próprio valor, aptidão e capacidade. Razão porque requereu os exames de tôdas as matérias do curso completo da Academia de Marinha.

Prestou-os brilhantemente com honrosa aprovação. Com isto galgou o pôsto de segundo tenente efetivo.

BIRUNGA — Êle enfrentou muitas batalhas?

VOVÔ — Um bom número delas. Numa, por imprevidência do comandante, caiu prisioneiro junto com seus companheiros de luta, sofrendo horrores. Ainda que tivesse só 19 anos de idade, por causa do seu tirocínio, maestria e visão, conseguiu em combinação com os seus, num intrépido golpe, fugir astuciosamente, libertando-se e a todos os seus camaradas.

Não vou contar-lhes os seus vários embates e peripécias na sua custosa vida de combatente através dos mares. Dir-lhes-ei, contudo, que realizou prodígios como comandante de diversas das nossas embarcações. Sofreu naufrágios, teve barcos encalhados, derrubou madeira na floresta ao lado dos seus marujos concertando navio, conteve sérias revoltas no Norte e no Sul, houve-se como um autêntico herói e consagrou-se nas guerras que infelizmente tivemos que travar com o Uruguai e Paraguai, brilhando sempre e procedendo de acôrdo com o mesmo espírito que já apreciamos em Caxias: energia na luta e humanidade para com o vencido.

BIRUNGA — Mas êle só fêz aquêle curso de Marinha de que o senhor nos falou?

VOVÔ — Para um homem como êle talvez fôsse o bastante mas êle em meio e no intervalo das lutas estudava e muito desde mocinho com o que além da eficiência profissional dominava bem o francês e o inglês.

Em 1854 quando foi promovido a chefe de esquadra fêz demorado tirocínio na Europa como chefe da comissão naval brasileira e fiscalizando a construção do primeiro grupo de canhoeiros encomendado pelo govêrno.

Subiu aos mais elevados postos da marinha e se lhe foi útil nos períodos difíceis muito a serviu nos momentos de calma em diversos sectores e finalmente como membro do Conselho Naval e do Supremo Tribunal Militar.

BIRUNGA — Gostaria de ouvir alguma particularidade sôbre êle.

VOVÔ — Dar-lhe-ei. Em vez de nos demorar mencionando suas lutas mencionarei outros lances da sua vida.

Nossa esquedra compunha-se de navios de vela, com uma única exceção, a fragata D. Afonso que era a vapor.

Incumbiu o Govêrno Imperial a Tamandaré de contratar a construção de dez navios de guerra a vapor para a nossa esquadra e fiscalizar sua construção. Com plena liberdade de ação fê-lo através de estaleiros da França e Inglaterra trabalhando insistentemente na verificação do trabalho que estava sendo executado, na aquisição de munição de guerra e na aquisição de elementos especializados que servissem nas batalhas.

As firmas construtoras quiseram dar-lhe comissão, ao que, apesar de homem de parcos recursos, recusou terminantemente mandando creditar o que lhe ofereceram ao Brasil. Como conseqüência em vez de dez foram adquiridos doze navios a vapor, e alguns, providos de hélices.

BIRUNGA — Pelo que meu pai fala das negociatas de certos homens, foi êsse um procedimento admirável.

VOVÔ — Tamandaré provou o seu caráter, a sua honestidade e valor em tôdas as épocas da sua vida. Lembram-se do que lhes narrei na ocasião em que temeu julgarem-no protegido e fêz questão de submeter-se aos exames da Escola da Marinha?

BIRUNGA — Perfeitamente.

VOVÔ — Tamandaré, que, entre outras boas qualidades de espírito, era possuido de boa dose de acuidade verificou que algumas armas de guerra e munições poderiam ser fabricadas no Brasil na fábrica de Ipanema e com isso conseguiu-se vultosa economia para os cofres da Nação.

BIRUNGA — Deu certo?

VOVÔ — Ouviram-no, e, exército e marinha beneficiaram-se com muitas armas inclusive canhões e milhares de munições saidos dos fornos de Ipanema.

PAULO — A Ipanema de Varnhagem.

VOVÔ — Perfeitamente. Devo adiantar-lhe e disso ia-me esquecendo que o fato do Brasil ter conseguido naquela época doze belonaves a vapor elevou-o aos olhos do mundo como potência marítima. Isso por intermédio de Tamandaré.

CARLINHOS — Inegàvelmente estamos ouvindo a respeito de um homem digno de respeito e admiração!

VOVÔ — Teve a vantagem de alcançar uma existência mais longa do que a de Caxias pois enquanto Caxias

vivera 77 anos de 1803 a 1880 Tamandaré durou 90 anos. Dêsses, 75 anos fôram de serviço prestados à sua e nossa querida pátria.

PAULO — Puxa!

VOVÔ — Não é de se admirar que no decorrer de sua longa e brilhante atuação tenha recebido 8 medalhas e cinco condecorações.

PAULO — Pelo que o senhor está contando foi pouco.

VOVÔ — Êle que foi surpreendido pela implantação da república, continuava monarquista; apesar da reforma compulsória de todos os outros monarquistas, respeitaram-no, não o reformando e sendo considerado em atividade. Era uma verdadeira auréola ao seu nome lembrando-se ainda a sua provecta idade de mais de oitenta anos.

CARLINHOS — Isso diz bem de outro lado dos nobres sentimentos dos então governantes brasileiros.

VOVÔ — Não ficou nisso o preito da gratidão e admiração para com o velho batalhador do mar. Em 1890 prestaram-lhe comovida homenagem.

CARLINHOS — Qual?

VOVÔ — Lançaram ao mar um possante navio com o nome de Cruzador Tamandaré.

CARLINHOS — Bem se vê que no passado reconheciam em nossa terra o valor dos grandes brasileiros.

VOVÔ — Há uma característica na vida de Tamandaré que para mim ressalta entre as demais.

CARLINHOS — Qual, vovô?

VOVÔ — As várias oportunidades que êle teve de salvar vidas humanas.

CARLINHOS — Conte-nos.

VOVÔ — Uma delas deu-se em 1848 época em que exercia o cargo de capitão de mar e guerra e quando na

Inglaterra, em Londres, assumiu o comando da corveta a vapor D. Afonso.

Com altas personalidades a bordo em experiência oficial ouviu-se o alarme de navio à vista, incendiando-se. Enquanto velas e mastros ardiam e se desmoronavam projetando chamas que se refletiam no oceano, o pavor e desespêro invadiam as almas, ouvindo-se gritos de horror e de espanto.

O Capitão Marques Lisboa acudiu rápido e com os seus homens arriscando todos a própria vida salvaram mais de duzentas pessoas a bordo do "Monarca do Oceano".

FREDI — Cada vez mais apreciamos os feitos dêsse homem.

VOVÔ — Cumpre notar que o feito foi ainda maior em virtude de se acharem os paióis do D. Afonso integralmente cheios de pólvora com risco de uma explosão.

BIRUNGA — Então, mas do que coragem e desejo de salvar o próximo, foi uma temeridade.

VOVÔ — Concordo com você e todos reconheceram na ocasião a mesma coisa o que realçou o nobre gesto do comandante e da princesa brasileira D.ª Francisca que se encontrava ao seu lado correndo o mesmo risco e que o incentivou.

CARLINHOS — Você disse, vovô, que foram diversas as oportunidades que êle teve neste sentido. Quais as outras?

VOVÔ — Esta que vou mencionar-lhes aconteceu no ano seguinte, em 1849: Desencadeava bravio temporal na baía de Guanabara. O tufão a tudo desarvorava. Os vagalhões apresentavam um aspecto sinistro ao mar. Tudo era arrancado do barco lusitano "Vasco da Gama" que tentava adentrar o nosso pôrto.

A angústia tomava conta de todos os seus ocupantes. É ao divisar êsse drama que Joaquim Marques Lisboa parte com os seus na mesma fragata D. Afonso afrontando a tenebrosa borrasca com o fim de salvar a Nau que se esboroava.

A ação dos nossos marinheiros foi dificultada ao extremo. Mas o arrôjo dos ventos encontrava pela frente o arrôjo de almas destemidas prontas ao sacrifício.

Rebentam-se cordas de escaleres em socôrro, vão a pique ainda que salvos seus ocupantes, mas não se desanimam os nossos no cumprimento do dever. O arrôjo com que todos se haviam era indescritível. Durou a operação de salvamento dois dias e duas noites. O cansaço e os corpos doloridos até a exaustão não impediram que o "Vasco da Gama" fôsse rebocado ao nosso pôrto. Estavam vitoriosos. Juntava-se mais um glorioso feito de Marques Lisboa.

PAULO — Mas não era só dêle, Dr. Antônio! e os marujos?

VOVÔ — Você tem razão. Essas coisas, no entanto, não se fazem sem um bravo comandante à frente que em tudo dá o exemplo. É necessário que lhes diga que além do exemplo daquêle momento e do relacionado com o salvamento da embarcação inglêsa já eram conhecidas façanhas anteriores de Marques Lisboa em que êle agiu sòzinho sem o concurso de ninguém.

PAULO — Pode nos esclarecer, Dr. Antônio?

VOVÔ — Êle e Barroso, os dois almirantes, que mais se projetaram na história da marinha brasileira foram sempre bons amigos desde quando se conheceram, ambos jovens e estudantes.

Certa vez divertiam-se os dois ao lado de outros companheiros e amigos no rio Tocantins. Quase todos eram bons nadadores. Êle e Barroso sobressaíam-se nesse exercício tão util quão agradável.

De longe percebe que um dos companheiros, precisamente Barroso, começou a debater-se desesperadamente. Fôra acometido de câimbras, coisa fatal para o nadador. Atirou-se ao rio e nadando velozmente conseguiu salvar o amigo de morte certa. Arriscou a vida pela do companheiro.

PAULO — Compreendo agora, Dr. Antônio, a confiança e o respeito que êle deveria infundir a todos.

FREDI — Houve outros fatos semelhantes com êle?

VOVÔ — O fato que lhes acabei de narrar passou-se no Estado do Pará. No mesmo Estado quando Marques Lisboa exercia o cargo de tenente, vê, rápido, no rio Moju, um dos seus comandados, um marinheiro, ser enlaçado por um sucuri que o arrastava para o fundo do rio. Marques Lisboa joga-se rápido à água e com um facão mata o perigoso ofídio. Estava salva por êle mais uma vida.

PAULO — Depois o senhor não quer que eu diga: Aí bichão!

VOVÔ — (Rindo-se). Humilde e bom, o almirante Tamandaré não escolhia condição social para as suas afeições. O bem, procurava fazê-lo a qualquer pessoa, pois praticava o bem pelo bem que nele residia.

Encontrava-se Tamandaré já no fim da sua carreira militar, por todos conceituado e respeitado. A chuva caía torrencial e o vento soprava forte. O mar encapelado e lufadas de vento naufragava embarcações. Enquanto isso transitava a pé pela praia do Flamengo, Joaquim Marques Lisboa, em busca de remédio para sua espôsa acamada. Ouve gritos de-

sesperados de socôrro. Olha fixamente e entrevê dois homens a se debaterem em meio das ondas revôltas ao lado de um barquinho que afundava. Não titubiou. Despe a roupa mais grossa e atira-se às águas apesar dos populares tentarem impedí-lo acreditando que êle morreria naquela louca empreitada. Mas não morreu. Antes, conseguiu salvar os náufragos.

CARLINHOS — Que homem extraordinário vovô!

VOVÔ — Admirável, forte e generoso. Qualquer dessas qualidades que lhe faltassem o impossibilitaria de praticar tão bela ação. Aprender a nadar é um dos deveres de cada um de nós. A saúde é outro bem que deve ser buscada por todos. Quantos a querem e não a possuem.

FREDI — Realmente Tamandaré era forte, corajoso e bom.

VOVÔ — E se eu lhes disser quem eram os que êle salvou!

CARLINHOS — Quem eram?

VOVÔ — Dois escravos! Um dos que assistiram o acontecimento era dono dos pobres prêtos. Tão empolgado ficou pelo que presenciou que, voltando-se para Tamandaré, disse-lhe:

— Já que V. Excelência os salvou tão abnegada e corajosamente eu faço presente de ambos a V. Excia. Êsses escravos já não me pertencem. São seus.

CARLINHOS — Tamandaré os aceitou?

VOVÔ — Como não? Foi uma boa hora de dar liberdade a mais dois cativos.

CARLINHOS — Libertou-os?

VOVÔ — Naquele mesmo momento.

CARLINHOS — Qual foi a atitude dos escravos?

VOVÔ — Não quiseram ir. Ficaram servindo àquele que os salvou da morte e da escravidão.

CARLINHOS — De tôdas as histórias que o vovô nos tem contado esta foi uma das mais empolgantes.

VOVÔ — Concordo com você. Eu, por minha vez, sinto grande admiração pela magistral figura que foi Tamandaré.

Terminemos por hoje.

FREDI — Um pouco mais, Dr. Antônio.

VOVÔ — Acredito que por hoje vocês devem estar contentes.

Até amanhã.

TODOS — Até amanhã.

ÁRVORES

PAULO — Dr. Antônio, por que a instituição do dia das árvores?

VOVÔ — Desde os tempos mais remotos o homem compreendeu o valor das árvores. Por isso chegaram a consagrar muitas delas a certas divindades. Os Gauleses tinham especial estima pelo carvalho e pela planta parasita que se lhe prende. Durante a revolução os francêses costumavam plantar **árvores da liberdade** ornadas de flôres e fitas das três côres.

PAULO — Que valor tem a atração do homem pelas árvores?

VOVÔ — A árvore que tem os seus destruidores carece de nossa proteção.

PAULO — Destruidores? Quais?

VOVÔ — O homem é um dêles, por necessidade ou por descuido. Por necessidade quando precisa da madeira para numerosos fins. Por descuido quando, por exemplo, um cigarro aceso jogado displicentemente causa incêndio a devorar as matas.

PAULO — Quais outros destruidores?

VOVÔ — O raio também incendeia. Além do raio outros fatôres prejudicam as árvores: besouros, largatas, maripôsas, pragas, insetos, cogumelos. Animais como as toupeiras, ratos, veados, esquilos e coelhos, além das fumaças das fábricas.

PAULO — Mas, porque tanto carinho com as árvores? São tão úteis assim?

VOVÔ — Você nunca pensou na multiplicidade das serventias das árvores?

PAULO — Não.

VOVÔ — Além de coadjuvarem na purificação do ar, têm as árvores as aplicações mais diversas: ornamentam os jardins e passeios; gozamos-lhes as sombras; delas extraimos madeira para construções de casas, móveis, postes, dormentes de estradas de ferro, embarcações, estacas de cêrca, esteios, caibros, ripas, vassouras, peneiras, cestas, palitos de fósforos, colheres, vasilhas, quadros e brinquedos.

Das árvores originou-se o carvão. Delas se fabricam lápis com as grafitas. Fabrica-se papel com polpa de madeira. De outro produto das madeiras, a celulose, fabricam-se matérias plásticas e filmes de cinema.

Voce conhece raion?

PAULO — Tenho ouvido falar.

VOVÔ — Pois bem. O raion, que imita a sêda, do qual se confeccionam meias, gravatas, pijamas e outros tecidos é fabricado com madeira.

Das resinas dos pinheiros fabrica-se a terebintina. Das cascas das árvores as cortiças. E a extração da borracha que se faz largamente na amozônia?

PAULO — Dr. Antônio, eu estou até envergonhado de me haver esquecido de tanto valor das árvores.

VOVÔ — Além disso as árvores servem para modificar o clima, moderando a temperatura; favorecem a conservação das águas subterrâneas e influem na umidade da atmosfera. Os lugares arborizados são mais saudáveis.

CARLINHOS — Por que se diz arborizados e não arvorizados. Não vem de árvores?

VOVÔ — Por causa da origem latina. A palavra árvore vem do latim arbor.

CARLINHOS — Obrigado, vovô.

VOVÔ — Não se esqueça ainda, Paulo, das inúmeras árvores frutíferas. Quando você saboreia laranjas, mangas, jabuticabas, pêssegos, maçãs, pêras, ameixas, cerejas, uvas, caquís, goiabas, jambos e outros, não se lembra das árvores que os produziram?

FREDI — É extraordinário qaundo assentamos para pensar nestas coisas!

VOVÔ — As selvas ou pequenos bosques, as curtas matas ou as grandes florestas têm sempre exercido atração sôbre o homem. É agradável e poético penetrar por entre as árvores, sentir-lhes o aroma, a vibração das fôlhas, as ligeiras résteas de sol, o saltitar das pequenas aves e o mundo de surprêsas que nos apresentam!

FREDI — O senhor pode, Dr. Antônio descrever-nos cada árvore?

VOVÔ — Isso tomaria um tempo enorme, Fredi, mas dar-lhe-ei algumas informações sôbre umas poucas espécies.

FREDI — O pau-brasil, por exemplo?

VOVÔ — O pau-brasil árvore conhecida pelos indígenas com o nome de "ibirapitanga" que quer dizer pau vermelho, tem propriedades tintoriais e é a árvore como vocês sabem que deu nome ao Brasil. O nome pau-brasil servia para designar outras plantas semelhantes importadas pelos europeus. Aliás, o pau-brasil foi largamente exportado para a Europa até que sucedâneos sintéticos tomaram o mercado. Há, contudo, outras árvores que possuem mais originais particularidades.

FREDI — Quais?

VOVÔ — Uma delas é a seringueira que produz a matéria prima para a borracha. Vegeta principalmente nos Estados do Amazonas, Pará, Mato Grosso e nas Guianas. É uma árvore grande de tronco liso e fôlhas pequenas. Extrai-se-lhe o "latex" produzindo incisões na casca da madeira sem atingir o lenho o que é prejudicial. O seringueiro talha-a na maior altura que pode alcançar com o braço, prega uma tigelinha pendurada para recolher o leite e depois vai procedendo da mesma forma em outras; em seguida volta a apanhar as tigelinhas cheias.

BIRUNGA — Eu gostaria de assistir a êsse trabalho.

VOVÔ — No nordeste há árvores que resistem ao calor e à falta de água conservando-se verdes e vicejantes enquanto outras secam e morrem.

BIRUNGA — Quais?

VOVÔ — O juàzeiro, o babaçu, o umbuzeiro e a carnaú-

beira. Entre elas a carnaubeira é a que presta mais serviços ao homem. Além da cêra da carnaúba utilizada na confecção de discos para fonógrafos, cêra esta tirada das fôlhas novas da carnaúba e empregada para o fabrico de velas pelos sertanejos, extraem-se produtos medicinais da sua raiz, possuindo tantas outras utilidades.

FREDI — Quais outras?

VOVÔ — Os côcos fornecem um óleo fino com que se tempera a comida e outro grosseiro para iluminação. Torrados os côcos e reduzidos a pó produzem bebida saborosa e nutritiva que substitui o café. Do caule da carnaubeira fazem-se esteios, caibros e ripas, bem como modesto mobiliário. As fôlhas verdes fornecem alimento para o gado. Quando sêcas são aproveitadas para cobertura das casas. Das suas fibras e palhas fazem-se vassouras, peneiras, cestas, chapéus, cordas e rêdes. Por ocasião das sêcas muita gente no nordeste só não morre de fome e sêde porque se alimenta dos côcos das carnaubeiras.

BIRUNGA — Então é uma árvore verdadeiramente abençoada.

VOVÔ — Você tem razão. Os sertanejos em outras palavras dizem o mesmo. Chamam-na "árvore sagrada do sertão".

PAULO — Existe no Brasil árvores muito grandes?

VOVÔ — Existe tanto no sul como no norte. do Brasil. No sul árvores gigantescas como o jequitibá e o jacarandá. No norte como a samaúma. Por sinal a samaúma tem uma característica interessante.

FREDI — Qual?

VOVÔ — É que quando a cortam parece que ela pede socorro vibrando intensamente. Chamam-na, por isso, "sino da floresta".

PAULO — Há outras maiores aqui no Brasil?

VOVÔ — Não muito. As maiores árvores conhecidas encontram-se nos Estados Unidos na região da Califórnia. São altas e antigas. Muitas delas têm mais de 2.500 anos. Essas árvores, sempre verdes, alcançam mais de 100 m. de altura. O tronco chega a 30 m. de diâmetro. Cada sequóia gigante, que é êsse o seu nome, tem madeira suficiente para construir várias casas. Mas não podem mais ser derrubadas porque elas e o pau vermelho são protegidos por lei, nos Estados Unidos.

FREDI — O senhor disse que são altas e antigas. E disse que muitas delas tem mais de 2.500 anos.

VOVÔ — Existe um cipreste no México que se acredita ser o mais velho do mundo, cuja idade é avaliada em cinco mil anos.

Em Friburgo encontra-se uma tília plantada em 1476.

FREDI — A tília de Friburgo vá lá mas as outras árvores como se pode saber a sua idade?

VOVÔ — Conhecemos a idade de uma árvore pelo número de anéis que se formam do centro para fora do seu tronco. Quando o tronco é serrado ao meio podem ser fàcilmente contados os anéis. Os anéis mais espessos do que os outros indicam que suportaram pessadas chuvas. As cascas ásperas e rugosas evidenciam muitos anos sob os efeitos da luz do sol e das chuvas.

FREDI — Quantas vêzes fico maravilhado com as lições que o senhor nos transmite.

VOVÔ — Verdadeiramente são infinitas as maravilhas de Deus.

PAULO — E essas árvores fininhas, fininhas!

VOVÔ — Uma árvore nova pode ter um tronco tão tenro e flexível como o mais verde e fino galho, mas uma árvore velha tem um tronco tão grosso que os nossos braços não são suficientes para rodeá-la.

FREDI — Verdade, Dr. Antônio?

VOVÔ — Algumas das sequóias gigantes possuem tão grossos troncos que seriam necessários vinte homens com seus braços unidos para envolver cada uma delas.

FREDI — Extraordinário!

VOVÔ — Poucas coisas na natureza são mais belas do que as árvores. Nos primeiros dias da primavera, nos climas temperados, suas fôlhas verdes criam mais brilho, mais expressão e mais vida. No verão espalham em volta de si suas lindas fôlhas. No outono suas fôlhas tomam um colorido dourado ou vermelho vivo. No inverno as árvores se desfolham e seus galhos se cobrem de neve ou de gêlo.

BIRUNGA — Por que as fôlhas possuem diversas côres?

VOVÔ — Realmente as fôlhas que apresentam várias formas e desenhos também se mostram em diferentes côres conforme lhes disse há pouco. Vejamos algo sôbre suas côres:

Quando a seiva sobe pelo tronco de uma árvore e penetra nas fôlhas a luz do sol cria nelas combinações de côres diversas e brilhantes. Essas combinações de côres provém dos produtos químicos dissolvidos na água que a árvore utiliza. A côr mais comum é a verde. É a clorofila. A clorofila produz a chamada ação clorofiliana das plantas que auxilia as fôlhas a fabricarem seu próprio alimento sob a forma de açúcar. As côres vermelhas e amarelas tornam-se visíveis quando o verde que as esconde se consumiu, o que se dá no outono. Cada espécie

de árvore tem, todavia, no outono, sua colaboração própria, dependendo da seiva que as imprimiu. Assim, além das côres vermelhas e amarelas encontramos as castanhas e alaranjadas.

Depois do outono as fôlhas caem auxiliando a adubação do solo.

As árvores sempre verdes podem conservar suas fôlhas o ano inteiro porque acham-se protegidas contra a evaporação.

CARLINHOS — De onde vem a vida das árvores?

VOVÔ — Esta é uma pergunta que merece bastante consideração. Assim como no homem o sangue circula nas veias as árvores têm o seu sistema de circulação. Pela árvore sobe a água do solo que se evapora pelo ar. A face inferior de uma fôlha possui diminutos orifícios formado um ralo chamado "estomas". O ar penetra na fôlha através dessas pequenas aberturas. O espaço interno é sempre umedecido de seiva. O ar, entrando e saindo pelos pequenos orifícios carrega consigo a água. Esta exala-se desaparecendo no ar. Quando isto se dá, nova quantidade de água eleva-se pela parte interna do tronco para preencher a fôlha da seiva.

Quando as árvores encontram-se com todo o seu vigor, retiram toneladas de água do subsolo que sobe pelo seu seio e se evapora. Por esta razão num dia quente é muito mais fresco em baixo das árvores. O vapor de água das árvores auxilia a formar as nuvens da chuva.

Na ocasião em que a chuva cai sôbre a terra a água é novamente absorvida pelas árvores e mais uma vez transformada em vapor, formando novo ciclo. Êstes se repetem indefinidamente.

Uma macieira adulta absorve cêrca de 19 litros de água por hora.

CARLINHOS — Acho tudo isso encantador. Não sei, vovô, como há ainda pessoas que dizem não ver num Ente superior a direção de tudo isso. Como é que a natureza, sem direção, poderia coordenar tudo isso? Impossível!

VOVÔ — Realmente Carlinhos. É o mesmo que existir a execução de uma música sem a existência do seu executor. Quanta harmonia tem tôda a criação de Deus!

CARLINHOS — Vovô, as árvores apresentam-se com uma só disposição?

VOVÔ — Não. Umas têm os ramos ângulos muito agudos com o eixo central. Em determinadas árvores os ramos são bifurcados do eixo principal e finalmente há aquelas em que os ramos curvam-se para a terra.

A Neusinha hoje está tão quieta e calada, o que é isso?

NEUSINHA — Eu estava pensando numas árvores grandes da fazenda do papai onde eu e umas amiguinhas brincamos debaixo de sua sombra tão gostosa!

VOVÔ — De fato são árvores frondosas e imponentes.

CARLINHOS — Como as árvores se firmam tão fortes na terra?

VOVÔ — O tronco de cada árvore acha-se ligado a uma grande rêde de raízes subterrâneas dotadas de ganchos nas pontas que se estendem em tôdas as direções. As raízes são fortes e grossas nas proximidades dos troncos mas diminuem progressivamente de espessura à medida que se aprofundam na terra até se tornarem bem finas. Nas extremidades encontram-se fios muito finos, macios e peludos que reco-

lhem a água e os produtos nutritivos do solo. As raízes fixam a árvore protegendo-a contra a fôrça do vento.

CARLINHOS — Tôdas as árvores têm flôres?

VOVÔ — Tôdas. Flôres róseas, brancas, vermelhas ou amarelas. Algumas árvores têm flôres destituidas de pétalas vistosas, razão por que raramente são observadas.

CARLINHOS — Os polens das flôres são diferentes?

VOVÔ — Cada espécie de árvore possui espécie diferente de pólen. É bom observar que quando o vento sopra no momento em que as árvores estão em flor, flui no ar um amarelado constituido de milhões de pequeninos grãos de pólen saído das flôres, os quais se projetam por entre os ramos, subindo até a ponta pegajosa dos pistilos das flôres que produzem sementes da mesma espécie das árvores.

NEUSINHA — As árvores não dormem?

VOVÔ — Sei porque você fêz esta pergunta, Neusinha.

NEUSINHA — Por que, vovô?

VOVÔ — Porque hoje você está indisposta e houve momentos que você cochilou um pouquinho.

NEUSINHA — O vovô enxerga tudo.

VOVÔ — Vou responder a sua pergunta. As árvores também dormem. Mas logo que os raios do sol se espargem aquecendo a casca e os gomos, despertam do seu sono de inverno e a seiva surge ao longo do tronco, dos ramos e dentro dos gomos. As células absorvem a seiva e começam a inchar, aparecendo os rebentos.

CARLINHOS — É verdade, vovô, que grandes árvores têm sementes pequeninas e que estas permanecem centenas de anos com vida?

VOVÔ — É verdade tanto uma coisa quanto outra.

CARLINHOS — Por que muita vez surge sem se saber como uma árvore de espécie diferente das outras sem alguém a havar plantado?

VOVÔ — Por que não é só o homem que planta.

CARLINHOS — Não é só o homem?

VOVÔ — Ouça. As aves transportam sementes em suas penas que caem. Outras como o gaio escondem as sementes para comerem no inverno, deixando cair algumas que nascem. Os esquilos levam sementes enterrando-as no solo a fim de com elas se alimentarem no inverno. Acontece que não comem tôdas as sementes por êles armazenadas. Com isto, sem querer, plantam árvores.

NEUSINHA — Que coisa engraçada!

VOVÔ — As sementes das árvores que caem perto nascem junto das árvores que as produziram. Outras, no entanto, são levadas ao longo pelas águas e pelos ventos. Como estão ouvindo, as sementes são plantadas pelas próprias árvores, pelas correntes de águas, pelos ventos, pelos animais, pelas aves e pelos homens.

CARLINHOS — Exatraordinário!

VOVÔ — A Providência assim o determinou.

FREDI — Quanta coisa aprendemos sôbre as árvores!

VOVÔ — Na próxima semana eu lhes transmitirei alguma outra lição importante.

BIRUNGA — Por que na próxima semana? Hoje ainda é terça-feira!

VOVÔ — Porque tenho que dar um pulo à Argentina. Mas na próxima segunda ou terça estarei de novo com vocês. O Carlinhos os avisará.

Até a próxima semana.

TODOS — Até a próxima semana.

SEMENTE — SEMEAR

CARLINHOS — Vovô, quando você nos falou sôbre árvores eu fiquei pensando no fato delas mesmas, mais as aves, animais, ventos e águas, todos semearam. Eu pensava que só os homens semeassem.

VOVÔ — Já pensou, Carlinhos, na maravilha que é a semente? Que é semente?

CARLINHOS — Para mim é um grão como o de milho e o da laranja.

VOVÔ — Certo. Semente é uma grão ou substância que se semeia. Todos conhecem esta verdade. Mas nem todos têm parado para pensar na maravilha que é a semente. Como é que sendo lançada na terra possue a semente a faculdade de converter os alimentos que tira do ar e da terra na mesma espécie de árvore e de flor que a geraram? Como é que germina reproduzindo a planta de onde proveio? Milhares de sábios de todos os tempos nunca puderam atinar com êste mistério.

CARLINHOS — Eu já li que aquilo que é impossível aos homens é possível a Deus.

VOVÔ — Precisamente isto, Carlinhos. Só Deus pode explicar a razão dessa vida que se encontra em estado latente nas sementes.

CARLINHOS — E as sementes duram muito tempo com essa fôrça vital?

VOVÔ — Já se deparou nas pirâmides do Egito com sementes de trigo de 3 a 4.000 anos de idade. Como vê podem durar até milhares de anos. Outras há que duram também muito tempo. Outras morrem depois de poucas semanas se não encontram ambiente próprio de conservação.

CARLINHOS — Estou pensando agora numa coisa. Outro dia contei mais de quatrocentos grãos de milho numa espiga. E isso de um só grão plantado?

VOVÔ — Boa lembrança. Um pé de milho por exemplo produzindo duas ou três espigas de milho mostra como um grão de milho brotou, germinou e produziu mais de mil. Não é do mesmo modo esta multiplicação outra maravilha?

CARLINHOS — As sementes germinam em qualquer época?

VOVÔ — As sementes brotam na época do ano mais adequada à sua particular constituição e gênero de vida.

CARLINHOS — O vovô disse que as árvores respiram. As sementes também respiram?

VOVÔ — Como não? Nada na terra pode viver sem respirar. É outro segrêdo da natureza que a semente possa respirar. Mas não se esqueça da vida latente que possue e como tal a propriedade de respirar.

CARLINHOS — Têm as sementes, tôdas elas, a mesma fôrça?

VOVÔ — As sementes que se criam na escuridão são esbranquiçadas como são pálidas as crianças que se criam privadas de sol. Bem vê daí que umas são mais fortes do que outras.

CARLINHOS — Deve ser gostoso plantar.

VOVÔ — Todos têm o dever de semear. Semear as sementes das árvores, semear as sementes do bem. Quantos há que choram na velhice não possuírem árvore frondosa por causa da semente que não plantaram.

A vida exige luta de base. A desorientação dos alicerces traz amarguras sem par. O desânimo, a indolência, têm causado desastres a muitos. Vou contar-lhes uma história neste sentido. Querem?

TODOS — Queremos.

VOVÔ — Um jovem herdou de seus pais rica e fértil fazenda com enorme celeiro repleto de provisões: arroz, feijão, milho e café em vultosa quantidade.

O moço desabituado ao trabalho e às boas normas de vida folgava à noite dormindo durante o dia. O mato crescia na sua herdade. A abundância do paiol escasseava.

Vendia diàriamente cereais, milho e café aos vizinhos e forasteiros que por que lá passavam.

Um dia passou frente à sua porta outro jovem pedindo-lhe esmola. Sem dar-lhe atenção e por pilhéria jogou-lhe três grãos de milho por esmola. O pedinte aceitou-os.

O jovem herdeiro que não precisou trabalhar para adquirir o que possuia e que não tinha o juízo bastante para se lembrar quanto custou aos pais adquirir tão boa fazenda, sem ânimo para conservá-la e melhorá-la viu um dia o celeiro vasio. Havia vendido tudo. Nada mais tinha com que pudesse fazer dinheiro. Conheceu a necessidade, sentiu a miséria. Poderia ainda com o que tinha, com a terra fértil, carpir a terra, extrair a erva daninha, plantar e produzir. Mas não era homem para tal. Já se haviam passado muitos anos. Desesperado, anunciou a venda da fazenda. Surgiu um senhor simpático e distinto e fecharam o negócio. Depois de lavrada a escritura perguntou-lhe o comprador por que a vendeu. Respondeu o ex-dono.

— A terra não presta, nada produz.

Ao que o comprador retorquiu:

— O senhor está enganado. A terra é boa; o seu padrão o melhor da redondeza. Conheci os seus pais e como eles a adquiriram e a formaram e como produzia. Sem plantar, o mato crescendo por tôda a parte não pode produzir mesmo.

— Conheceu meus pais?

— Conheci. Tenho pegada à sua fazenda uma pequenina nesga de terra. Lembra-se de alguém que lhe pediu há muitos anos uma esmola e o senhor jogou-lhe três grãos de milho?

— Interessante, lembro-me disso. E não sei porque nunca aquêle homem me saiu da memória.

— Aquêle homem sou eu. Levei aquêles três grãos de milho para a minha insignificante porção de terreno e plantei-os. Formei pequena horta. Produziram. Fui aumentando de ano em ano a produção. Hoje estou rico e adquiri a sua fazenda e o senhor vai verificar em que mimo vou transformá-la.

CARLINHOS — Que lição preciosa, vovô!

BIRUNGA — Será que o preguiçoso a aproveitou?

VOVÔ — Quantos homens devem os seus triunfos ao resultado dos seus esforços! Plantando na mocidade e durante tôda a vida quanto se pode colhêr! Vitor Hugo, exemplo de trabalho constante, escreveu os miseráveis depois dos 60 anos. Galileu, outra vida digna de ser imitada, inventou o telescópio quando tinha 73 anos. O labor e a mente sadia colaboram com a nossa própria saúde. Semeemos meus netos e meus amiguinhos. Se os ventos, as correntes marítimas e as aves semeiam, quanto mais nós temos êsse dever.

NEUSINHA — O vovô fala com tanto entusiasmo! Eu também vou semear.

VOVÔ — Há no Chile aos lados de uma linha férrea um campo repleto de flôres. São flôres, as mais belas, chamando a atenção de todos os viajantes. Outrora, no entanto, era um campo vasio. Viu-o despido, uma missionária norte-americana. Voltou aos Estados Unidos, em férias. Retornando, trouxe um saco cheio de sementes e ao passar pelo trem através daquele campo espalhou-as ao vento. Hoje aquela flôres extasiam e alegram todos os que por ali passam.

NEUSINHA — Que lindo!

VOVÔ — Eu lhes disse que todos devem semear. Mas a tragédia é que realmente todos semeiam.

PAULO — Não compreendo.

VOVÔ — Os departamentos especializados dos Ministérios e Secretarias da Agricultura fazem a seleção de sementes. A tragédia entre os homens é a falta dessa selçeão. Uns semeiam adversidade, impulsividade, agressividade, discórdia, maldade, crime, inveja, despeito, difamação, calúnia.

PAULO — Agora compreendo.

BIRUNGA — Faz-me o Dr. Antônio lembrar-me de um senhor que teve a pachorra de escrever um artigo com o intúito único de prejudicar um homem de caráter de quem estou falando e conheço a hipocrisia e maldade do outro nascido na abundância, usurário e perverso com capa de santo que vive chorando lágrimas de crocodilo. Êle tem parentes e amigos, companheiros e sócios na perversidade de difamar.

VOVÔ — Você disse muito bem: companheiros e sócios; pois essa gente faz parte da sociedade dos demônios esquecida do encontro marcado que têm com Deus. Mas vocês que me ouvem, plantem sempre o bem. Semeiem justiça, bondade, amor. O amor é a essência de tôda felicidade. Deus é amor. Querem ouvir outra curta história?

TODOS — Queremos.

VOVÔ — Certo moço chamado João estava numa linda manhã plantando trigo. Um seu amigo perguntoulhe: João, que está fazendo? Ao que o João respondeu: — Semeando trigo.

— E que é que vai colhêr?

— Ora, trigo . Pois é trigo que estou semeando.

À tarde do mesmo dia estava o João, bravo dirigindo palavras pesadas contra seus pais, e o amigo inquiriu-lhe novamente:

— João, o que é que você está semeando agora?

FREDI — Boa, gostei.

VOVÔ — Quem semeia vento colhe tempestade.

PAULO — Nem há dúvida.

VOVÔ — Mas se há os que assim semeiam tão criminosamente erva daninha, há os que semeiam construtivamente para o bem do próximo.

Li escrito por uma jovem a história de seu avô que constituiu exemplo para tôda a sua geração. Trata-se de um senhor que tinha para o provento seu e da sua família a renda de um alambique. Quando a sua consciência foi despertada por um evangelizador mostrando-lhe o mal de viver à custa da bebida alcoólica que fabricava, bebida essa causadora de tantos crimes e desajustamentos, mandou derribar o alambique ainda que aquilo lhe causasse transtorno financeiro. Jamais poderia viver à custa da vida do próximo.

BIRUNGA — Depois de certos esclarecimentos que o senhor nos tem dado, mesmo fora dessas histórias que nos conta, em minha casa ninguém bebe mais nem cerveja, nem vinho, nada de álcool.

VOVÔ — Apresento-lhe e aos seus os meus parabéns por esta sábia resolução.

Com referência à boa sementeira quero terminar lembrando-lhes um dos maiores representantes da medicina no Brasil o eminente médico Dr. Miguel Couto.

Muitas e muitas vêzes enquanto grassava a febre amarela no Rio de Janeiro foi êle visto subindo os morros do Distrito Federal levando o lenitivo, o confôrto, a receita e o remédio a tantos quantos padeciam. Isso sem uma só recompensa a não ser a alegria de praticar o bem.

Em certa ocasião foi assistida mais ou menos a seguinte cena: Numa pobre casinhola das favelas sofredora mulher desesperada ouvia o lamento do marido muito mal, à morte, em extertores da febre amarela a dizer: vou morrer mesmo; quem se importa de socorrer miseráveis do morro! Nisso ouviu uma voz: Que é que há; cá estou eu! Era Miguel Couto quem vinha de encontro à miséria do meio, da casa, do ambiente e da enfermidade. Receitou, deu os remédios e curou o moribundo. Salvou-o!

Homens como alguns dos quais já lhes tenho mencionado e como o nobre Dr. Miguel Couto são um exemplo e um incentivo à prática, a semeadura do bem.

Semeiem, meus netinhos e meus amiguinhos, mas semeiem o bem. Pois "aquilo que o homem semear isso também ceifará".

CARLINHOS — Como é bom ser bom!

VOVÔ — Neste espírito sejam felizes. Até amanhã a todos.

TODOS — Até amanhã.

★

Êste livro foi composto
e impresso na
Gráfica e Editôra EDIGRAF Ltda.
à Rua Uruguaiana, 88
São Paulo — Brasil

★

3 Volumes 40.00

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 053010549

Composto e impresso
na
Gráfica e Editôra EDIGRAF Ltda.
Rua Uruguaiana, 88
São Paulo — Brasil